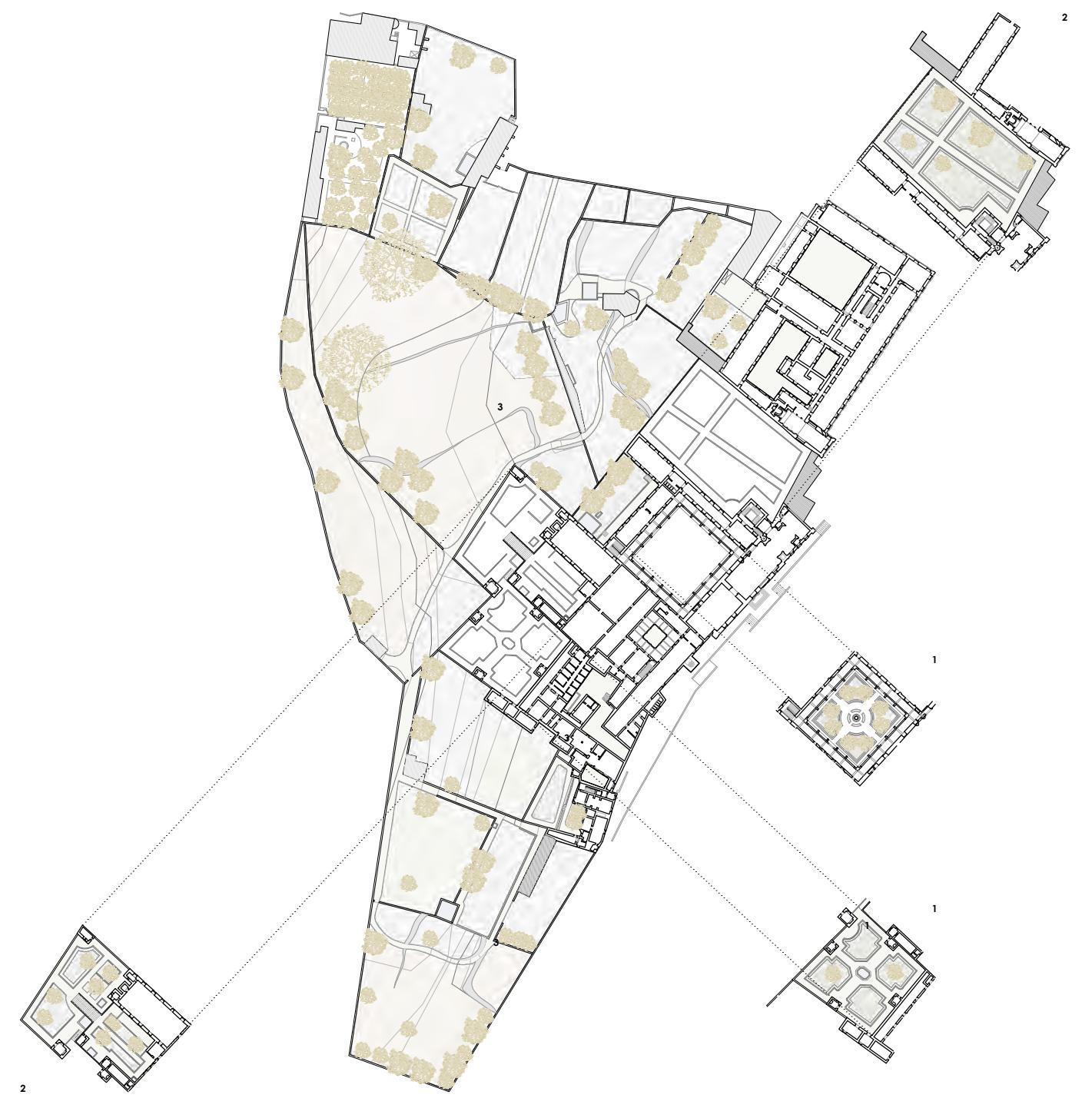


PLANTA DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS E SUA CERCA BASEADA NA CARTA DE FELIPE FOLQUE 1856



A CERCA DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS_SISTEMA DE HORTUS CONCLUSUS



1 - HORTUS CONTEMPLATIONIS
2 - HORTUS CATALOGI
3 - HORTUS LUDI

A CERCA DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS_SISTEMA DE PERCURSOS E ENTRADAS



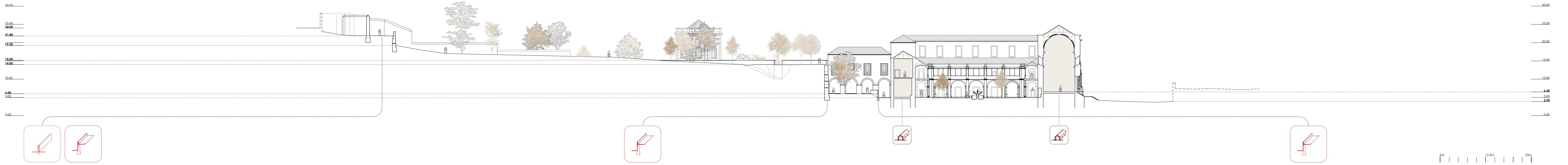
PERCURSOS PRINCIPAIS
PERCURSOS SECUNDÁRIOS
ENTRADA
ENTRADA (SUPosiÇÃO)



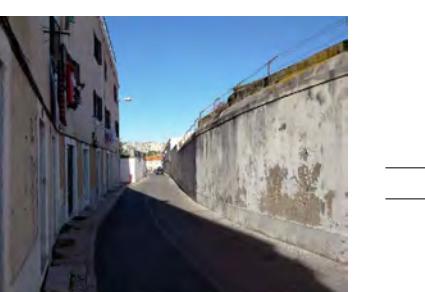
A CERCA DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS_SISTEMA DE VISTAS



VISTAS PRINCIPAIS
VISTAS SECUNDÁRIAS



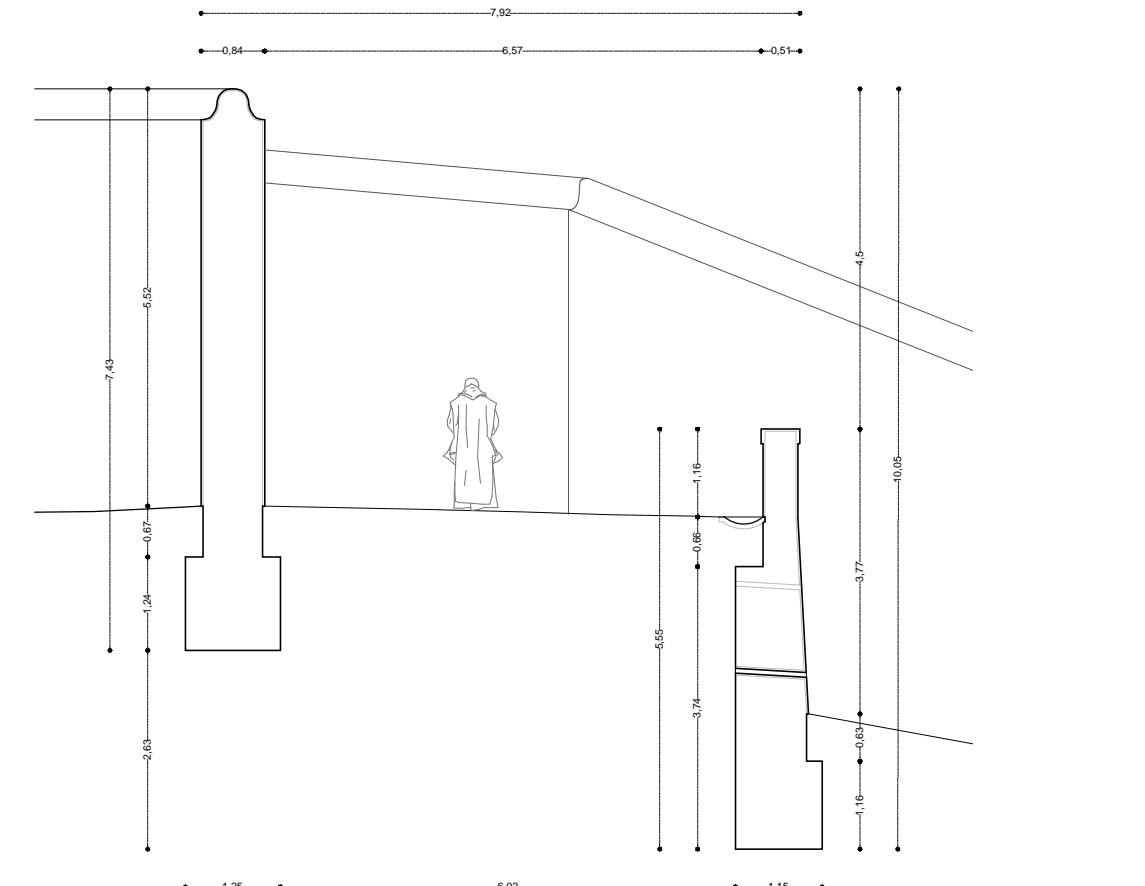
Conjunto definido por um muro simples de limite de propriedade e um muro de contenção de terreno. O primeiro tratando-se de como acima referido, o limite exterior deste recinto conventual, atinge uma altura considerável de modo a separar efectivamente a cerca, que neste área corresponde ao Hortus Ludi, do exterior, pois neste caso não existe qualquer diferença de cota entre exterior e interior da cerca. O Segundo serve um muro de contenção de terreno desenhando uma plataforma a partir da qual se observa a cerca e o Convento da Madre de Deus.



No que toca ao desenho do terreno, o muro simples não desempenha essa função de modo que tem uma expressão semelhante quer quando é contemplado do exterior quer quando é contemplado do interior, atingindo os 5,52m de altura. O muro de contenção de terreno vencendo uma diferença de cota de 2,60m, em relação à cota superior tem 1,16m atuando como guarda. Em relação à cota baixa, este já tem 3,77m de altura tendo uma presença assumida.

Do ponto de vista espacial estes dois limites contemplados separadamente, não proporcionam uma forma de permanecer assumida, sendo cada um deles elementar em si mesmos. Mas, enquanto para eles enquanto conjunto definem uma plataforma de mirante sobre a cerca que se estende, a partir da linha de festa que aqui culmina, vindo do Alto de São João, numa pendente relativamente suave, em direção à base do Vale de Chelas e ao Rio Tejo, a Nordeste e Sudeste respetivamente.

Para além disto, esta plataforma de mirante acaba por funcionar como elemento, que sendo relativamente contido, controla de certo modo a entrada que é feita no recinto conventual, nesta zona.



Conjunto definido por um muro simples de limite de propriedade e um muro de contenção de terreno. O primeiro tratando-se de como acima referido, o limite exterior deste recinto conventual, atinge uma altura considerável de modo a separar efectivamente a cerca, que neste área corresponde ao Hortus Ludi, do exterior, pois neste caso não existe qualquer diferença de cota entre exterior e interior da cerca. O Segundo serve um muro de contenção de terreno desenhando uma plataforma a partir da qual se observa a cerca e o Convento da Madre de Deus.

Limite interior da cerca. Muro de contenção de terreno. Os recintos conventuais ou monásticos que se encontram implantados na base das vales ou próximos destes têm características particulares que os separam dos outros, que se implantam nas colinas ou encostas. Aqui a topografia é desenhada de uma forma distinta. Nas situações em que estes recintos se encontram a cotas elevadas e em posições dominantes, sente-se que o desenho do terreno está relacionado com o olhar que alcança grandes distâncias, com o controlo territorial, de modo que, o que acaba por acontecer é que a redefinição da topografia tende para massas de terra construída como embasamentos, tratando-se no fundo de um processo de adjacência ao território. Neste caso em concreto trata-se do oposto. As operações realizadas na base dos vales tendem para a escavação e encosta dos espaços, remetendo mais para a subtração de matéria. Desta modo os espaços desenvolvem um carácter distinto, sendo mais introvertidos, pois territorialmente estão numa posição em que estão visualmente dominados. Este limite em concreto separa o Hortus Ludi de um pátio contíguo ao Convento da Madre de Deus. Este limite, tirando partido da grande diferença de cota desenha uma plataforma à cota alta que domina visualmente este pátio.

Construtivamente, tem a sua principal matéria na alvenaria de pedra, com o reboco como acabamento, mas relacionando-se diretamente com o convento tem remate com material mais nobre, neste caso em concreto um capêamento em ilox.

Topograficamente este muro tem uma presença muito semelhante que a partir da cota mais alta quer a partir da cota mais baixa, por tratar-se de uma diferença de nível mínima (apenas 1,09m), de modo que este tem de altura máxima simplesmente 2,09m.

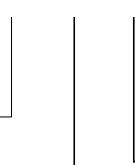
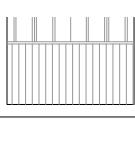
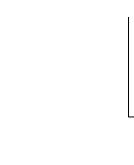
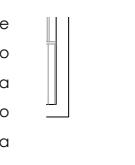
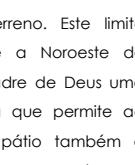
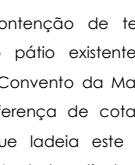
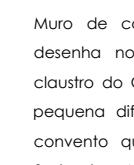
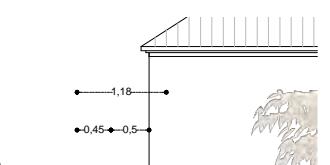
Do ponto de vista espacial, este limite não tem corpo suficiente para deturpar a leitura do pátio enquanto espaço integral e estável. Este é inequivocavelmente um só espaço. Mas há a ressalvar a sensibilidade que este pequeno muro demonstra ao desenhar o percurso aqui existente. Este vai agarrar a escala exata das arcadas do braço do convento que se estende a Nordeste deste pátio estabelecendo claramente os pontos de acesso a este espaço exterior e às zonas onde se estabelece a circulação, aquas como se de um claustro tratasse.

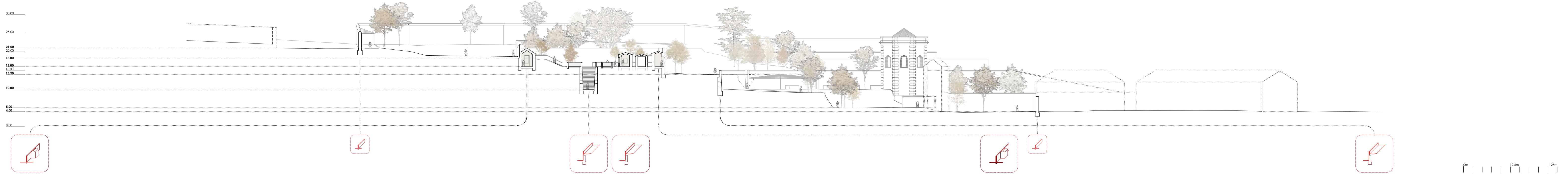
Muro de contenção de terreno. Este limite desenha no pátio existente a Nordeste do claustro do Convento da Madre de Deus uma pequena diferença de cota que permite ao convento que ladeia este pátio também a Sudoeste e Nordeste articularse com o terreno. Definido no fundo duas cotas, a mais alta sendo uma plataforma que ocupa grande parte deste pátio e outra mais baixa que define um percurso configura ao convento que ladeia o pátio a Sudeste.

Topograficamente este muro tem uma presença muito semelhante que a partir da cota mais alta quer a partir da cota mais baixa, por tratar-se de uma diferença de nível mínima (apenas 1,09m), de modo que este tem de altura máxima simplesmente 2,09m.

Do ponto de vista espacial, este limite não tem corpo suficiente para deturpar a leitura do pátio enquanto espaço integral e estável. Este é inequivocavelmente um só espaço. Mas há a ressalvar a sensibilidade que este pequeno muro demonstra ao desenhar o percurso aqui existente. Este vai agarrar a escala exata das arcadas do braço do convento que se estende a Nordeste deste pátio estabelecendo claramente os pontos de acesso a este espaço exterior e às zonas onde se estabelece a circulação, aquas como se de um claustro tratasse.

Espaçialmente, este exemplo em concreto demonstra efetivamente a forma como os espaços mais desenhados desta cerca, que se inserem em direta continuidade com o convento são caracterizados. Este muro em si mesmo não desenha uma forma de permanência, mas é essencial na definição do pátio acima referido, que é definido como um





Muro com programa adoçado. Limite entre Hortus Ludi e Hortus Catalogi. O Hortus Catalogi tipologicamente é um espaço que vai para além de um simples horto ou pomar. As espécies vegetais presentes neste espaço também cumprem a função de abastecer o convento ou mosteiro, mas mais do que isso este espaço atua como repositório científico, local de recolha de conhecimento. Desta modo é necessário que esta tipologia de espaço exterior seja acompanhada de espaços que incorporem programas que apoiam toda a atividade que aqui ocorre. O limite deste espaço é, portanto, um muro em que em determinados pontos lhe é anexada pequenas construções que lhe conferem espessura e lhe permitem ser habilitado de forma mais significativa. Este muro para além de agarrar esses pequenos anexos tem como objetivo separar o Hortus Catalogi de outros espaços, para que o seu carácter não seja contaminado, e o papel de referência no universo de uma cerca seja assegurado. Portanto este muro atinge uma cota que corta qualquer tipo de relação com os espaços na sua imediação.

Topograficamente, este limite implanta-se num enclave bastante dinâmico. Este muro ocupa por cima também como muro de contenção de terreno, pois o terreno a poente do Hortus Catalogi encontra-se a uma cota mais elevada, pois vem a acompanhar a pendente natural do terreno. O Hortus Catalogi pela sua importância tende a ser um espaço estabilizado não só em planta como também em corte. Portanto naturalmente que o desenho da plataforma onde se insere este espaço origina uma quebra no terreno que o limite em questão resolve. É de realçar também a forma como o corpo que se agarra a este limite fica encavado por completo no terreno devido ao acesso, na forma de uma escada, que é feito a um patamar que se encontra a uma cota mais elevada e que contorna este corpo deixando apenas o alcôada voltado a Nordeste desimpedido. Dentro destas condições este limite tem uma presença muito mais afirmada no Hortus Catalogi.

atingindo os 6,00m, enquanto que a partir do exterior atinge apenas 3,30m. Relativamente ao espaço de apoio em questão, a sua cerca chega aos 3,43m, mas só existe a sua leitura no alcâada Noroeste, nos restantes a cerca está a 1,43m do solo.

Espacialmente este enclave traduz-se numa situação que não reporta apenas a um espaço mais a vários, visto que, o limite em questão está neste ponto a estabelecer uma transição entre duas plataformas, mas que ao mesmo tempo controla visual sobre uma terceira que se encontra a uma cota bastante inferior. O corpo que se agarra a este muro, pelo sua implantação, profundamente encavado no terreno, atua como rótula pois define a forma como a escada é desenhada. À cota do Hortus Catalogi accede-se a este espaço de apoio que funciona como uma massa que abre o terreno e desenhe um espaço de uma escada bastante contida. Lateralmente a este corpo, a parte de Nordeste, a transição que se estabelece entre o Hortus Catalogi e o espaço seguinte a uma cota superior é pontuado por um tanque que desenhe a entrada para a escada que se subir alta sobre o espaço a uma cota inferior anteriormente mencionado. Ao chegar ao topo da escada, já na plataforma superior o corpo em questão define o sentido em que continua o percurso.

O espaço desenhado por estes portentosos muros de suporte traduz-se numa espécie de fenda, onde se esconde uma escadaria confida numa transição de grande tensão. Para além deste aspeto, como referido anteriormente, esta escada é controlada visualmente de ambos os lados. Este efeito é produzido pelo fato como esta transição de cota é desenhada contra o terreno, colocando a plataforma mais elevada em torno da escadaria. Esta posição de predominância é ainda reforçada pela presença de um pequeno lanço de ambos os lados que reforça de algum modo vontade de permanência no limiar da plataforma elevada, controlando o espaço existente à cota inferior.

Conjunto composto por dois muros de contenção de terreno. Estes limites têm a particularidade de, ao contrário de outros casos de espacos que surgem a partir do muro, não ter o seu acesso a partir do Hortus Catalogi. Este corpo aqui em questão implantado no topo Nascente do Hortus Catalogi, e é limitado a Nordeste pelo muro que define este espaço exterior. A Sudeste este volume é definido pelo Convento da Madre de Deus, e o seu acesso é desenhado pelo interior do convento, de modo que este volume surge de casas voltadas para o Hortus Catalogi. Lateralmente a este volume surgem dois muros semelhantes que partilham os mesmos principais. Este limite impede ainda qualquer relação com a escada que encosta ao Norte e a Oeste o Hortus Catalogi.

Topograficamente este conjunto representa uma operação bastante affirmativa. Estes muros ao mesmo tempo que contêm o terreno rasgam-no de forma a desenhar o espaço onde se encaixa a escada. Ao definir uma diferença de cota tão pronunciada, naturalmente que a sua presença é distinta quando contemplada quer a partir da cota alta quer a partir da cota baixa, a altura que este muro atinge é de 1,10m e 7,10m respetivamente, vencendo portanto, 6,00m de diferença de cota.

O espaço desenhado por estes portentosos muros de suporte traduz-se numa espécie de fenda, onde se esconde uma escadaria confida numa transição de grande tensão. Para além

deste aspeto, como referido anteriormente, esta escada é controlada visualmente de ambos os lados. Este efeito é produzido pelo fato como esta transição de cota é desenhada contra o terreno, colocando a plataforma mais elevada em torno da escadaria. Esta posição de predominância é ainda reforçada pela presença de um pequeno lanço de ambos os lados que reforça de algum modo vontade de permanência no limiar da plataforma elevada, controlando o espaço existente à cota inferior.

Este limite atua também como mecanismo de desenho topográfico definindo a plataforma mais elevada do Hortus Catalogi, estabelecendo uma elevação em relação à pendente do terreno a Nordeste. Desta modo apesar do limite em questão já possuir uma cerca bastante afirmada, esta é mantida por uma questão de desenho, estabilizando a altura do muro a partir do interior, aumentando ainda mais a sua altura em relação ao exterior. Assim, este limite, tem a partir do interior 5,00m, e a partir do exterior 6,70m.

Espacialmente, este limite, encerra de forma muito clara a plataforma elevada do Hortus Catalogi ao estabilizar a sua cerca nos 5,00m como já referido. Para isto é curioso resolver a forma como o volume que se adoca a este limite, pronunciando-se sobre o Hortus Catalogi não tem uma relação afirmada com esta, mas acaba por furar a cinta periférica que o limite em questão define em relação ao Hortus Catalogi, através de um vão que olha sobre a cerca que se desenvolve em direção a Nordeste a uma cota inferior.

Límite definido por muro com programa adoçado. Este caso em concreto tem a particularidade de, ao contrário de outros casos de espacos que surgem a partir do muro, não ter o seu acesso a partir do Hortus Catalogi. Este corpo aqui em questão implantado no topo Nascente do Hortus Catalogi, e é limitado a Nordeste pelo muro que define este espaço exterior. A Sudeste este volume é definido pelo Convento da Madre de Deus, e o seu acesso é desenhado pelo interior do convento, de modo que este volume surge de casas voltadas para o Hortus Catalogi. Lateralmente a este volume surgem dois muros semelhantes que partilham os mesmos principais. Este limite impede ainda qualquer relação com a escada que encosta ao Norte e a Oeste o Hortus Catalogi.

No topo da escada que encosta ao Hortus Catalogi, o papel deste limite é explícito, criando uma diferença de cota de 3,92m, fazendo com que a partir da cota superior a 5,00m, e a partir da cota inferior os 5,00m. Esta sucessão de patamares ou pelo menos de pendentes menos acentuados são a forma através da qual uma escada é humanizada permitindo a sua ocupação.

Do ponto de vista do espaço, este limite em concreto é bastante elementar não propõe uma forma de permanência assumida, mas o seu desenho possibilita uma série de ocorrências que espacialmente são interessantes, particularmente no que toca ao preciso momento da mudança de cota. Neste caso concreto traduz-se numa situação em que, no preciso momento em que o muro em questão é atravessado, o terreno torna-se escavado criando uma situação de tensão semelhante à das escadas existentes no Hortus Catalogi.

Este limite atua também como mecanismo de desenho topográfico definindo a plataforma mais elevada do Hortus Catalogi, estabelecendo uma elevação em relação à pendente do terreno a Nordeste. Desta modo apesar do limite em questão já possuir uma cerca bastante afirmada, esta é mantida por uma questão de desenho, estabilizando a altura do muro a partir do interior, aumentando ainda mais a sua altura em relação ao exterior. Assim, este limite, tem a partir do interior 5,00m, e a partir do exterior 6,70m.

Espacialmente, este limite, encerra de forma muito clara a plataforma elevada do Hortus Catalogi ao estabilizar a sua cerca nos 5,00m como já referido. Para isto é curioso resolver a forma como o volume que se adoca a este limite, pronunciando-se sobre o Hortus Catalogi não tem uma relação afirmada com esta, mas acaba por furar a cinta periférica que o limite em questão define em relação ao Hortus Catalogi, através de um vão que olha sobre a cerca que se desenvolve em direção a Nordeste a uma cota inferior.

No topo da escada que encosta ao Hortus Catalogi, o papel deste limite é explícito, criando uma diferença de cota de 3,92m, fazendo com que a partir da cota superior a 5,00m, e a partir da cota inferior os 5,00m. Esta sucessão de patamares ou pelo menos de pendentes menos acentuados são a forma através da qual uma escada é humanizada permitindo a sua ocupação.

Do ponto de vista do espaço, este limite em concreto é bastante elementar não propõe uma forma de permanência assumida, mas o seu desenho possibilita uma série de ocorrências que espacialmente são interessantes, particularmente no que toca ao preciso momento da mudança de cota. Neste caso concreto traduz-se numa situação em que, no preciso momento em que o muro em questão é atravessado, o terreno torna-se escavado criando uma situação de tensão semelhante à das escadas existentes no Hortus Catalogi.

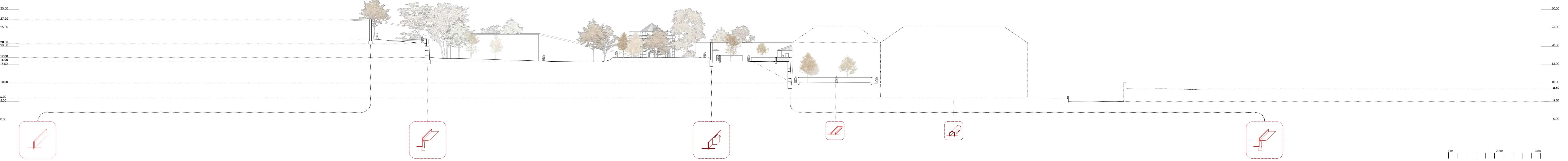
Este limite atua também como mecanismo de desenho topográfico definindo a plataforma mais elevada do Hortus Catalogi, estabelecendo uma elevação em relação à pendente do terreno a Nordeste. Desta modo apesar do limite em questão já possuir uma cerca bastante afirmada, esta é mantida por uma questão de desenho, estabilizando a altura do muro a partir do interior, aumentando ainda mais a sua altura em relação ao exterior. Assim, este limite, tem a partir do interior 5,00m, e a partir do exterior 6,70m.

Espacialmente, este limite, encerra de forma muito clara a plataforma elevada do Hortus Catalogi ao estabilizar a sua cerca nos 5,00m como já referido. Para isto é curioso resolver a forma como o volume que se adoca a este limite, pronunciando-se sobre o Hortus Catalogi não tem uma relação afirmada com esta, mas acaba por furar a cinta periférica que o limite em questão define em relação ao Hortus Catalogi, através de um vão que olha sobre a cerca que se desenvolve em direção a Nordeste a uma cota inferior.

No topo da escada que encosta ao Hortus Catalogi, o papel deste limite é explícito, criando uma diferença de cota de 3,92m, fazendo com que a partir da cota superior a 5,00m, e a partir da cota inferior os 5,00m. Esta sucessão de patamares ou pelo menos de pendentes menos acentuados são a forma através da qual uma escada é humanizada permitindo a sua ocupação.

Do ponto de vista do espaço, este limite em concreto é bastante elementar não propõe uma forma de permanência assumida, mas o seu desenho possibilita uma série de ocorrências que espacialmente são interessantes, particularmente no que toca ao preciso momento da mudança de cota. Neste caso concreto traduz-se numa situação em que, no preciso momento em que o muro em questão é atravessado, o terreno torna-se escavado criando uma situação de tensão semelhante à das escadas existentes no Hortus Catalogi.

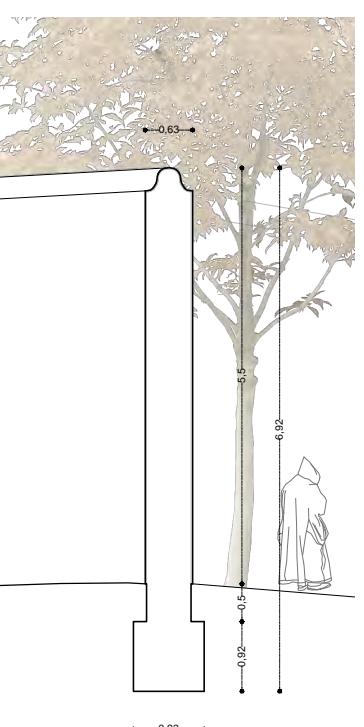




Muro simples de limite de propriedade. Limite exterior da cerca, definindo, portanto, a separação entre o exterior e o espaço do Hortus Ludi. Este limite atinge uma altura significativa de forma a cumprir adequadamente a sua função de separar a cerca conventual da sua envolvente. Vista que neste troço não existe qualquer diferença de nível entre o exterior e interior do recinto, a cerca, estando de forma geral numa posição em que é dominada, não permite uma relação visual com a medieção.

Topograficamente este limite não gera nenhum tipo de operação mais assumida, atuando como simples divisória. Assim a sua presença quer a partir do interior, quer a partir do exterior é semelhante, atingindo os 5,50m de altura. Céreca necessária para garantir em relação ao exterior o isolamento necessário.

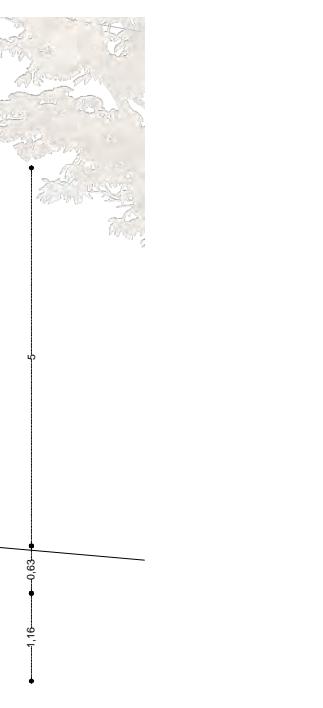
Espacialmente, este muro quando encarado individualmente não propõe uma forma de estar ou de permanência em si mesmo. A única forma de espacialidade surge quando este limite se alia muro de contenção de terreno existente a Sudeste. Através destes dois elementos é estabelecida uma plataforma à cota alta que define um espaço de mirante sobre a cerca que se desenvolve para Sudeste. Mas estes limites no topo Nordeste da cerca encontram-se muito próximos, de forma que a plataforma de mirante acima referida é bastante clara. À medida que estes limites se estendem em direção a Sul, vão se afastando cada vez mais, de forma que a plataforma em questão se vai diluindo até se fundir com a pendente do terreno.



Muro de contenção de terreno. Este limite define a separação entre a plataforma de mirante existente à cota mais alta da cerca, no seu extremo Nordeste e um grande espaço de cultivo que se desenvolve para Sul e Sudeste de acordo com a pendente. Assim é estabelecida uma relação de dominância visual entre plataforma e a restante cerca que se estende de forma suave até cota mais baixas.

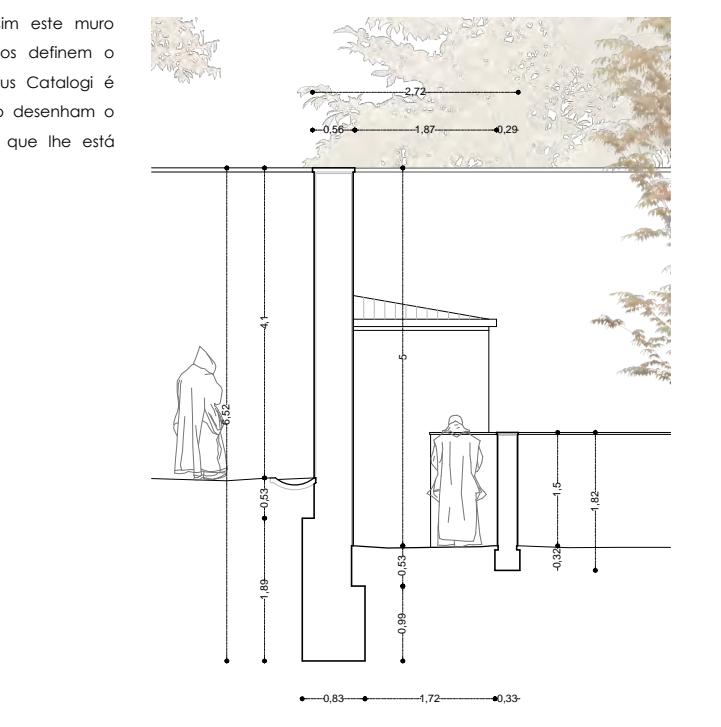
Do ponto de vista topográfico, é evidente o papel deste muro estabelecendo uma diferença de cota de 3,80m que separam os dois espaços em questão. Desta forma, em relação à plataforma, este limite atua apenas como guarda, atingindo 1,17m de altura, enquanto no verso oposto este chega aos 5,00m.

Espacialmente, este elemento está, como analisado no limite anterior, vinculado por uma interdependência que se vai tornando ténue para este modo definir espaço. Espaço este, tratando-se da plataforma de mirante, que como já referido se vai gradualmente diluindo até desvanecer na pendente do terreno.



Muro simples com programa adocado. Este limite representa a divisão entre Hortus Ludi e Hortus Catalogi. Apesar de serem ambos espaços do universo de uma certa convenção, Hortus Ludi e Hortus Catalogi têm vocações eminentemente distintas. Desta forma este limite, apesar de não constituir um limite exterior deste recinto, atinge de igual modo uma altura considerável com o intuito de separar efetivamente estes espaços exteriores com caracteres diferentes. Ao mesmo tempo, este muro ter uma céreca tão alta permite-lhe ser o elemento que acaba por agarrar as pequenas edificações de apoio aqui existentes proporcionando um sentido de unidade e isolamento.

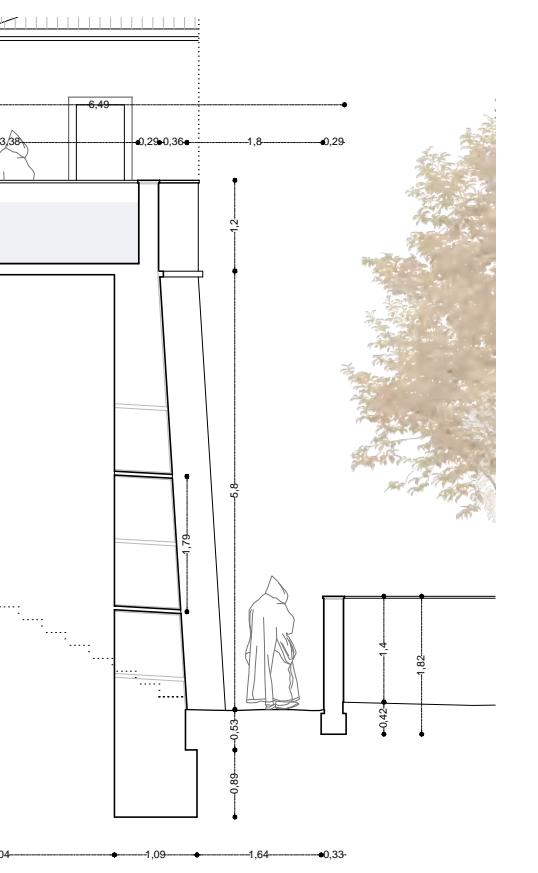
Topograficamente, este limite não desenha nenhuma operação de transformação de terreno que quando contemplado tanto do Hortus Ludi, como do Hortus Catalogi, este tem uma presença relativamente semelhante atingindo 4,10m e 5,00m respetivamente.



Catalogi propriamente dito. Assim este muro aliado aos muros mais pequenos definem o espaço através do qual o Hortus Catalogi é acessado do universo de uma certa convenção. Trata-se, portanto, no fundo, de uma sucessão de espaços semelhantes que olham um sobre o outro. Sendo ambas Hortus Catalogi.

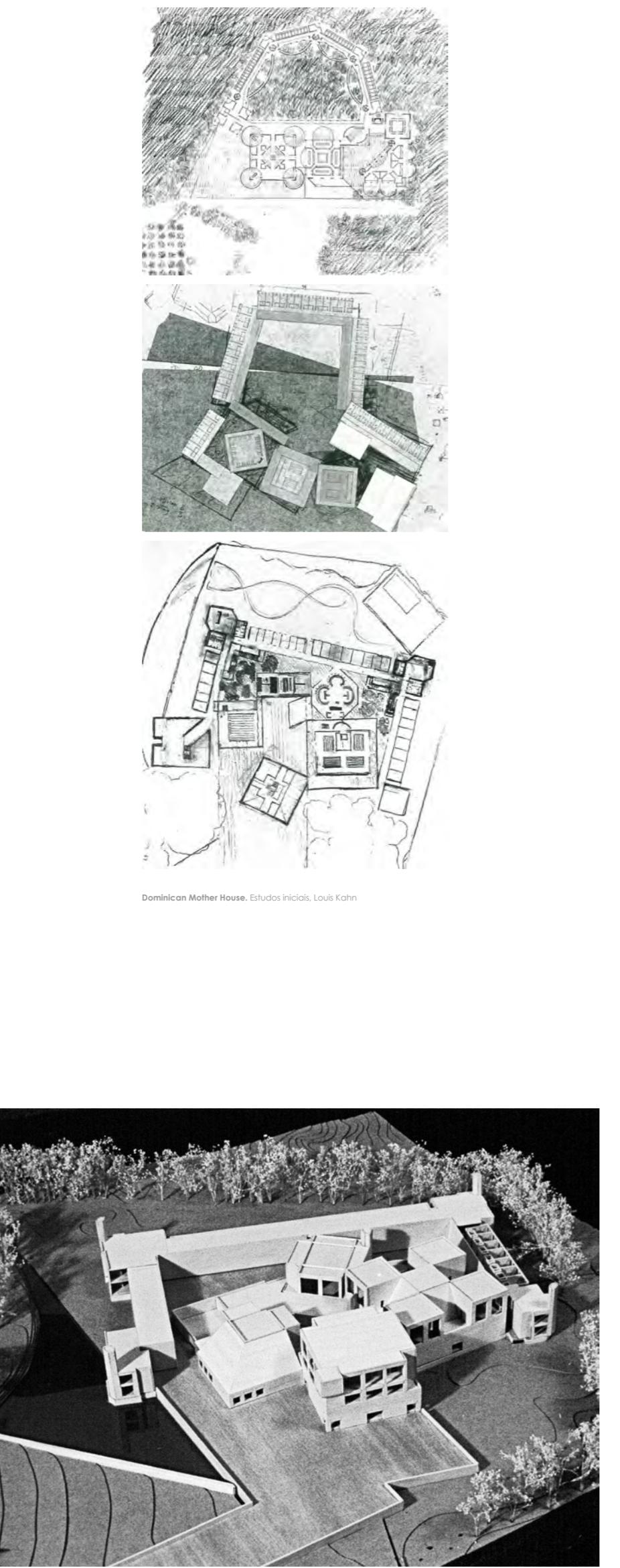
Topograficamente é clara a força da operação que este limite define. Enquanto a partir da cota alta atua como uma guarda tendo 1,10m de altura, à cota baixa este limite, ao vencer uma diferença de nível de 5,80m atinge em relação ao Hortus Catalogi a cota mais baixa 7,00m de altura.

Espacialmente, a simples operação de definir uma plataforma que domina visualmente outra traduz numa relação de grande complexidade, pois este muro é, à semelhança do caso analisado anteriormente, sempre acompanhado em ambas as cotas dos muros mais pequenos que definem os canteiros do Hortus Catalogi. Podemos aqui falar então de duas plataformas que se articulam através de uma rede de percursos definidos através de limites de dimensões consideráveis e limites mais pequenos. De referir que esta relação entre limites de dimensões maiores e de dimensões mais pequenas é essencial na definição da espacialidade destas áreas e surge com o limite maior a delimitar o espaço e o limite mais pequeno a definir o percurso e o cantinho o que leva a uma vivência que atua da perfeita destes espaços para o interior. Assim redescobre-se a importância das espécies vegetais que possam estar representadas. Neste caso em concreto este limite é também acompanhado por um tanque à cota alta. A Águia é também um elemento que marca presença frequente nestes espaços, sendo o elemento essencial à sua perpetuação e que enriquece ainda mais a atmosfera destes espaços. Este limite é ainda um exemplo concreto do carácter que os espaços exteriores das cercas implantadas na base dos vales possuem. Este grande muro de contenção que define o Hortus Catalogi de cota mais baixa



5m





Dominican Mother House. Maquete versão final

4.6 CASOS DE ESTUDO _ LOUIS KAHN - DOMINICAN MOTHER HOUSE MEDIA, PENNSYLVANIA, 1965-1969, NÃO CONSTRUÍDO

Apesar do mosteiro dominicano de St. Catherine de Ricci ter sido a primeira oportunidade para projetar uma verdadeira estrutura monástica, o mosteiro enquanto tipologia, serviu anteriormente como modelo de referência para os projetos institucionais de Louis Kahn.

O projeto do mosteiro é encorajado a Kahn em Março de 1965, que incluiu dormitórios, uma capela, um refeitório, salas de aula, biblioteca e espaços administrativos.

Kahn adotou desde inicio uma abordagem fora do convencional, procurando uma interpretação não-tradicional do programa. Intenção bem recebida pelas religiosas que procuravam construir uma instituição progressista. Mas apesar desta aproximação excepcional ao projeto, Kahn procurava sempre que possível estabelecer relação com os mosteiros medievais.

Os esquemas iniciais do arquiteto articulavam quatro corredores de dormitórios, segundo o estatuto dos seus habitantes - postulantes, novícias, irmãs conversas novas e mais velhas - colocadas na orla de um bosque a sul do local de implantação, de forma a criar três lados de um claustro tradicional, com os elementos públicos do programa formando o quarto lado, definindo o lado norte do claustro.

Cada um dos elementos públicos do mosteiro, capela, refeitório, salas de aula e torre de entrada foram inicialmente concebidos em planta enquanto quadrados, mas a determinado ponto na conceção do projeto, estes elementos públicos assumiram para o arquiteto tal grau de independência que, em vez de redesenhar continuamente estes elementos em diferentes configurações gerais em planta, Louis Kahn optou por tratar cada elemento como peças recortadas, para que se convertessem em parte de uma composição feita através de colagem, podendo assim ser movidas livremente para formar várias soluções em planta.

Assim o esquema do mosteiro passou a possuir um centro irregular e assimétrico e uma orla geometricamente ordenada. Este projeto estabelece uma relação muito concreta com a organização típica dos edifícios monásticos no que toca à organização dos dormitórios, sendo organizados em três lados de um pátio retangular com as proporções de dois quadrados posicionados lado a lado. Relativamente à colocação dos espaços públicos, cada um é tratado como elemento independente dentro do pátio, enchendo-o efetivamente, deixando apenas espaços exteriores irregulares entre as geometrias simétricas do hall de entrada, refeitório, salas de aula e biblioteca.

Esta quebra com a estrutura tipológica monástica habitual produziu uma série de espaços de carácter mais "urbano" dentro do projeto, como uma pequena povoação que Louis Kahn implantou no topo de uma colina rural.

Enfatizando este esquema está a linha de árvores que o arquiteto propôs, atuando como limite-paisagem em torno de três dos lados do complexo, com um lago a limitar o quarto lado a norte.

No desenho final do mosteiro era notória uma nuance na articulação das sutis diferenças entre espaços privados, semiprivados, semipúblicos e públicos dentro do complexo criando uma interconectividade entre todo o programa.

O pátio de dois andares é formado por uma ala, virada a norte, de quartos para postulantes, uma ala mais longa orientada a nascente, onde a metade norte é composta por quartos para novícias e a metade sul composta de quartos para as novas irmãs conversas e por último uma ala orientada a sul para as irmãs conversas veteranas.

A ala mais longa é quebrada ao centro onde através da intersecção com o refeitório se faz o acesso ao mesmo, articulando em simultâneo a diferença entre os dormitórios.

Em cada um dos cantos do U formado pelas alas dos quartos existem espaços de serviço, compostos por banhos comuns e salas comuns com lareira e alcova. Nas paredes das alas dos dormitórios que limitam o pátio central os vãos são desenhados de forma a se alinharem com as portas dos quartos, enquanto os espaços públicos dentro do grande pátio têm as suas paredes predominantemente cegas, recebendo luz zenital.

Na aproximação ao complexo, através de um pavimento em pedra, a torre de entrada desenha a chegada ao mosteiro. Com quatro andares, é o elemento mais alto de toda a composição e o único que se destaca do grande pátio. À esquerda, ou a norte, encontra-se a escola e a sul, para lá da torre de entrada encontra-se a capela, inscrita num quadrado de 24 metros sendo o maior dos espaços públicos.

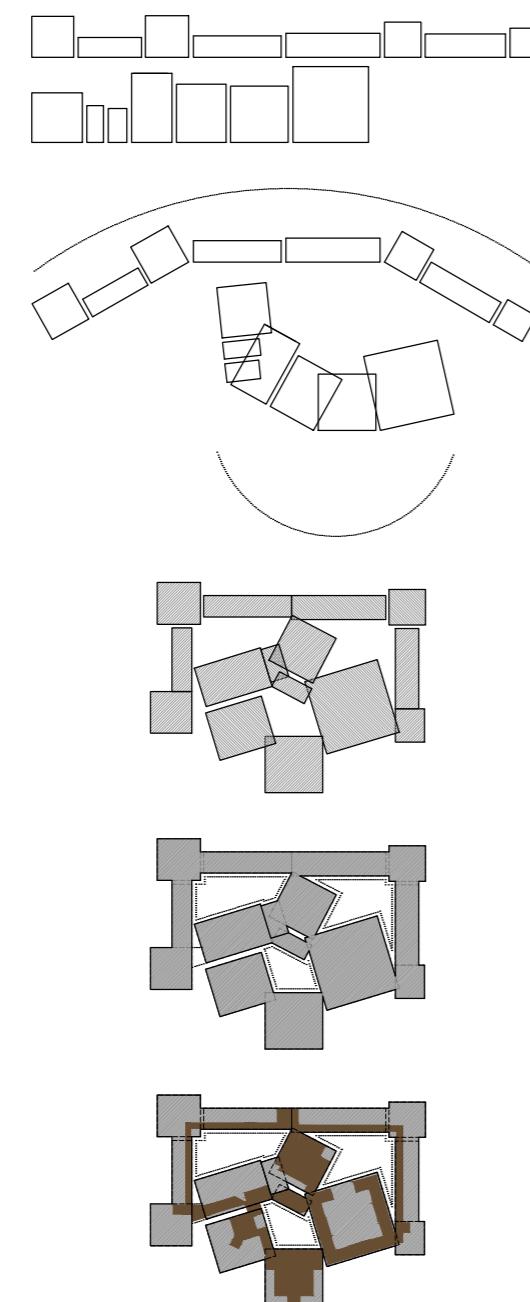
Para além de proporcionar a aproximação ao conjunto, o pavimento de pedra é rematado numa praça trapezoidal mesmo em frente da torre de entrada, realçando o seu carácter de acesso principal. Esta primazia da torre de entrada é ainda mais enfatizada pelo facto de que é necessário andar sobre um relvado em vez de um pavimento mineral para chegar à entrada da capela.

Cada um dos espaços públicos do mosteiro é um quadrado em planta, intersectando-se nos cantos, onde são abertas passagens. O edifício da escola alinhado com a capela é subdividido em quatro salas mais pequenas, três delas sendo salas de aula e a restante utilizada como acesso a uma grande sala de leitura localizada no piso superior.

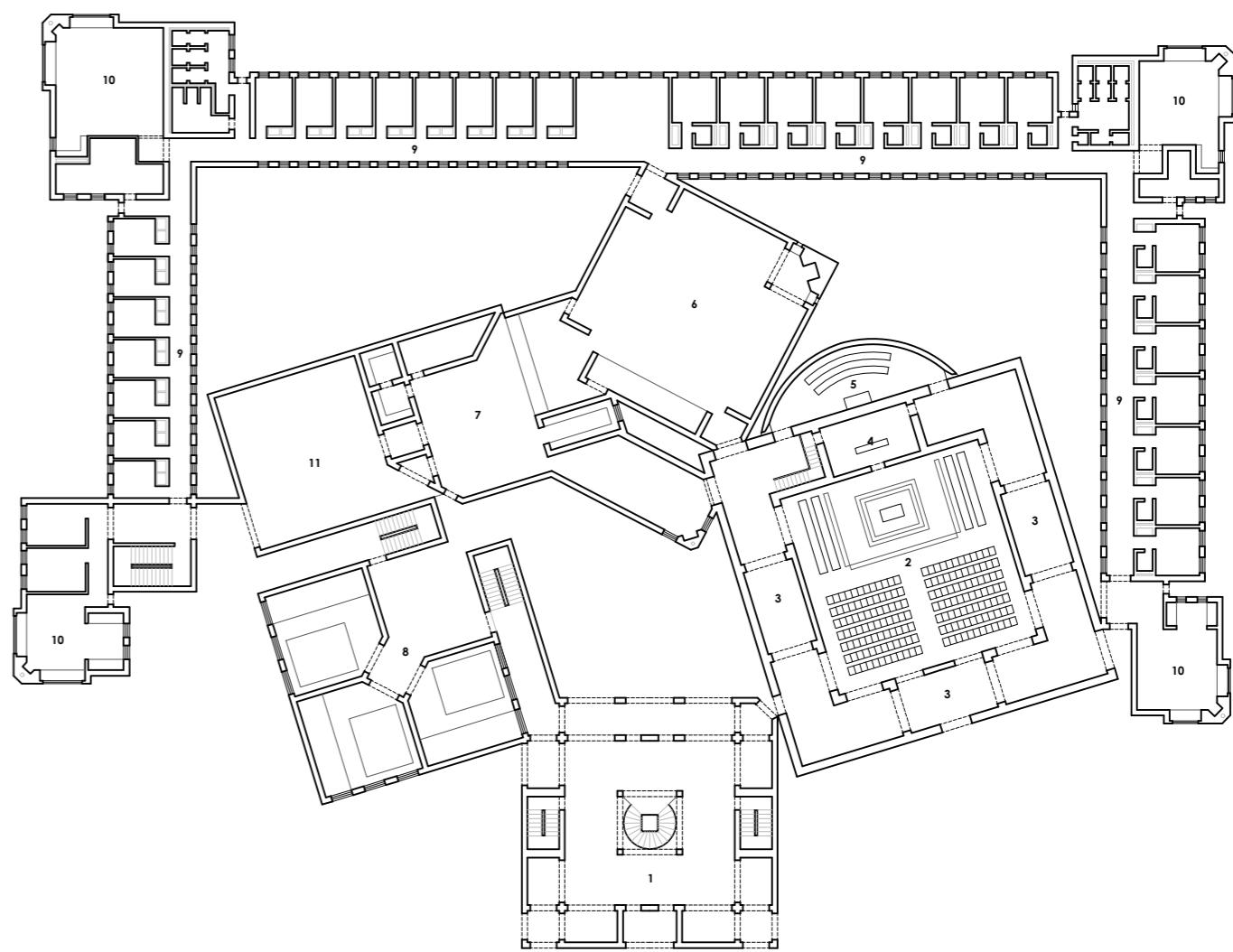
O refeitório rodado 45° em relação à capela possui quadrados mais pequenos em cada um dos cantos, formando um espaço cruciforme no centro, providenciando vestíbulos para os dormitórios, capela e cozinha, com uma lareira no restante canto.

A torre de entrada, confinada com paredes duplas criando um quadrado dentro de outro quadrado, alberga o hall de entrada no piso de entrada e a área administrativa no piso superior. Por último a capela é um quadrado cruciforme em planta com a dimensão interna de 9,5 metros e delimitando este espaço central há um deambulatório que define a periferia deste volume.

O projeto da casa dominicana pode ser encarado como um conjunto de "dentros" ou "interiores" que buscam a sua resolução mútua num espaço particular. Uma solução que começa na procura de definição uma divisão, espaço elementar e depois se desenvolve numa sociedade de espaços, produzindo uma arquitetura de conexão. A Dominican Motherhouse funciona como uma vila autossustentável onde a orla de quartos define um invólucro protetor sobre o programa público, definindo entre estes, espaços exteriores protegidos.



PLANTA DO MOSTEIRO DOMINICANO



PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO

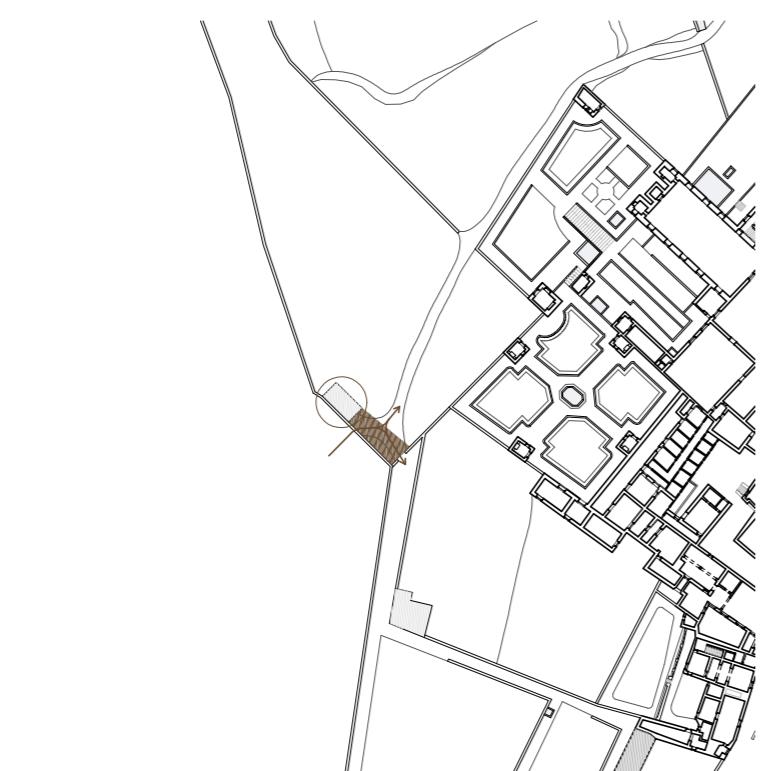
- 1 - TORRE DE ENTRADA
- 2 - SANTUÁRIO
- 3 - DEAMBULATÓRIO
- 4 - SACRISTIA
- 5 - CLOÍSTRO
- 6 - REFEITÓRIO
- 7 - COZINHA
- 8 - SALAS DE AULA
- 9 - CELAS
- 10 - SALA DE REUNIÕES
- 11 - PÁTIO DE SERVIÇOS

0m | 10m | 25m

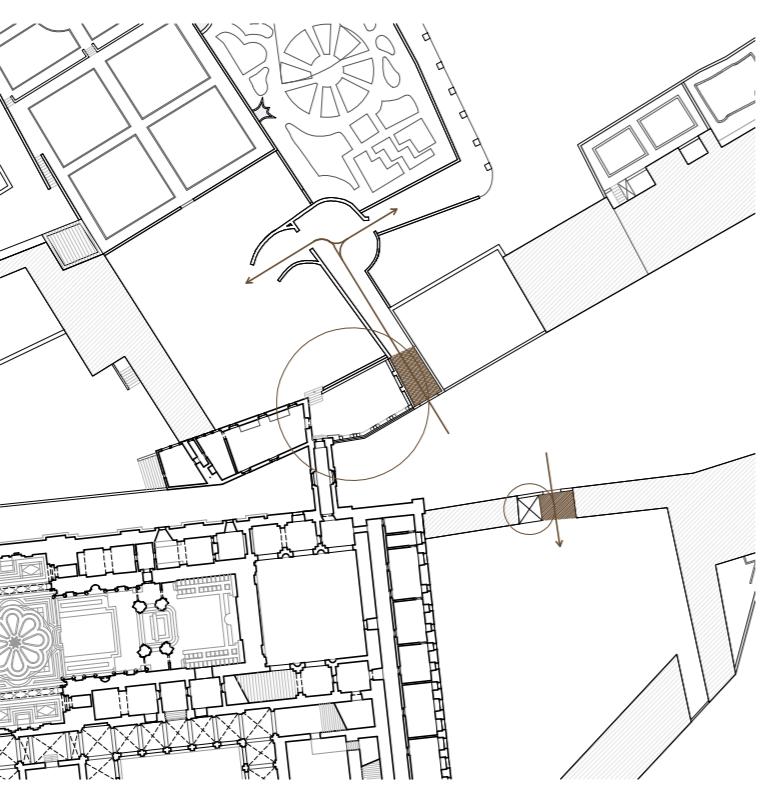
PROCESSOS DE ENTRADA NAS CERCAS



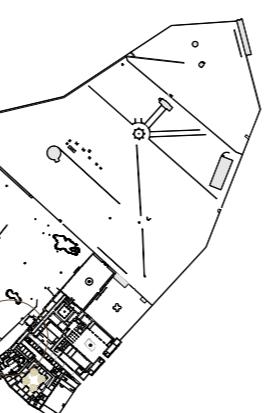
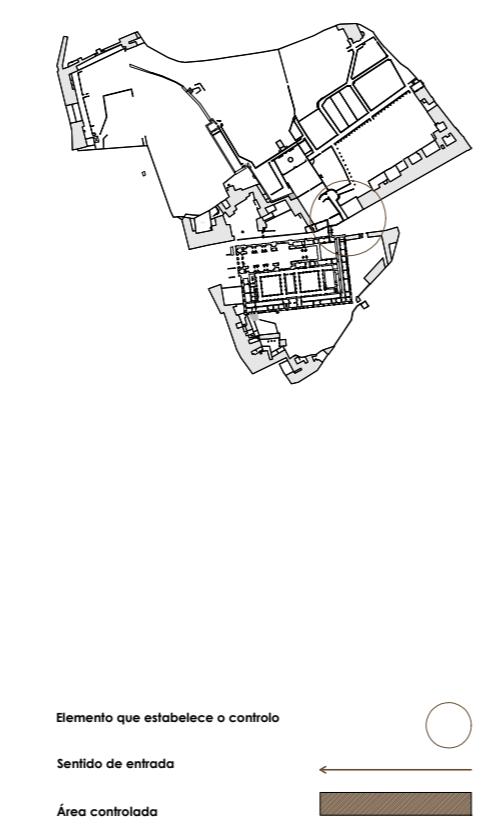
Um dos processos de entrada na cerca do Convento das Necessidades



Um dos processos de entrada na cerca do Convento da Madre de Deus



Um dos processos de entrada na cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora



4.7 CONCLUSÕES

Este trabalho tem como génese o projeto realizado no âmbito da cadeira de projeto avançado III, que consistia na criação de um centro de cultura contemporânea para a cidade de Lisboa. Neste caso deste trabalho em concreto, o projeto incidiu nas imediações do Convento da Madre de Deus em Xabregas, na parte oriental de Lisboa.

Daqui surgiu o mote para o tema de investigação que atuará como cerne do trabalho. As cercas conventuais e monásticas. E como, a compreensão das distintas dimensões destes recintos poderiam informar, enriquecer e melhorar, trazendo clareza conceptual, o projeto do centro de cultura contemporânea.

Na origem destes recintos está a necessidade primordial, inerente ao homem sedentário, de se proteger a si e ao que é seu. A ideia de definir um recinto revela-se fulcral. Os espaços confinados por muros eram encarados como refúgios, trazendo a paisagem indomada em que o homem a consegue compreender e controlar, estabelecendo uma noção de estabilidade cósmica. Esta é a função primordial do limite e do recinto. Paralela à vontade de organização está também a de proteção. A ideia de definir um interior protegido e particular de um exterior desconhecido.

A estratégia de definir recinto materializa-se nos complexos monásticos e conventuais na sua forma mais sofisticada. As cercas dos grandes conventos e mosteiros foram capazes de atingir prosperidade eliminando o perigo de serem atacadas. Esta condição permitiu o desenvolvimento de grandes complexos que incluíam jardins, pomares, hortas, cemitérios, boticas, etc., onde o trabalho e a contemplação eram colocados em pé de igualdade. Deste modo o jardim era elevado acima de uma simples unidade de produção transformando-o numa fonte de prazer e reflexão. A noção de Hortus Conclusus atinge aqui o seu expoente máximo.

À medida que estes espaços se vão aprimorando e evoluindo na definição das suas características, mais evidente se torna a necessidade de organização e definição. Cada tipo de Hortus Conclusus ilustrava aspectos programáticos distintos dos espaços cultivados. O paraíso terreno atua como cenário para o lazer e prazer sensorial (Hortus Ludii), o Hortus Catalogi por sua vez atua como repositório da natureza, para trabalhar e aprender, cumprindo o papel da instrução e conhecimento. O papel da contemplação é desempenhado pelo Hortus Contemplationis, onde ocorre a meditação, reflexão e ascese. Portanto cada tipo de hortus remete para diferentes capacidades de absorver a envolvente: experiência sensorial, entendimento intelectual e abstração mental. Podemos assim perceber que nestes universos protegidos ocorrem conceções espaciais de grande especificidade e complexidade dependendo na sua essência de espiritualidade ou produtividade.

As cercas não definiam uma simples relação dentro/fora. O muro da cerca define um eixo de assimetria onde se contrapõem o esparto e sedução do horizonte distante, instância universal, intemporal (exterior/paisagem), com o que se consegue perceber sensorialmente com clareza e proximidade (interior/cercas). O elemento que relaciona estas duas instâncias, vastidão e contenção, ao mesmo tempo separando-as e articulando-as é o limite. Limite este que quer seja mais dilatado ou confinado, provoca uma distensão no espaço gerando uma realidade intermédia capaz de conciliar o ato de absorver e conferir uma paisagem com a sua dimensão exterior ilimitada. O limite/clausura marca a distinção entre dentro e fora, ordem e desordem, humanizado e selvagem. Na sua forma mais pronunciada, materializada na forma de muro, restringe-se a troca entre interior e exterior a aberturas e passagens para que a transposição entre dentro e fora seja conscientemente experienciada.

Esta condição introduz-nos um dos temas de grande importância no funcionamento dos recintos conventuais e monásticos, o processo de entrada nestes universos recatados. A generalidade das passagens permite tanto uma entrada como uma saída. Mas há passagens, que não impedindo o movimento inverso, permitem-nos deduzir no próprio objeto e instância espacial da passagem, que esta nos pretende conduzir numa determinada direção, encaminhando-nos em direção a algo. Nas cercas este facto é particularmente relevante. As passagens e portas têm um significado especial. Nestas condições, o ato de entrega espiritual é enfatizado pela arquitetura, na forma como se definem as passagens e os limites por elas transpostos.

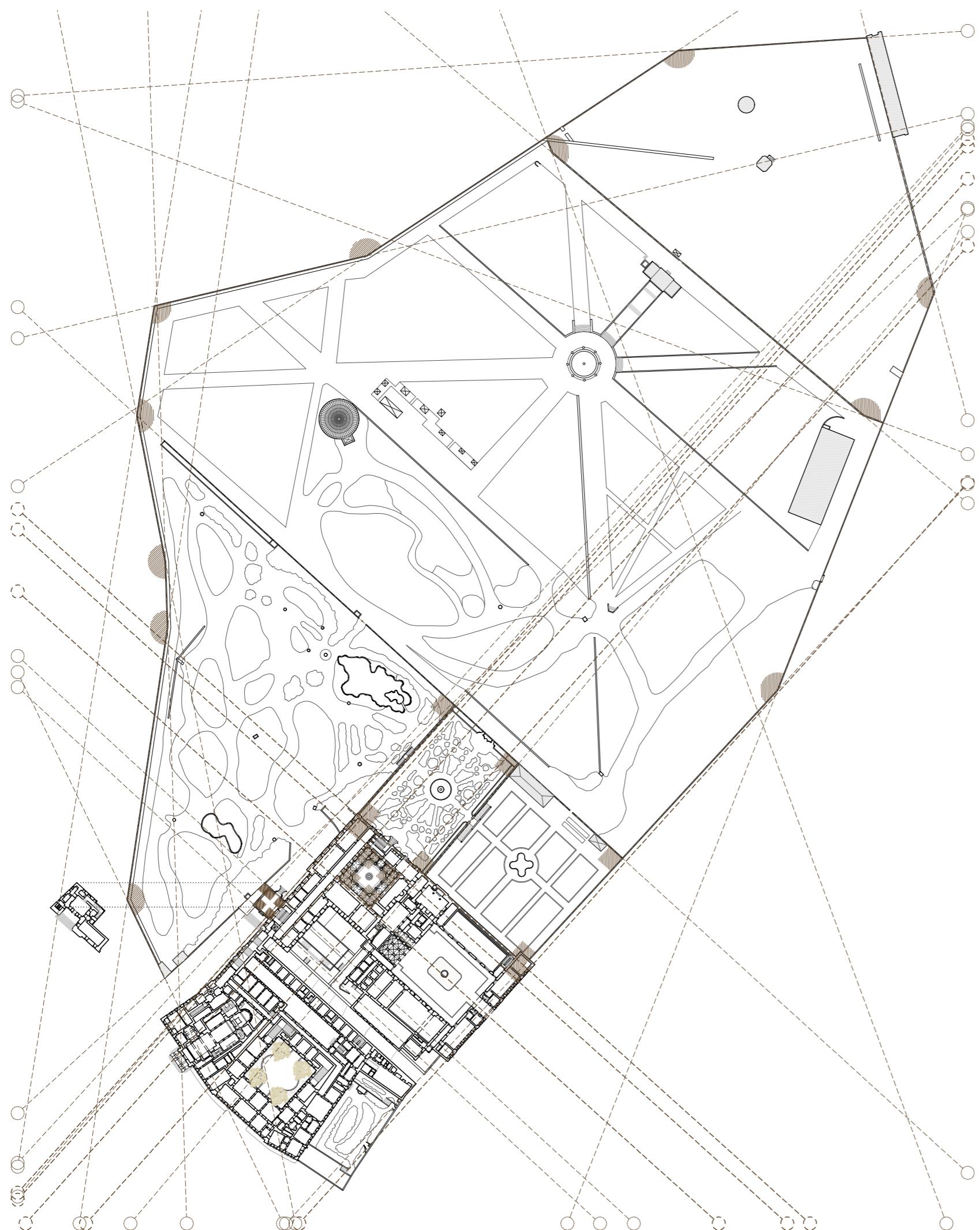
Podemos constatar pelos exemplos analisados a complexidade espacial atribuída ao ato de penetrar uma cerca. Este processo nunca é, de uma forma geral, efetuado de um modo direto ou descontrolado. As passagens fazem-se muitas vezes acompanhadas de programa. Quando o próprio convento ou mosteiro não constitui parte do próprio limite, é usual definirem-se portarias que controlam a entrada. Quando não existe programa a apoiar as entradas, há então uma sucessão de acontecimentos que provocam uma série de mudanças de direção ou de cota.

Este contorcionalismo espacial não ocorre simplesmente quando se transpõe o perímetro murado de uma cerca. Como já mencionado, com a complexidade espacial que as cercas foram adquirindo através da sublimação de cada um dos seus hortus, houve a necessidade de articulá-los e hierarquizá-los dentro das cercas. Os limites, mais propriamente muros, são os articuladores entre o centro destes universos selados, o claustro, de grande importância espiritual, com os espaços mais exteriores destes recintos, as matas ou bosques, de importância sensorial.

O claustro ou Hortus Contemplationis, tendo a maior importância espiritual, tem também a complexidade espacial. Articula e conecta em seu redor o programa de maior importância do convento ou mosteiro através de um espaço exterior. Assim o claustro é ou mesmo tempo aberto e fechado. Um pátio vivido como um jardim, com um passeio coberto periférico formando uma galeria, que capta um pedaço do céu, remetendo para a presença de Deus. Este é o espaço onde a arquitetura mais se impõe sobre o jardim.

À medida que nos afastamos do âmago da cerca, a importância espiritual dos espaços decresce, de modo que, a complexidade arquitetônica dos limites que os definem também acompanha esta tendência. Nesta instância intermédia, que sucede de forma imediata

EIXOS ORIENTADORES



Eixos principais
Eixos secundários
Eixos terciários

ou convento ou mosteiro, os espaços cultivados ganham o papel de repositórios biológicos, locais para a aquisição do conhecimento. Trata-se do Hortus Catalogi. Aqui, em vez de jardins de um desenho absolutamente geométrico de perfeição matemática, são definidos pomares e hortas. Estes espaços eram prolongamentos exteriores diretos do convento ou mosteiro, baseando-se nos eixos que orientavam o edifício para se orientarem dentro da cerca. Ocorriam então, através da transformação topográfica, plataformas que gravitavam em torno do edifício religioso posicionando-o perante o terreno e o território. A riqueza espacial destes limites era conferida pelos acontecimentos particulares como portas, passagens abertas, nichos, esquinas, mudanças de cota, eixos visuais, etc. Estes limites tinham espessuras particulares, criando espaços de estar. Não dividiam simplesmente duas realidades. Mais que isso, realizavam operações topográficas, pondo o terreno ao serviço do edifício, proporcionando planos minerais que atuam como base para o surgimento da vegetação, tudo isto perfeitamente articulado com o edifício religioso. Definiam-se relações paradoxais entre espaços dominantes e espaços dominados. Neste caso são as condições físicas que ditam o desenvolvimento do espaço. São estes os espaços que estabelecem a transição para a orla mais exterior da cerca.

Quando posicionamos o nosso olhar sobre a fresta mais periférica dos recintos conventuais e monásticos, podemos observar que aqui os limites perdem complexidade espacial e atingem a sua forma mais básica. Os espaços adquirem um pendor mais produtivo e iúdice, transmitindo aos espaços a possibilidade da fruição. Trata-se do Hortus Ludi, onde, dentro do recinto da cerca, o recreio toma a sua forma mais evidente. No Hortus Ludi a utilização da vegetação aproxima estes espaços de bosques ou matas, demonstrando uma composição orgânica. São a representação da natureza numa forma ligeiramente contida. Aqui a definição espacial pode ser meramente administrativa e a transformação da topografia é orientada em função do terreno e não do convento ou mosteiro. No Hortus Ludi há, de uma forma geral, menos estabilidade. A pendente natural do terreno é em grande parte preservada, não sendo definidas plataformas. Nesta situação os muros comportam-se como linhas artificiais que acompanham uma linha natural.

Envolvendo todo este processo está o muro exterior da cerca propriamente dito, derradeiro limite, que através da sua materialidade mais rude transmite de modo contundente a ideia de fechamento e intransponibilidade. Nestes recintos é clara a forma como na imediação direta do edifício conventual ou monástico há um tratamento mais erudito, sofisticado e complexo dos espaços exteriores enquanto nas orlas exteriores os espaços são deixados numa forma mais crua e modesta. Assim se estabelece uma perfeita cadência entre jardim-claustro-edifício-horta/pomar-bosque/mato-paisagem/exterior.

Encerram-se aqui as conclusões sobre os aspectos transversais às cercas e dá-se inicio à análise das questões mais particulares, mais concretamente dos recintos integrados em território lisboeta. Na cidade de Lisboa as cercas posicionam-se perante o território de acordo com três tipos de ocupação: a implantação em colinas, a implantação em encostas ou a implantação em vales. Cada um destes tipos de ocupação enfatiza diferentes aspectos do território e cada um destes tipos de ocupação territorial é apoiado por um caso de estudo.

As motivações que justificam a ocupação de uma colina estão relacionadas com a condição defensiva. Uma naturalmente elevada com uma colina possui uma aptidão natural para a monitorização territorial. Tendo em conta que o papel defensivo era também desempenhado por estruturas conventuais e monásticas, particularmente durante a Idade Média, mais concretamente no decorrer da reconquista cristã aos mouros, é portanto compreensível que alguns dos conventos e mosteiros de fundação mais antiga em Lisboa se tenham posicionado em colinas, atuando como estruturas fortificadas complementares ao castelo. Estas cercas constituiam ao mesmo tempo polos atrativos para o desenvolvimento urbano. De forma a responder a estas condicionantes as cercas necessitavam de um fechamento muito assumido e eficaz.

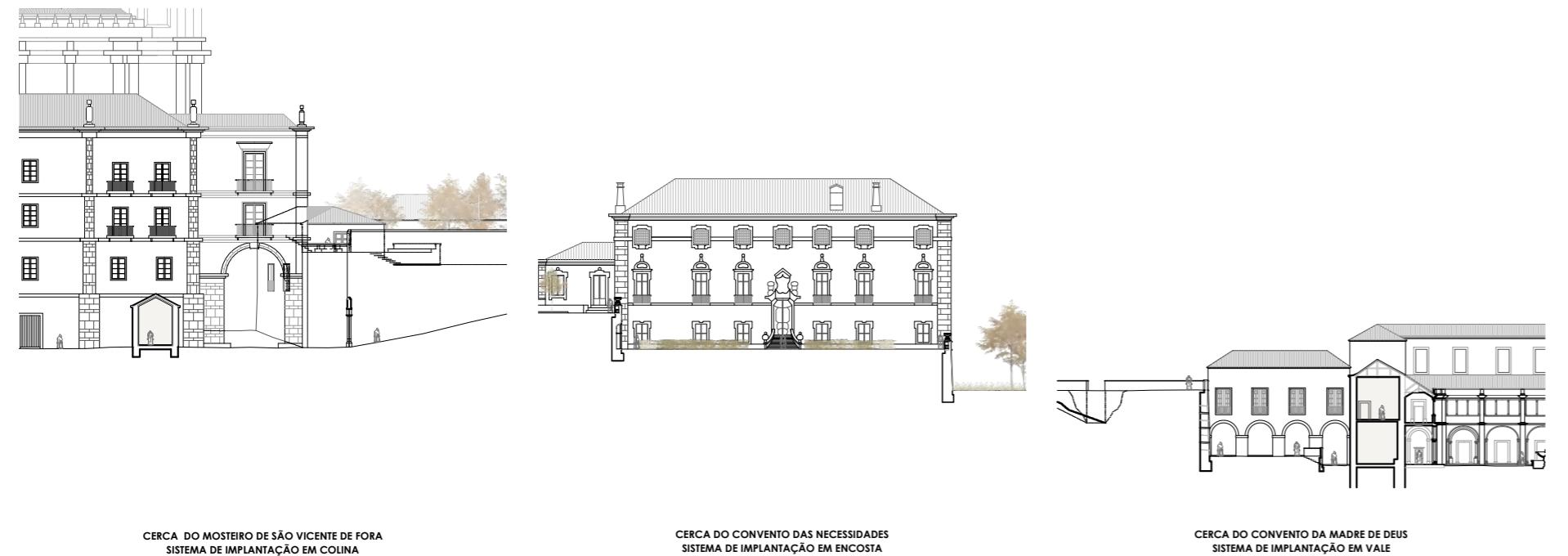
Numa dimensão político-social, estes recintos ao se posicionarem numa colina materializavam a supremacia da ideologia cristã, pontuando a imagem da cidade de Lisboa. Em termos ideológicos a ocupação de locais elevados realçava o aspecto espiritual da contemplação territorial.

Focando as motivações físicas deste tipo de ocupação territorial podemos constatar que as colinas proporcionam condições particulares. Os cabeços, estando expostos a fortes agentes erosivos, vão expondo os seus afloramentos rochosos e degradando os solos mais brandos. Esta condição determina a baixa produtividade e dureza dos terrenos que caracterizam estes locais.

Uma cerca ao ocupar uma colina tem na tipologia do embasamento o seu mecanismo de transformação topográfica. Este tipo de solução ao lidar com pendentes resulta na criação de uma solução arquitetonicamente compacta e pouco orgânica. A criação de embasamentos proporciona em relação à envolvente uma elevação acentuada. Assim é possível uma relação aberta com o exterior sem comprometer a privacidade e reclusão da cerca. Os limites periféricos da cerca acabam atuando simplesmente como uma guarda deixando ver o exterior. Os recintos de colina são caracterizados por uma certa estabilidade, de modo que não havendo grande diferença morfológica entre os diferentes hortus, os limites têm um papel fulcral na definição dos espaços.

O caso de estudo que acompanha este sistema de implantação é a cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora. Este recinto caracteriza-se pela definição de duas grandes plataformas. Uma principal a norte do mosteiro e uma secundária a sul. A plataforma principal pode ser caracterizada como um planalto artificial que se forma na área mais alta da colina e, à medida que se estende para zonas mais baixas, vai ganhando altura em relação à envolvente, atuando como uma massa de terra contida sobranceira ao exterior. Esta proporciona uma série de terraços com controlo sobre o território. Este aspecto evidencia claramente a vertente de controlo territorial associada a este recinto. Para além disto a condição de terraço é determinante na morfologia do perímetro murado, resultando na criação de limites de contenção de terreno de

O CARÁCTER DOS ESPAÇOS DE ACORDO COM OS DIFERENTES SISTEMAS DE IMPLANTAÇÃO



MORFOLOGIA DO PERÍMETRO MURADO DE ACORDO COM OS DIFERENTES SISTEMAS DE IMPLANTAÇÃO



grande dimensão, mas que em relação ao recinto atuam apenas como guardas. Não havendo, de um modo geral, diferenças de cota significativas dentro do recinto monástico, os espaços morfológicamente não sendo resultantes do encaixe no terreno resultam numa série de "caixas" abertas ao céu. A plataforma secundária partilha os mesmos princípios, resultando esta também num grande terraço sobrencerio ao território.

O segundo tipo de ocupação territorial é a implantação em encostas. Enquanto a ocupação de uma colina remete claramente para o domínio territorial, a ocupação de uma encosta remete mais para a contemplação do que para o controlo. No aspecto político-social não há uma grande afirmação por comparação com a ocupação de uma colina. Ao não ocupar os lugares mais proeminentes o convento ou mosteiro integra a sua volumetria no tecido urbano, não pontuado de forma tão afirmativa o contexto urbano.

Na relação visual com o território este sistema de implantação tem um carácter ambíguo. Isto ocorre porque ocupando uma encosta debruçada sobre um vale, há um confronto inevitável com a vertente oposta. No âmbito da vivência urbana, esta condição é geradora de tensão. Por outro lado, as encostas podem encarar um horizonte ou realidade afastada. No caso concreto de Lisboa, evidencia-se a margem sul do Rio Tejo. Nesta circunstância há um grande desafogo visual e portanto, maior ausência de tensão do ponto de vista urbano.

Do ponto de vista físico, a encosta é a área por correm os nutrientes, de modo que, para proporcionar alguma retenção de matéria orgânica se recorra à solução de erguer muros de contenção tornando o declive menos pronunciado. Esta condição afeta o carácter geral deste tipo de recintos. Morfológicamente estas cercas têm um carácter pouco transformador, mantendo-se a leitura geral da pendente. Nas encostas as alterações topográficas são resultantes de um processo transladatório de terreno. Na estabilização do terreno, a matéria removida a jusante é colocada a montante, amenizando o terreno.

Em relação ao carácter dos espaços intramuros, o ambiente dos espaços resulta em situações não muito afirmativas, resultando em momentos que oscilam entre a reclusão e a contemplação territorial. Os diferentes hortus dominam e são dominados. Esta condicionante coloca estes recintos em constante tensão devido. Este aspeto diz, de um modo geral, o modo como se relacionam estes recintos com a envolvente urbana. Apesar das cercas de encostas poderem estar ligeiramente elevadas em relação ao seu entorno mais imediato, não deixa de haver a necessidade de o muro exterior atingir uma altura considerável em relação ao interior do recinto de modo a atuar efetivamente como barreira, cortando a relação com o exterior.

O exemplo que providencia o suporte a este sistema de encosta é a cerca do Convento das Necessidades. Este recinto caracteriza-se por uma pendente, que sendo artificial se aproxima muito da pendente natural existente no lugar, ligeiramente elevado em relação ao entorno urbano, constituindo uma massa de terra confida entre muros. Este recinto por existir numa constante relação de tensão entre dominar e ser dominado leva a que morfológicamente o perímetro murado se configure como um muro se suporta de terreno mas que se eleva bastante em relação a este cortando a relação com a envolvente. Aqui é permitida a relação com o exterior apenas em locais muito específicos, por exemplo, no corpo de entrada no convento. Esta condição é exemplificadora de uma certa componente contemplativa inerente a este recinto. A morfologia espacial nesta cerca é variada. O Hortus Ludi resulta numa pendente segmentada por alguns muros de contenção que ao se aproximar das cotas mais baixas se vai elevando em relação à envolvente. O Hortus Contemplationis e Catalogi são resultado da definição de duas plataformas através de muros de contenção. Sendo o Hortus Contemplationis dominado pelo Hortus Catalogi. Estes espaços gozam de uma abertura regrada aos lhes ser ainda possível contemplar acontecimentos envolventes. Mas devido ao carácter de planos parcialmente encaixados no terreno a relação com o exterior é ligeiramente condicionada. Aqui a topografia tem um papel de importância na definição do carácter dos espaços ao afetar morfológicamente os limites que os definem.

O último sistema de implantação é composto pelas cercas implantadas em vales. O vale do ponto de vista ideológico, na sua forma côncava configura uma "taça" na qual se contemplava o céu e se recebiam as graças divinas. A concavidade proporcionava também o isolamento e recolhimento necessário às práticas religiosas remetendo ao mesmo tempo para a virtude da humildade.

Do ponto de vista físico o vale proporcionava as condições de fertilidade ideais. Aqui os religiosos encontravam os solos mais férteis e os caudais de água adequados para alimentar jardins, hortas, pomares e matas. A escolha dos sítios de implantação em vales está então, do ponto de vista físico, predominantemente relacionada com a proximidade à água e a existência de solos férteis.

As cercas em vales cingiam-se maioritariamente à zona inferior da encosta, estendendo-se até à base do vale. As zonas mais elevadas destas cercas, geralmente mais declivosas ficavam reservadas para as matas. Nas cotas mais baixas definiam-se hortas e pomares, pois estes beneficiavam de condições mais favoráveis. De modo a se estabelecer uma prática agrícola adequada, eram levadas a cabo operações de transformação do terreno. Daqui eram resultantes terraços ou socalcos, ligados por escadas e suportados por muros de contenção. Este ato de definir socalcos constitui o impacto duradouro do homem sobre o terreno. Estes terraços permitiam por vezes contemplar o exterior sem comprometer a reclusão.

De um modo geral as operações topográficas consistiam em processos de subtração de matéria, definindo espaços introversos relacionando-os apenas com o céu. Esta condição, do ponto de vista simbólico, remete novamente para a reclusão e humildade.

Os limites exteriores são de um modo geral impeditivos de uma relação com o exterior, pronunciando-se de forma afirmada perante o interior do recinto. O posicionamento de um recinto num local rebaixado como um vale faz com que este esteja sempre dominado. Assim, de modo a definir uma barreira efetiva, os limites exteriores definem-se altos cortando a relação

com o entorno.

O caso de estudo que apoia a análise desta tipologia de recintos é a cerca do Convento da Madre de Deus. Este recinto tem o seu epicentro na base do vale de Chelas, uma área caracterizada por estabilidade topográfica, na zona de traseiras do convento, e estende-se até as encostas da vertente sul do vale onde se manifesta uma topografia mais accidentada. Os espaços na imediação direta do convento caracterizam-se por uma sucessão de plataformas que vão desenhando o terreno à medida que este se começa a inclinar, revelando o carácter transformador deste recinto. Deste modo se lida com a complexa topografia deste lugar. Estes espaços resultado de um encaixe extremamente pronunciado no terreno. Esta condição faz com que os espaços resultem em situações muito contidas. Onde o único sinal do exterior é dado apenas pela relação com o céu. Este facto atesta bem ao papel da topografia na definição e articulação dos espaços em recintos como este. Por sua vez os espaços mais na orla do recinto, localizados já sobre a pendente são muito menos transformadores. Aqui a topografia é mantida no seu estado quase natural, havendo muito menos estabilidade através de um desenho mais orgânico. O carácter de reclusão tem nesta cerca um exemplo bem vinculado. A relação com o exterior é possível, sem comprometer a fechamento necessário, apenas num ponto a Sul do convento, onde o terreno permite que a definição de uma plataforma a partir da qual há relação visual com o Rio Tejo. Esta tem o aspeto produtivo bem demarcado. Este recinto ao posicionar-se a uma cota baixa faz com que esteja sempre dominado pelo entorno, deste modo o perímetro murado ganha grande altura em relação ao interior do recinto cortando as relações com a envolvente.

Como último caso de estudo, já desligado do território de lisboa, mas ainda associado à tipologia monástica, temos o projeto não construído da Dominican Motherhouse em Media, Pensilvânia, nos Estados Unidos, da autoria do arquiteto Louis Kahn.

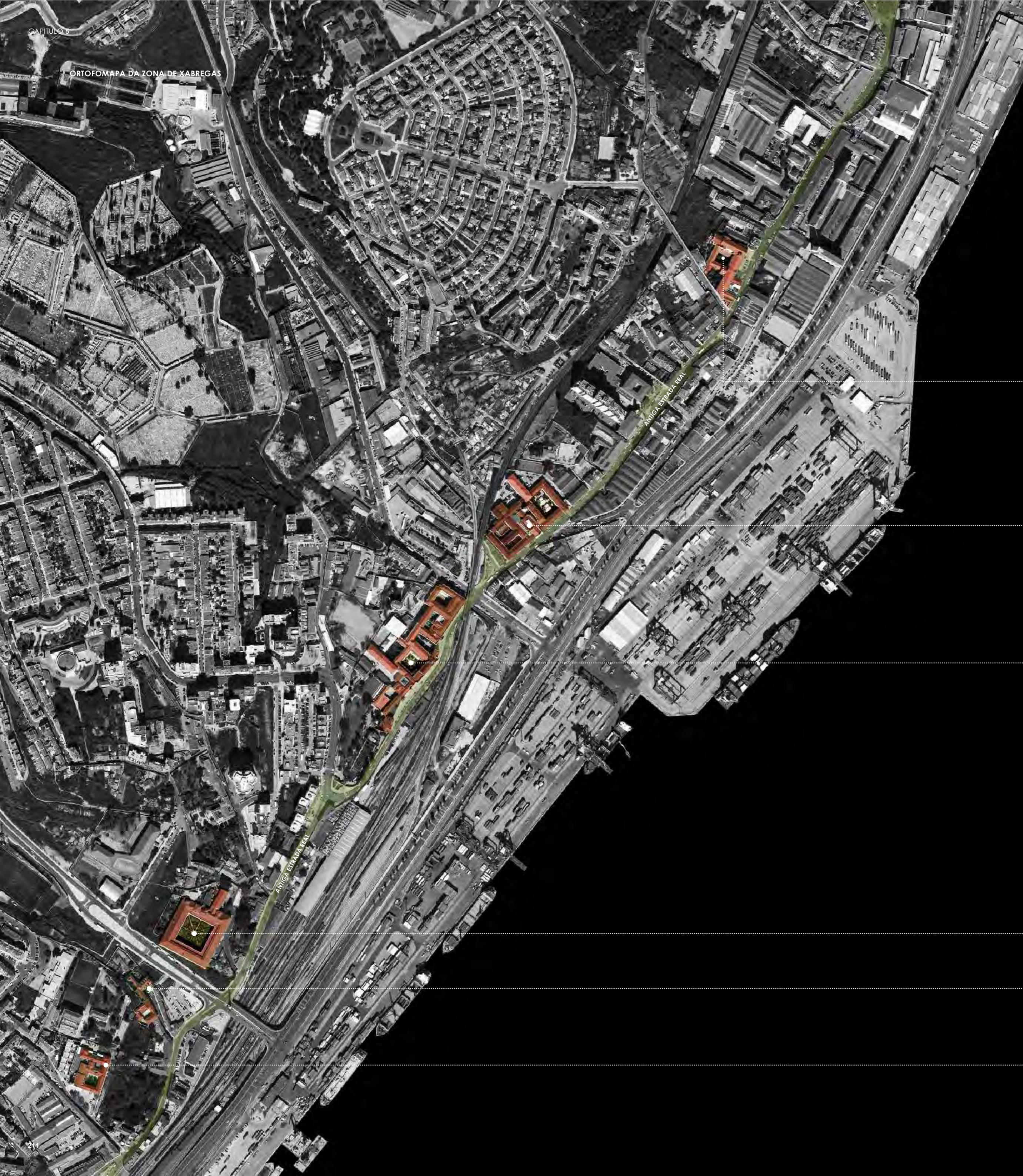
Este projeto, singular pela sua abordagem de um programa monástico, traz à luz o tema da subversão tipológica. Louis Kahn inverte a tradicional organização programática colocando as celas a definir uma cintura, um muro habitado periférico em forma de U, onde coloca no seu âmago os espaços de refeitório, capela, biblioteca e salas de aula. Cada um destes elementos é tratado como um elemento puro quadrangular, que depois se deixa intercetar por outros elementos semelhantes, gerando assim o conceito de espaço conexão. Esta solução gera um centro irregular e uma orla geometricamente ordenada. O pátio é efetivamente enchido, deixando apenas espaços exteriores irregulares entre as geometrias simétricas.

Esta noção de uma orla com programa, uma espessura habitada que define espaço habitado no seu interior, aliada à ideia de espaço conexão revelou-se fulcral na redefinição do projeto do centro de cultura contemporânea.

Por último é necessária uma menção à forma como estas tipologias são capazes de abranger diferentes usos e programas, articulando ao mesmo tempo realidades antagónicas como a existência de um espaço verde protegido num agitado centro urbano. As cercas são unidades que inseridas em contexto urbano, relembram constantemente a importância do aspeto ecológico na qualidade urbana. São modelos são capazes de reformular a cidade e o pensamento urbano. Lugares de introversão e refúgio, fechados e protegidos do agressivo mundo exterior. O papel da cerca é portanto assertivo, pois exclui tudo aquilo que é indesejável no contexto urbano. Num território urbano cada vez mais desintegrado, a presença destas estruturas, que desenham espaços verdes confinados, enquanto áreas de fruição é cada vez mais necessária. Exemplo claro desta situação é a Cerca das Necessidades ou o Jardim da Estrela. Estes dois espaços derivados de cercas constituem claramente mais-valias para a cidade.

De um modo geral a diversidade de espaços e situações analisados em cada um dos casos de estudo, obedecendo cada um deles a condicionantes muito particulares que resultaram em criações arquitetónicas muito próprias, contribuiram efetivamente para o enriquecimento e evolução do projeto do centro de cultura contemporânea. Através da forma como providenciaram respostas a vários temas suscitados pelo projeto ao nível das relações com a envolvente, coerência conceptual, estruturação e organização espacial e desenho de ambiente e materialidade.

5 PROJECTO



5.1 O SÍTIO DE XABREGAS

O espaço de intervenção, terreno nas imediações do Convento da Madre Deus e Palácio dos Marqueses de Nisa, localizado em Xabregas, mais precisamente na foz do vale de Chelas, foi no passado uma área de produção agrícola claramente delimitado pela sua cerca conventual servindo de apoio à casa religiosa. Esta zona gozava não só de solos férteis como de uma franca afinidade com o rio Tejo, que veio a ser adulterada pela construção da linha férrea que cortou a relação com o rio e consequentemente alterou a maneira como se relacionava o convento com a restante cidade, fazendo com que o conjunto religioso deixasse de contemplar o rio Tejo quase por completo.

Esta zona durante o século XX sofreu um grande crescimento urbano, fomentado pelo aparecimento de estruturas fabris que foram surgindo nas proximidades. Tal situação despoletou o aparecimento de habitações operárias insólitas que de forma descontrolada ocuparam as áreas de produção agrícola do convento e destruíram a cerca conventual. Esta situação agravou-se ainda mais com a instalação do colégio de Maria Pia, pertencente à casa pia de Lisboa, no palácio dos marqueses de Nisa que de forma a garantir um correto funcionamento do palácio enquanto colégio construiu uma série de instalações de apoio de vieram deturpar ainda mais a lógica de funcionamento do convento da Madre de Deus e da respetiva cerca conventual.

CONVENTO DO GRILLO

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE XABREGAS

CONVENTO DA MADRE DE DEUS

CONVENTO DE SANTOS-O-NOVO

CONVENTO DAS FREIRAS DE SÃO LÁZARO

CONVENTO DOS BARBAGINHOS



1856

PLANTA DA ZONA DE XABREGAS EXTRÁIDA DA PLANTA DE LISBOA DE FELIPE FOLQUE

O sítio de Xabregas, até esta fase, é marcado ainda por alguma aridez. Com um baixo índice de edificação, este local é composto maioritariamente por caminhos e propriedades muradas que definem espaços verdes, de cultivo ou de lazer.

A actividade das igrejas, que ocorre em 1854, vai fazer com que alguns destes recintos murados tenham sido invadido por edificações que vêm definir a leitura deste território enquanto espaço organizado.

A relação com o trevo no encontra-se, neste fase, já algo condensada, devido essencialmente ao crescimento da actividade económica que se desenrola entre o Convento da Madre de Deus e o Tejo, assim, algumas construções demarcam uma relação íntima com o Tejo, os se implantarem sobrepondo à marginal.

Pode observar-se que até este ponto, o bairro do vale de cheles, que define a esencia do sítio de Xabregas, possa ainda alguma reminiscência daquele outrora havia sido planeado para esta zona oriental da cidade. Um espaço de lazer de referência em Lisboa, do qual será um exemplo clássico o antigo poço de Xabregas.



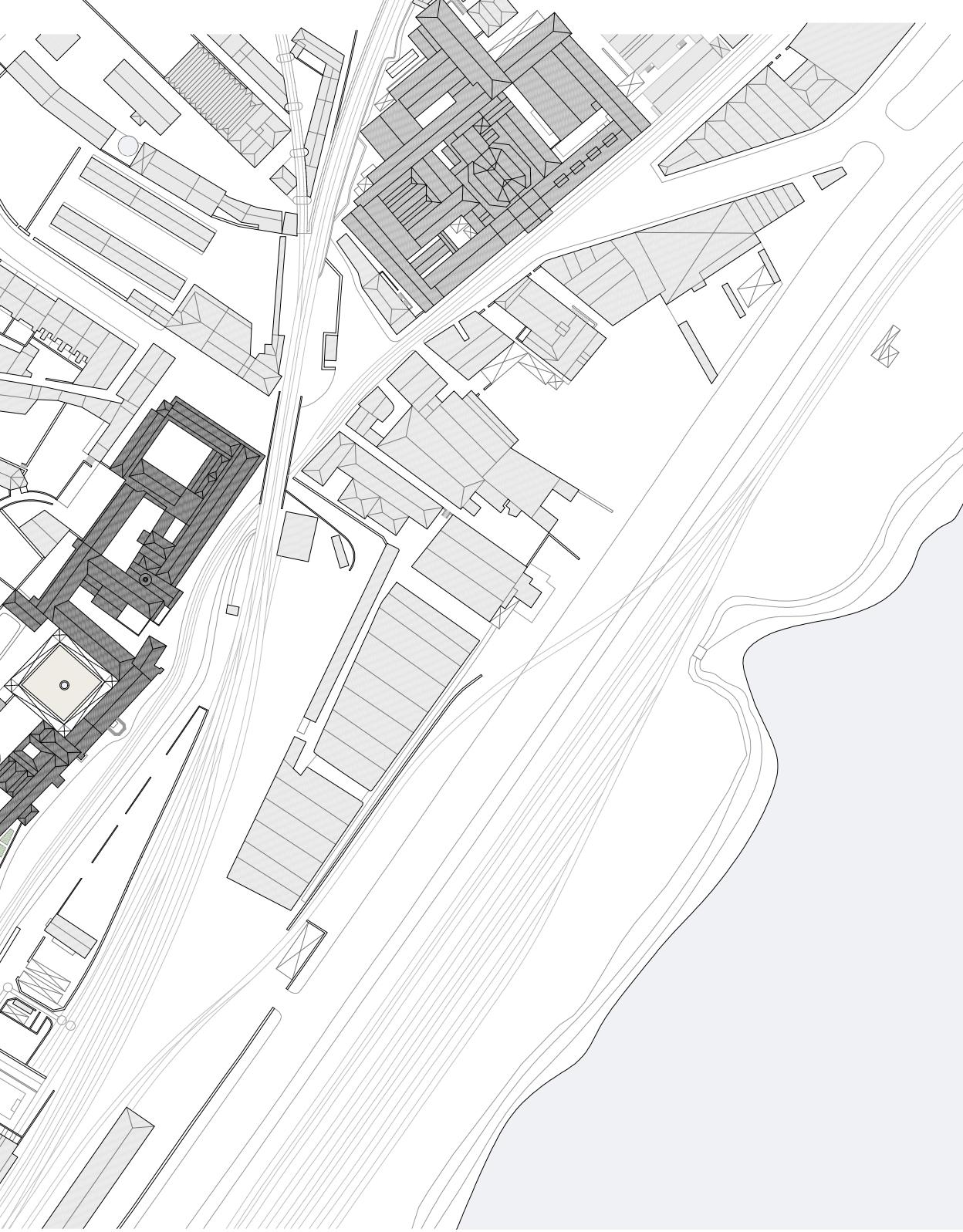
1911

PLANTA DA ZONA DE XABREGAS EXTRÁIDA DA PLANTA DE LISBOA DE SILVA PINTO

A actividade de Xabregas, até esta fase, é marcado intensamente no sítio de Xabregas. Nesta fase ocorre o surgimento de pequenas unidades fabris neste local, marcando intensamente o carácter do lugar. A cerca conventual da madre de deus é progressivamente ocupada por construções de baixa subordinação que cada vez mais estrangulam o seu interior.

A intervenção da Linha férrea adquire maior presença, provocando uma clivagem evidente entre fronte ribeirinha e rio. Esta condição vem alterar de forma marcante a relação do complexo conventual da madre de deus que reage a esta presença restringindo a sua actividade ao lado ribeirinho.

A ribeira, que é invadida a pressão do vale de cheles, é definida pelo encadramento proporcionado conjuntamente pelo Convento da Madre de Deus e pelo Convento de São Francisco de Xabregas é também disposta pela presença da linha de comboio, bem como por construções recentes que reengram qualquer tipo de actividade.



1950

PLANTA DA ZONA DE XABREGAS EXTRÁIDA DA PLANTA DE LISBOA DA CML

Atendendo à impossibilidade de um olhar mais atento detetar o que seria a cerca do Convento da Madre de Deus, tal é intencional e o descontrole da ocupação que gradualmente foi surgindo no local, estimulado particularmente pelas construções da Costa Pia de Lisboa pressa o convento e o paróquia.

Se de 1911 é possível ver a cerca da Madre de Deus e o Rio Tejo se encontrando praticamente inseparáveis, a construção por parte da administração do porto de Lisboa de um novo terminal de contentores em finais do século XX neste local, vem constituir o desmembramento definitivo entre a cidade ribeirinha e o rio, cortando definitivamente a relação entre os dois. Esta condição é ainda mais agravada pelo via de circulação automóvel, a Avenida Infante D. Henrique, que pela sua escala constitui uma barreira de difícil transposição.

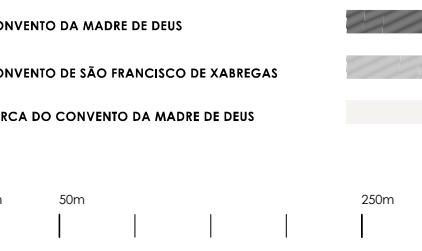


ATUALIDADE

PLANTA DA ZONA DE XABREGAS EXTRÁIDA DA PLANTA DE LISBOA DA CML

Atualmente é impossível sem um olhar mais atento detectar o que seria a cerca do Convento da Madre de Deus, tal é intencional e o descontrole da ocupação que gradualmente foi surgindo no local, estimulado particularmente pelas construções da Costa Pia de Lisboa pressa o convento e o paróquia.

Se de 1911 é possível ver a cerca da Madre de Deus e o Rio Tejo se encontrando praticamente inseparáveis, a construção por parte da administração do porto de Lisboa de um novo terminal de contentores em finais do século XX neste local, vem constituir o desmembramento definitivo entre a cidade ribeirinha e o rio, cortando definitivamente a relação entre os dois. Esta condição é ainda mais agravada pelo via de circulação automóvel, a Avenida Infante D. Henrique, que pela sua escala constitui uma barreira de difícil transposição.



CONVENTO DA MADRE DE DEUS

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE XABREGAS

CERCA DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS

0m

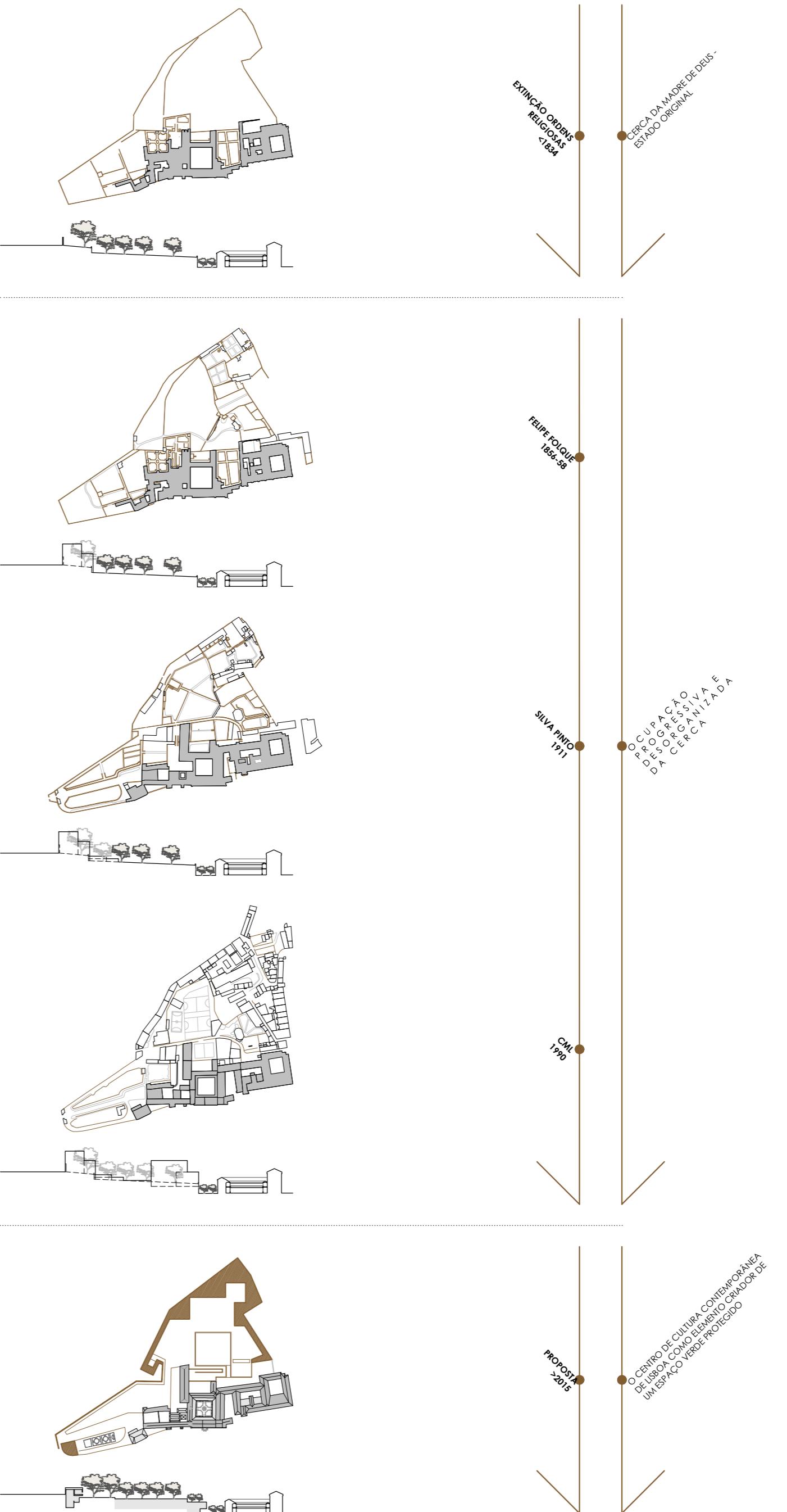
50m

250m

N

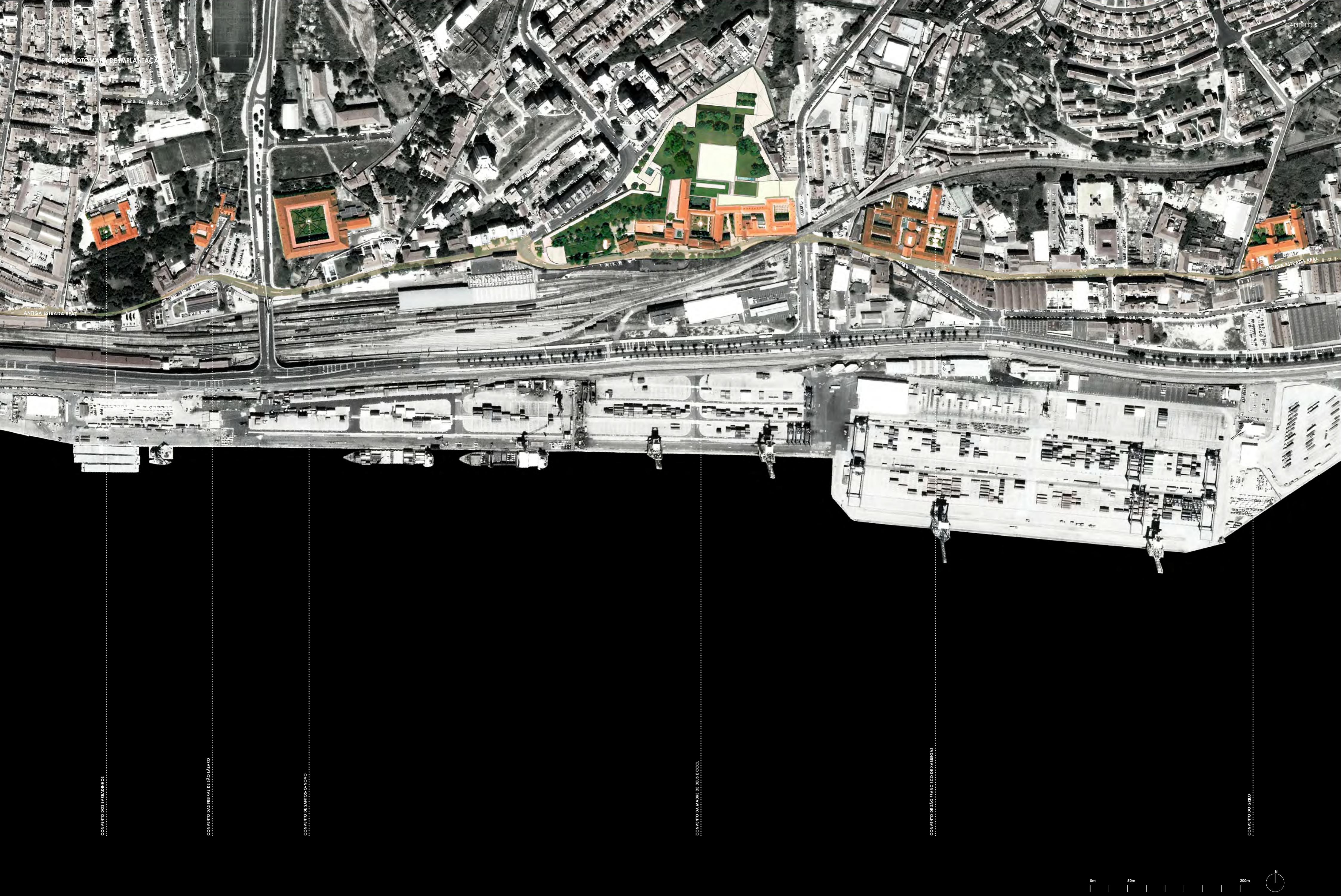
5.2 ESTRATÉGIA

Atualmente o sítio de intervenção encontra-se sobrecarregado de construções insalubres que se apoderaram dos espaços delimitados pela antiga cerca conventual. Assim a estratégia de intervenção, tendo como mote as cercas conventuais enquanto elementos que foram responsáveis pela preservação de espaços verdes que posteriormente se converteram em jardins da cidade de Lisboa, passa por recuperar os espaços definidos pela cerca do convento da Madre de Deus através de um edifício muro, que define no seu interior um jardim com uma leitura clara, protegido contra os avanços descontrolados da cidade. O projeto define um refúgio urbano que possibilita o atravessamento pedonal, estabelecendo vários pontos de entrada e ligações pelo seu interior entre as várias chegadas ao convento da Madre de Deus.



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

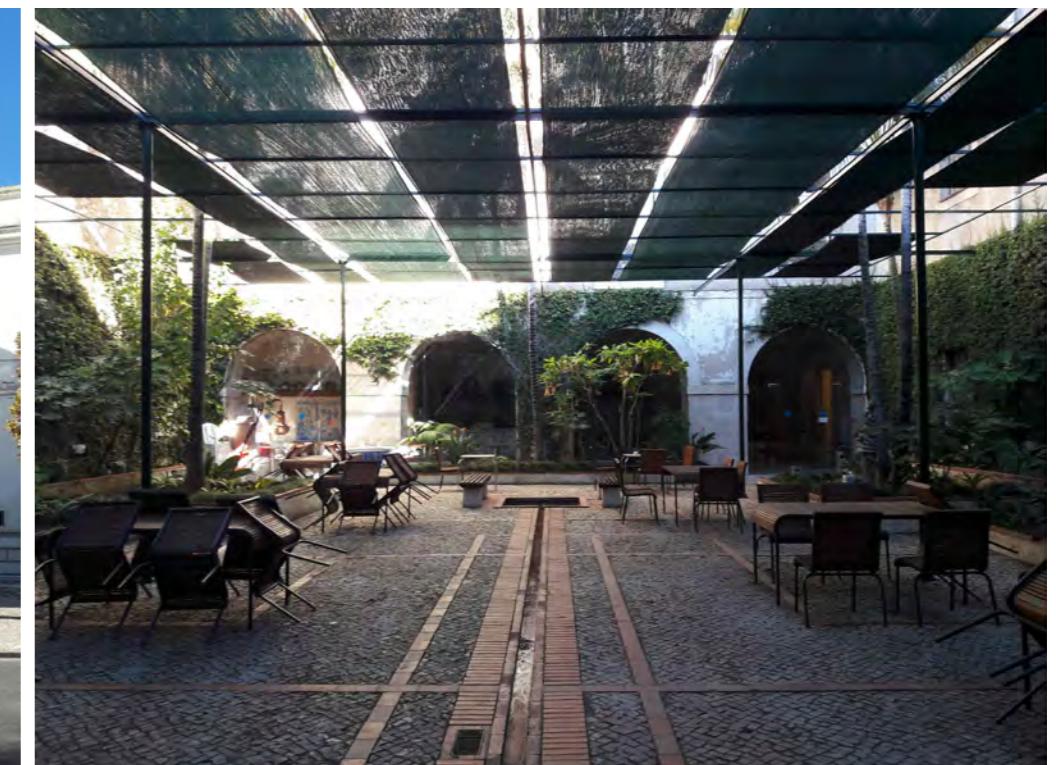
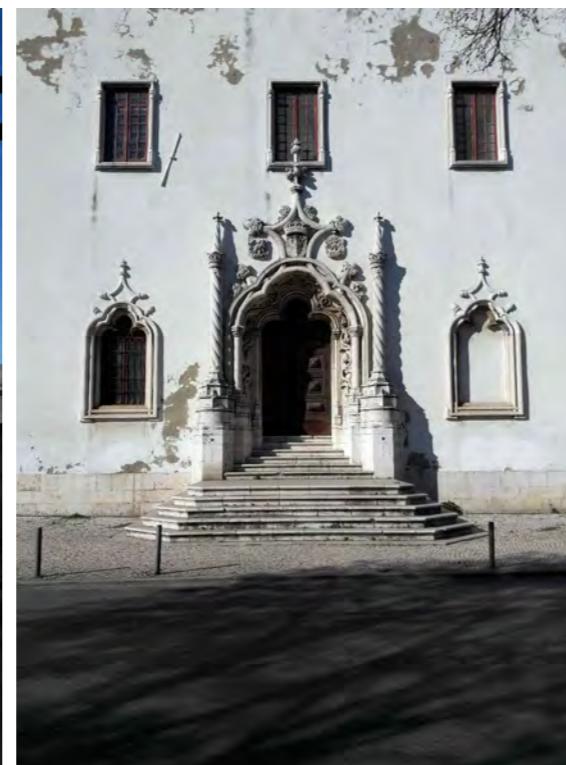
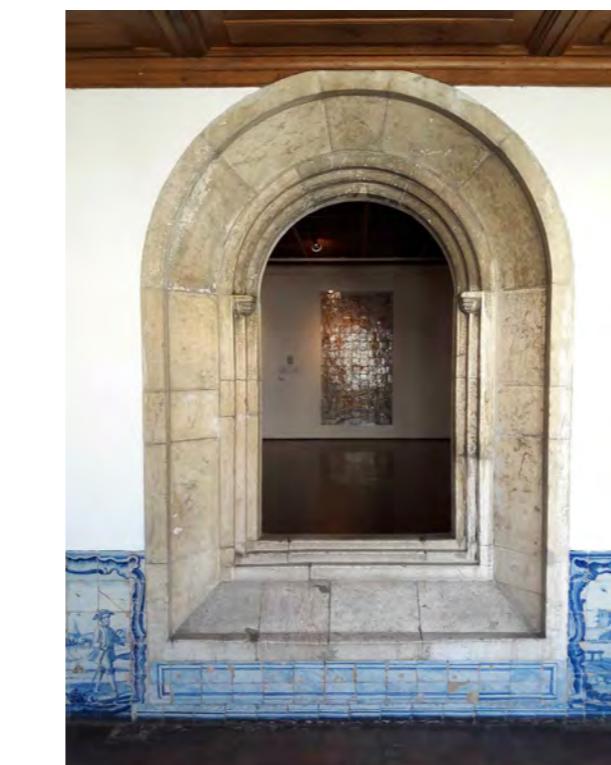




FOTOGRAFIAS DO LOCAL DE XABREGAS NA ACTUALIDADE



FOTOGRAFIAS DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS NA ACTUALIDADE



5.5 PROJETO

O projeto desenvolve-se através de um longo edifício como uma lombriga que define claramente o jardim, e ao mesmo tempo articula o programa. À cota superior o muro alberga o programa mais relacionado com o lazer e o deambulatório que existe como elemento que explora diferentes relações entre jardim e as áreas programáticas à cota intermédia do projeto, através de um percurso contínuo que atravessa o espaço verde e permite em pontos específicos a relação visual com o rio Tejo.

A cota intermédia existe a maioria do programa, que se desenvolve como um percurso escavado, uma sequência de espaços encadeados uns nos outros, funcionando como uma cintura composta pelos espaços de auditório, mediateca, arquivo, exposição, salas de aula e que culmina na grande praça expositiva, elemento central e gerador do projeto, onde culminam todos os pontos de entrada do edifício. Entre a praça e o programa articulado pelo percurso escavado existe massa que serve de suporte ao jardim. No fundo a matriz do projeto acaba por definir-se enquanto um claustro invertido, subvertendo tipologicamente a estrutura convencional dos conventos.

Na cota inferior, cota do convento da Madre de Deus e do Palácio dos Marqueses de Nisa, o projeto resulta do desenho dos espaços exteriores propostos entre o projeto e os edifícios notáveis, funcionando como uma fenda que se abre entre jardim e as preexistências, permitindo o acesso até ao centro de cultura contemporânea e ao jardim/refúgio, não só através do convento da Madre de Deus como também a partir da rua Gualdim Pais, criando espaços de grande tensão entre a proposta e o conjunto existente.

PROGRAMA

PRODUZIR, EXPOR, REFLETIR, FORMAR, ARQUIVAR E DIVULGAR

PRODUÇÃO _ 1384 m²

ATELIER _ 900 m²
SALA PALCO-TV _ 140 m²
ESTÚDIOS - SOM, TV, VÍDEO, EDIÇÃO _ 8 x 43 m²

FORMAÇÃO _ 138 m²

SALAS DE AULA _ 3 x 46 m²

EXPOSIÇÃO _ 4534 m²

PRAÇA EXPOSITIVA _ 2670 m²
SALAS DE EXPOSIÇÃO _ 592 + 785 + 487 m²

REFLEXÃO E LAZER _ 1807 m²

CINEMA / AUDITÓRIO _ 471 m²
CAFETARIAS _ 231 + 17 m²
CANTINA _ 402 m²
LIVRARIA _ 258 m²
LOJA _ 226 m²

ARQUIVO E DIFUSÃO _ 897 m²

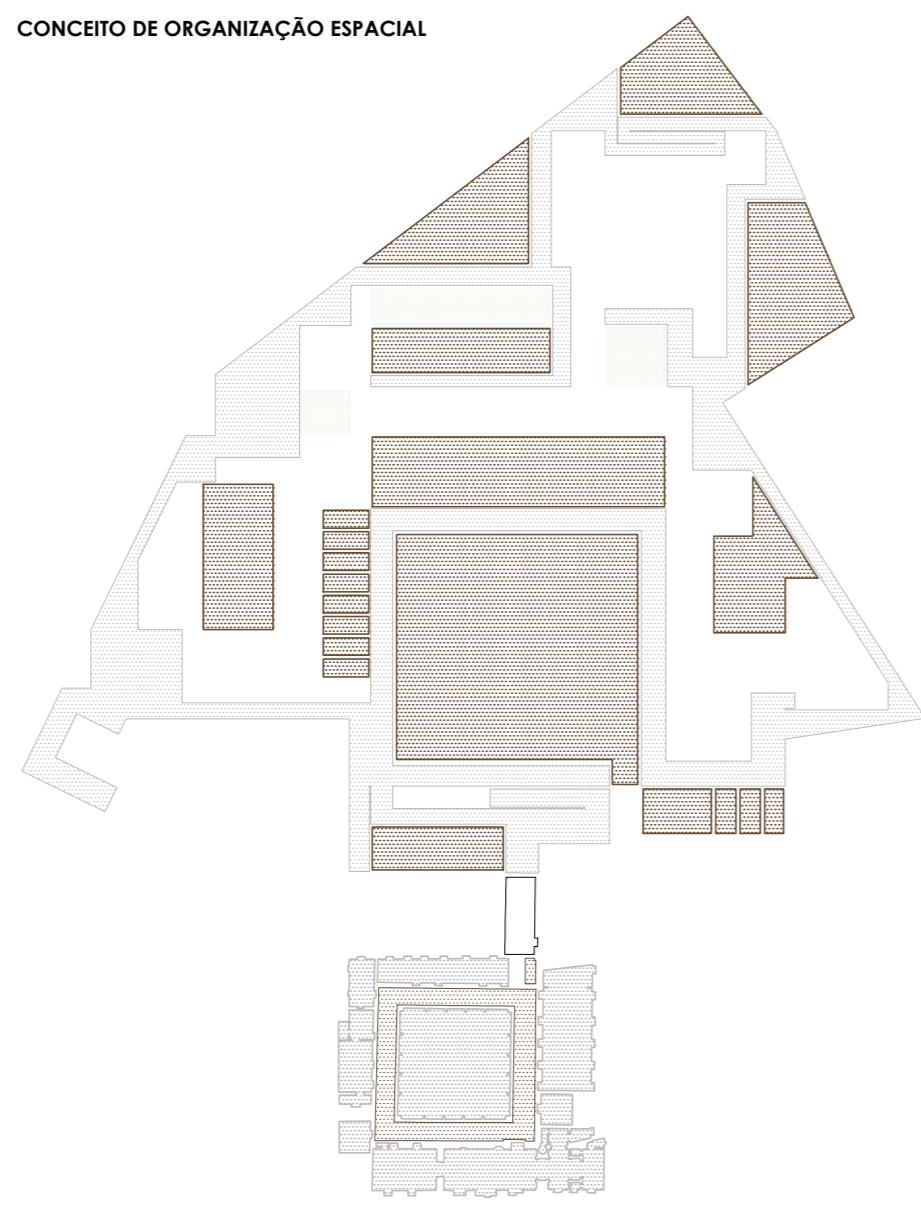
MEDIATECA _ 492 m²
ARQUIVO _ 405 m²

CONSERVAÇÃO E RESTAURO _ 877 m²

ORCINAS _ 695 m²

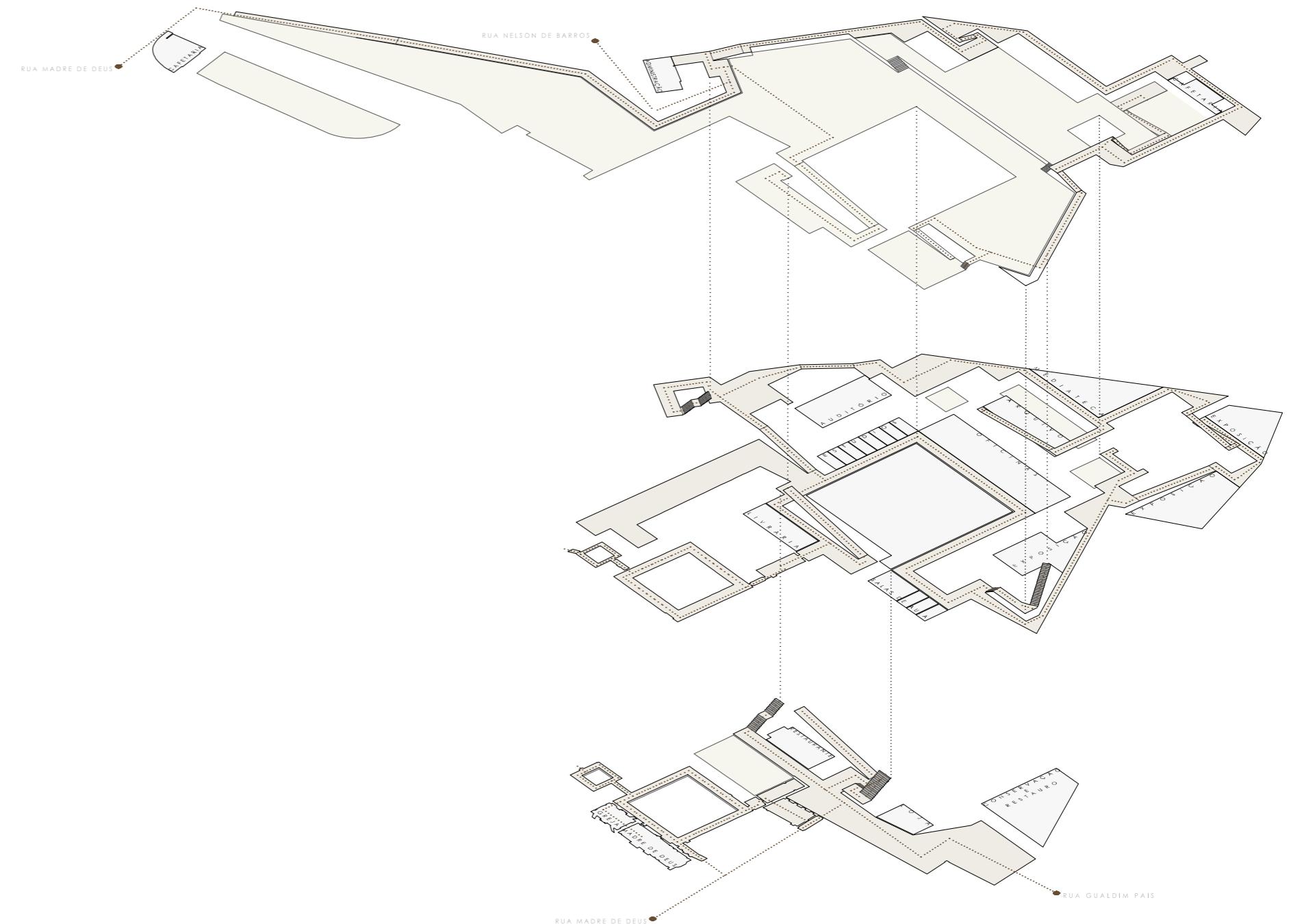
GESTÃO _ 177 m²

CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL



CENTRO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA - CLAUSTRO INVERTIDO

CONVENTO DA MADRE DE DEUS - CLAUSTRO



PISO 0_cota 5.00 (convento madre de deus)

1 conservação e restauro
 2 loja
 3 restaurante
 4 pátio restaurante
 5 igreja da matrizes de deus

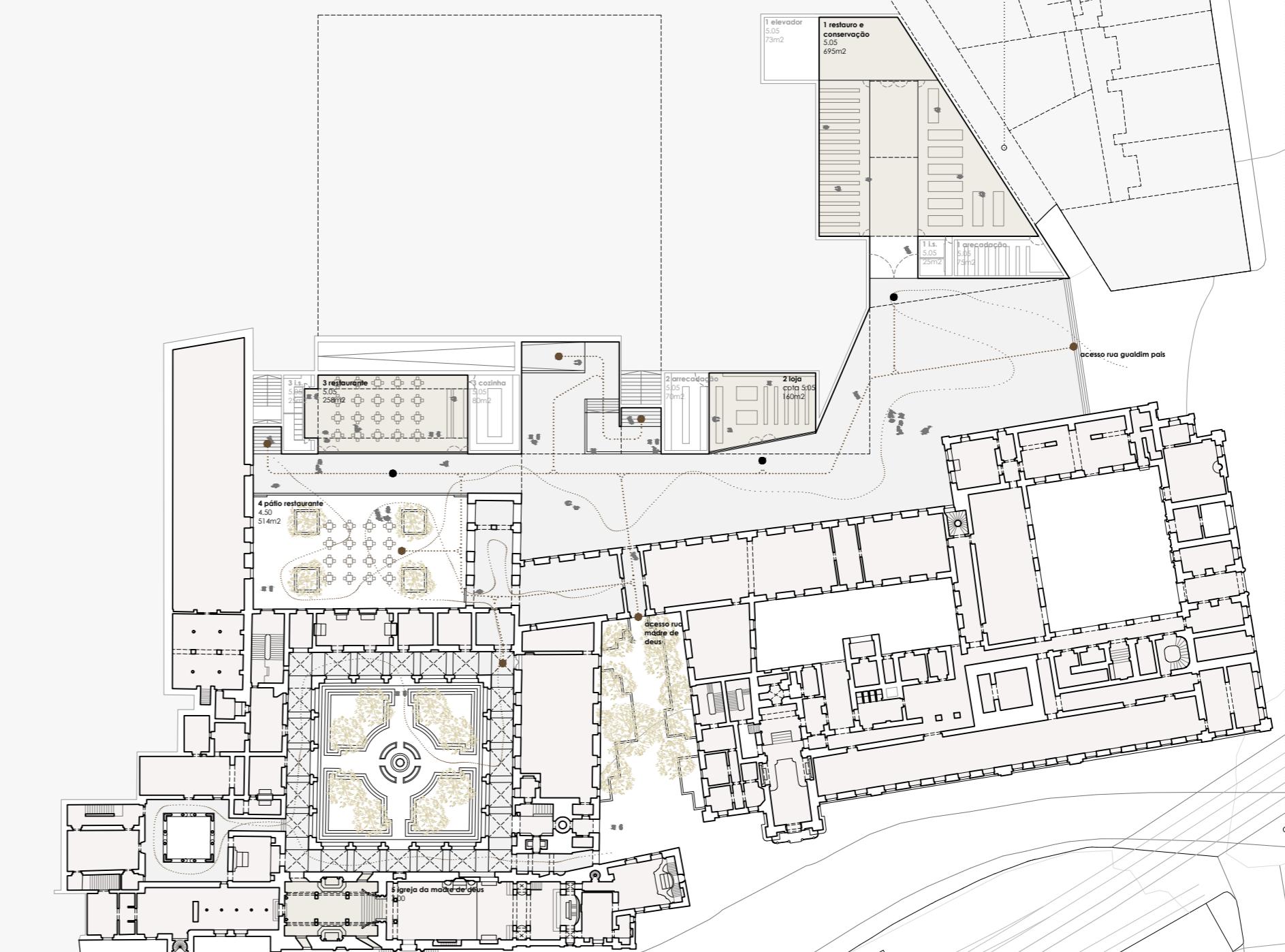
1

10

10

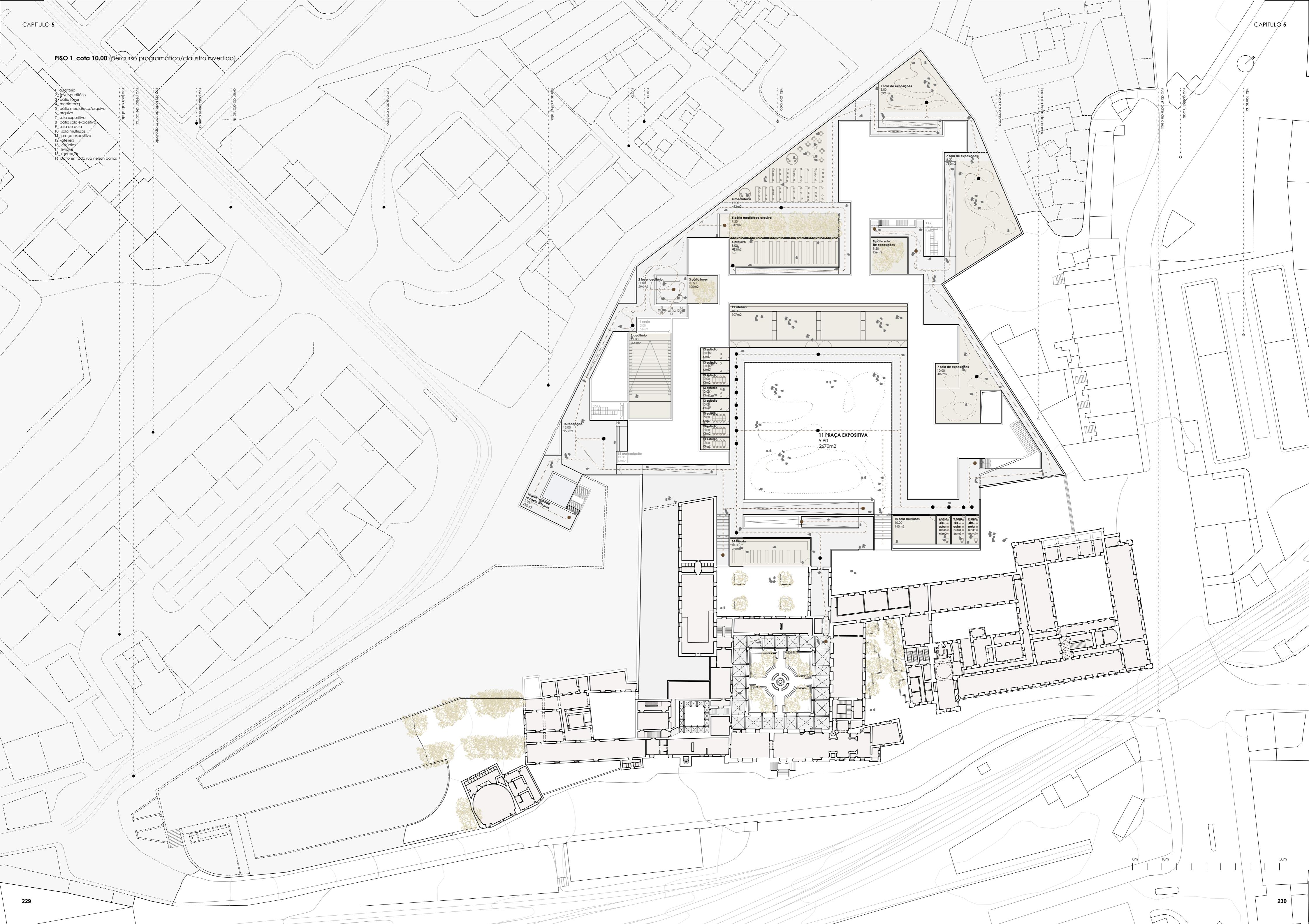
100

11

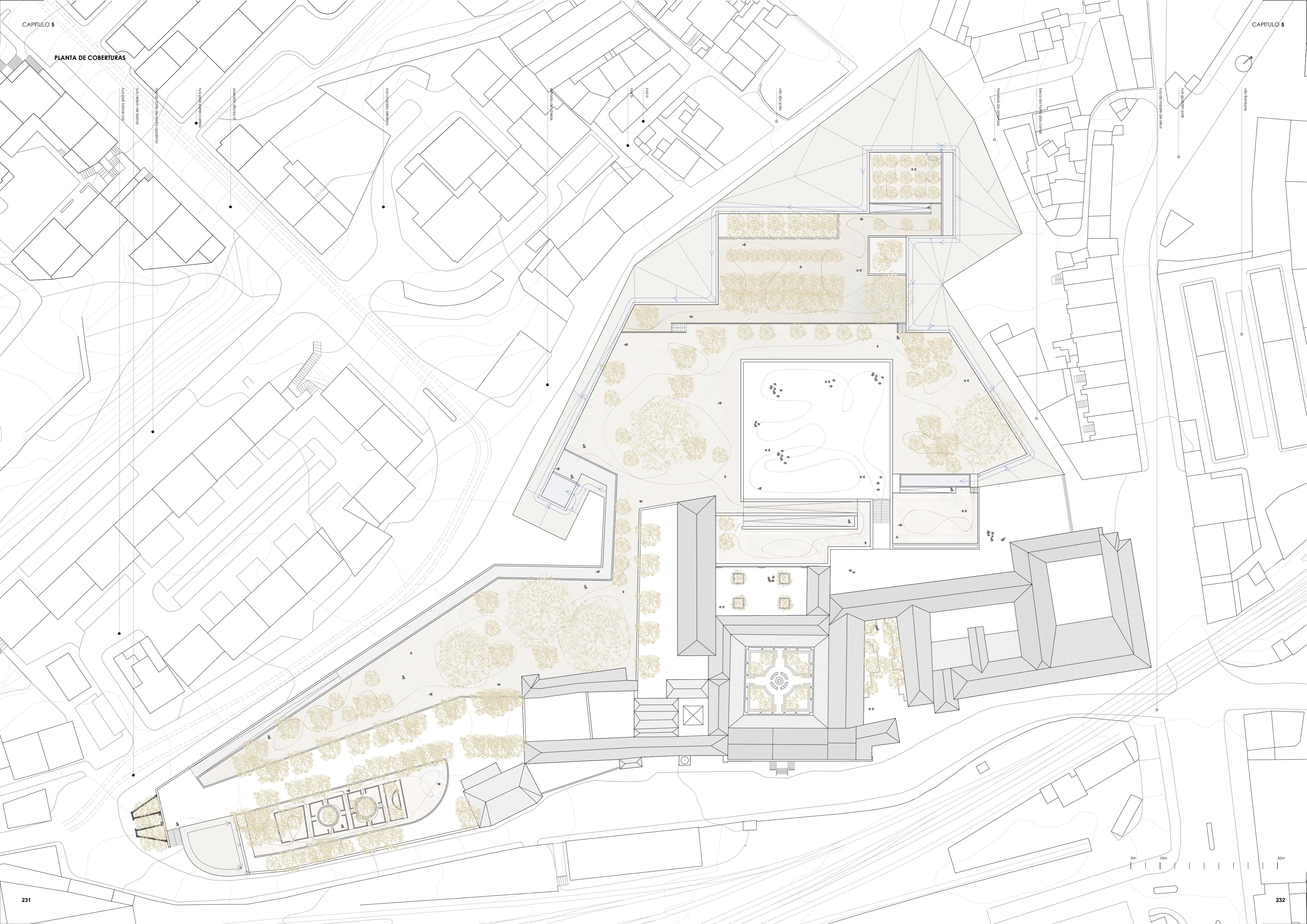


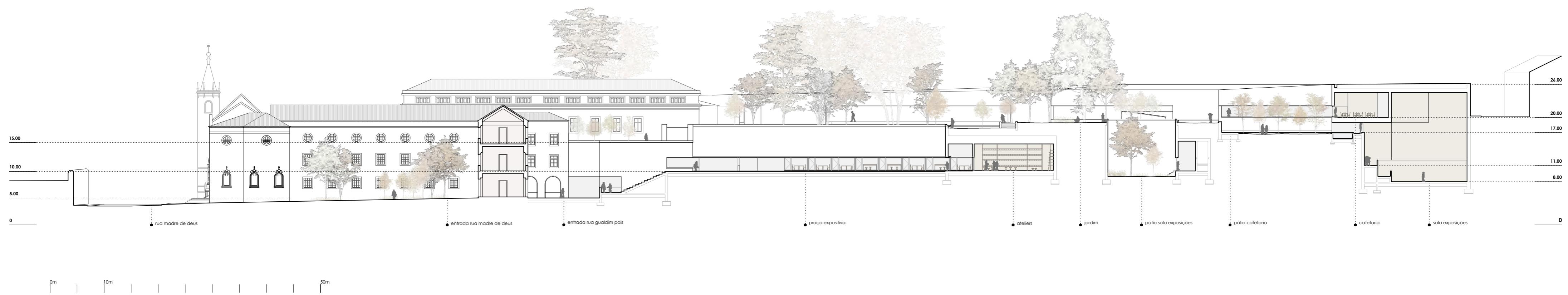
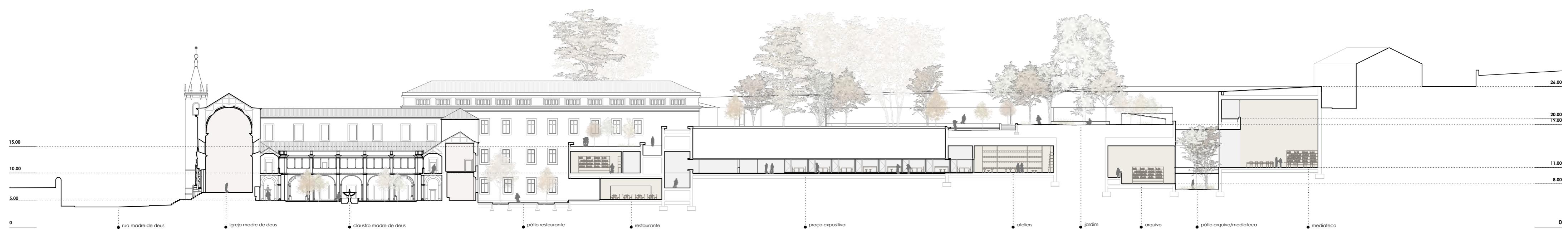
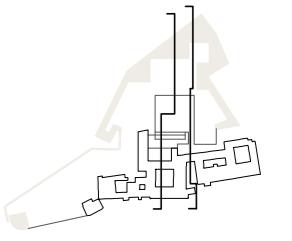
PISO 1_cota 10.00 (percurso programático/clauso invertido)

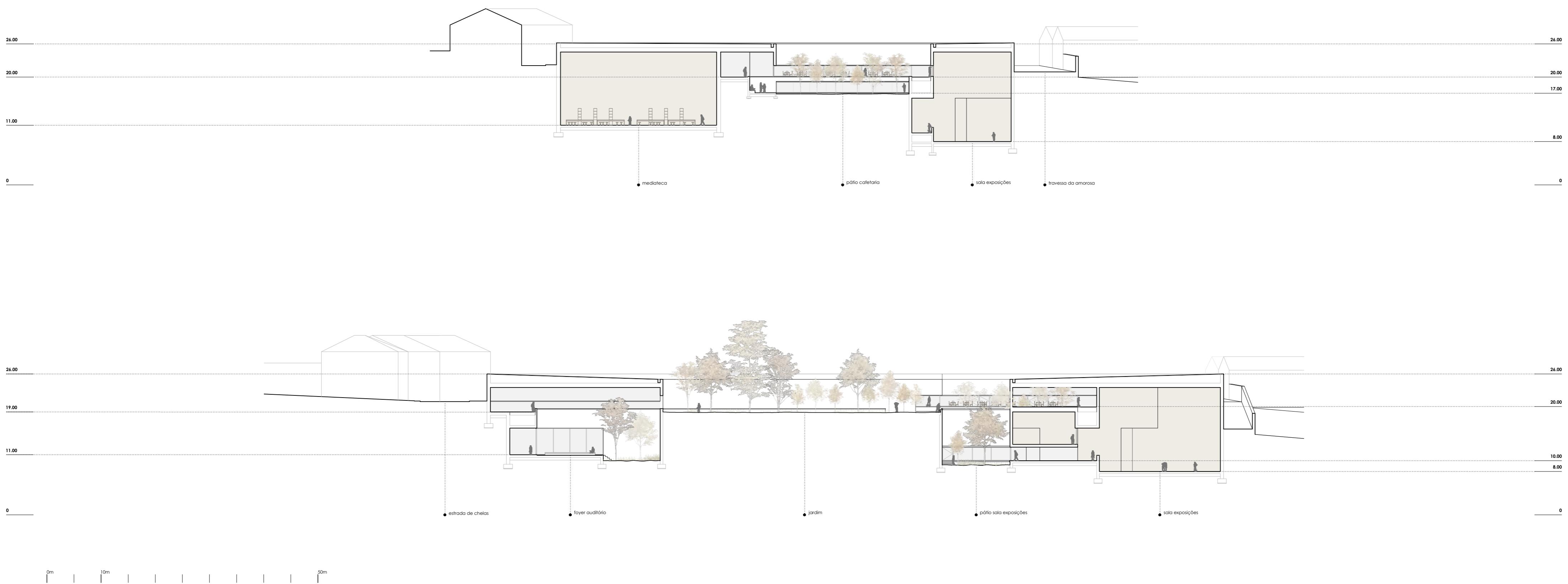
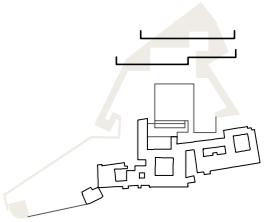
- 1 auditório
- 2 foyer auditório
- 3 mediateca
- 4 arquivo
- 5 pátio mediateca/arquivo
- 6 sala expositiva
- 7 sala de exposição
- 8 pátio sala expositiva
- 9 sala de aula
- 10 sala multifuncional
- 11 sala de exposição
- 12 ateliê
- 13 estúdio
- 14 lareira
- 15 escadaria
- 16 pátio entrada rua nelson barros

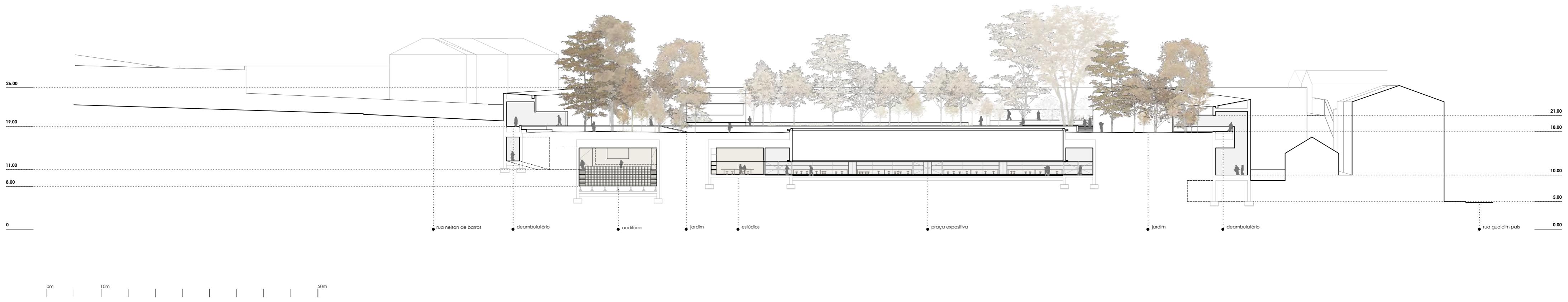


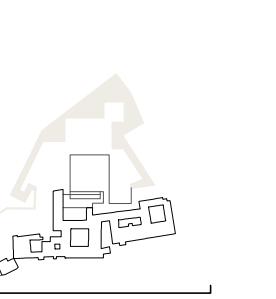
PLANTA DE COBERTURAS



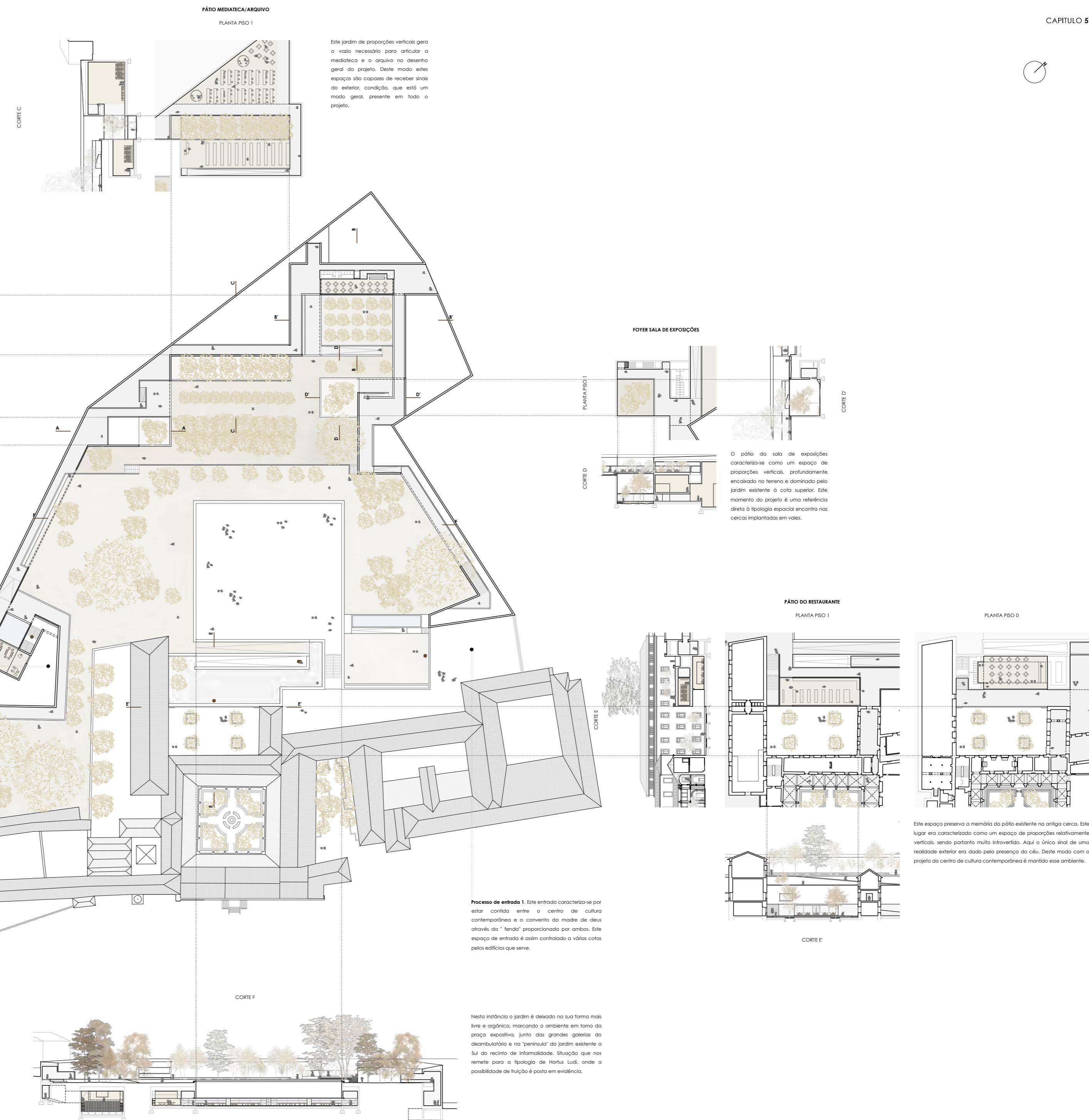




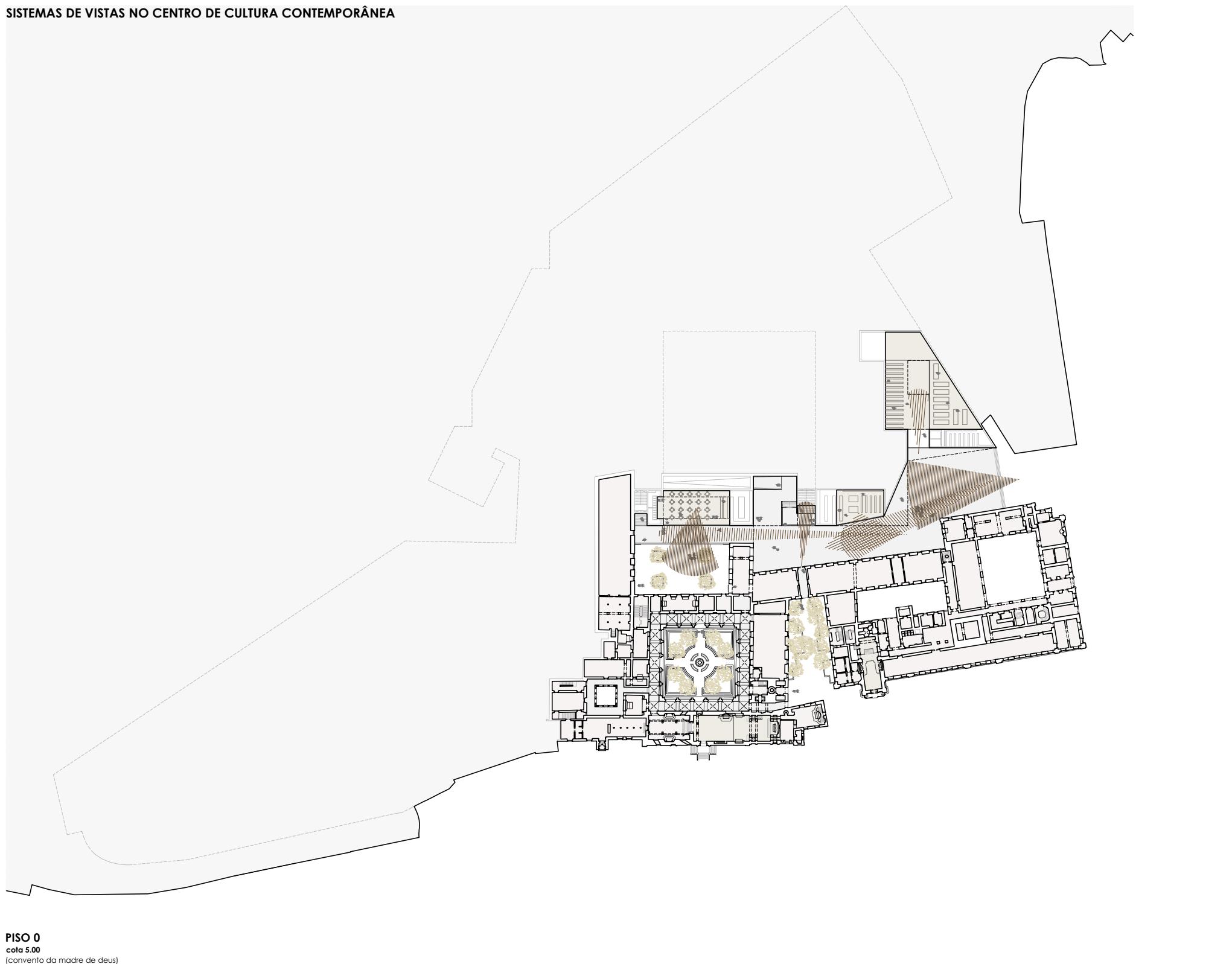




HORTUS NO CENTRO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA



SISTEMAS DE VISTAS NO CENTRO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA



PISO 0
cota 5.00
(convento da made de deus)

VISTAS PISO 0

No piso 0, o sistema de vistas decorre inteiramente a partir do "foss" que articula o centro de cultura contemporânea de lisboa com o convento da made de deus. Este espaço exterior entrelaçado entre os dois projetos varia intensamente nas suas proporções adaptando-se às pré-existências do convento e palácio, gerando assim momentos de grande tensão.

A chegada a partir da rua Guadim Pais é feita através de um encadeamento pelo centro de cultura contemporânea que responde à escala do palácio, permitindo um vínculo sobre a oficina de conservação e restauração.

A chegada a partir da rua da made de deus é orientada em relação ao acesso, junt à loja, à propa expositiva. Na continuidade do "foss" existe um portão que define o enquadramento para o qual o restaurante alho.

As chegadas ao piso 1, a partir do piso 0, desembocam todas na praça expositiva, principal acontecimento do percurso programático, onde ao programa aquí existente (ateliers e estúdios), os diversos chegadas introduzem neste espaço uma grande complexidade em termos de sistemas visuais, podendo este espaço, à semelhança de um claustro, poder ser contemplado a partir de diversos enquadramentos.

Neste nível o espaço articulador entre centro de cultura contemporânea e convento e palácio, também desempenha um papel de relevância.

gentilmente, o programa que se encontra nesta festeira mais destacada do projeto graz de algum deslocar visual, ao olhar para as entradas e pátio que se encontram no piso inferior.

Em relação ao percurso programático, é de realçar os páteos que se vêem articulando com os espaços aquí existentes, pontuando assim o percurso, em momentos muito particulares, com elementos vegetais.



PISO 1
cota 10.00
(percurso programático/claustro invertido)

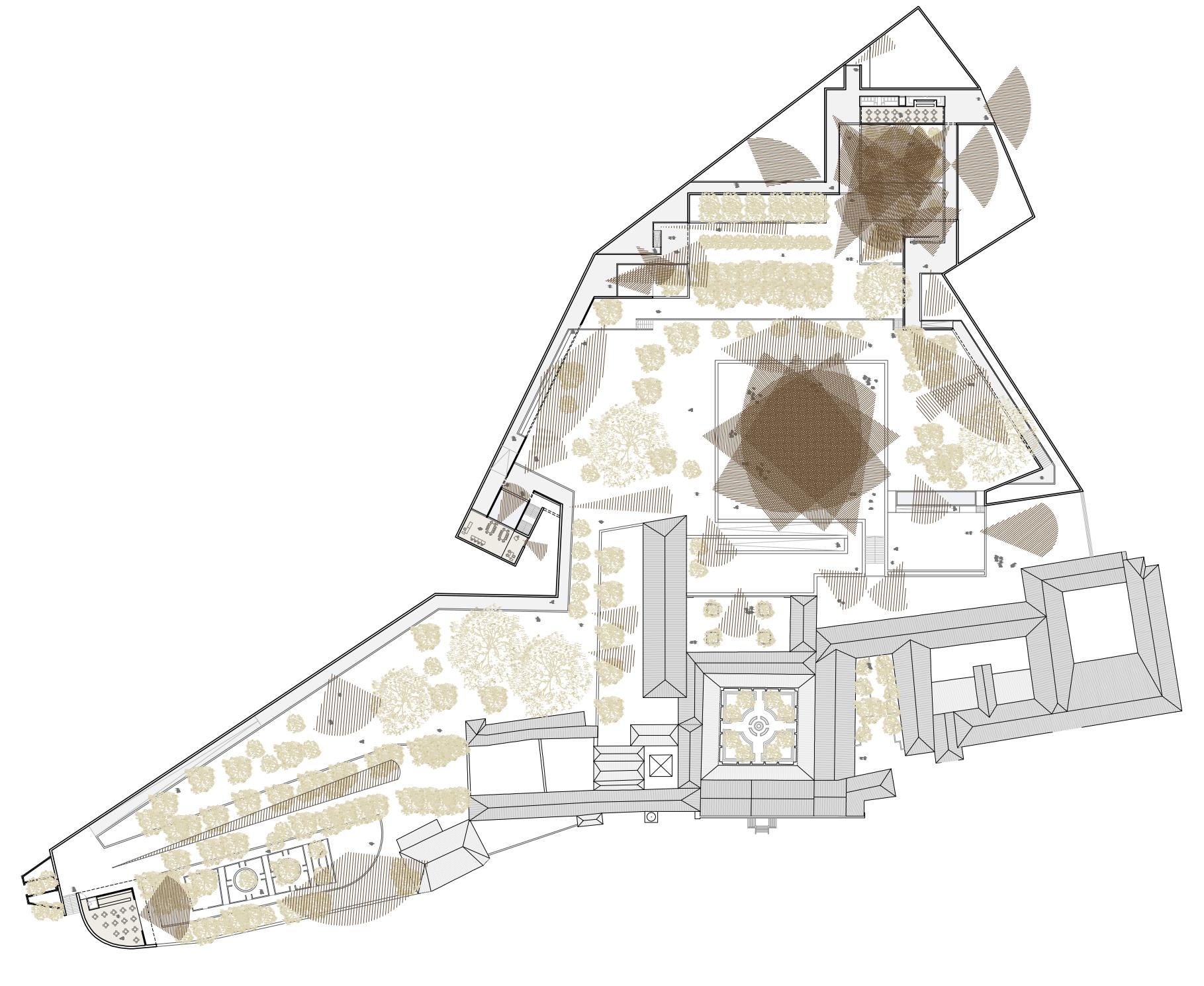
VISTAS PISO 1

As chegadas ao piso 1, a partir do piso 0, desembocam todas na praça expositiva, principal acontecimento do percurso programático, onde ao programa aquí existente (ateliers e estúdios), os diversos chegadas introduzem neste espaço uma grande complexidade em termos de sistemas visuais, podendo este espaço, à semelhança de um claustro, poder ser contemplado a partir de diversos enquadramentos.

Neste nível o espaço articulador entre centro de cultura contemporânea e convento e palácio, também desempenha um papel de relevância.

gentilmente, o programa que se encontra nesta festeira mais destacada do projeto graz de algum deslocar visual, ao olhar para as entradas e pátio que se encontram no piso inferior.

Em relação ao percurso programático, é de realçar os páteos que se vêem articulando com os espaços aquí existentes, pontuando assim o percurso, em momentos muito particulares, com elementos vegetais.



PISO 2
cota 20.00
(jardim protegido e deambulatório)

VISTAS PISO 2

No piso superior, correspondente ao jardim, é à semelhança do sistema de percursos, o deambulatório que introduce e articula a toda a complexidade de enquadramentos visuais. Com o jardim, relacionam-se grandes galerias, que permitem vista amplas.

É também o deambulatório que foca os pontos de maior interesse exteriores: a cerca, estabelecendo a ligação com a plataforma ajardinada pré-existente situada no topo sul do recinto a partir do qual se pode contemplar o rio tejo e no outro extremo deste percurso, junto à cafetaria, uma varanda que olha sobre o vale de sobregas.

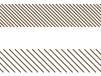
O deambulatório articula outros percursos no sistema de vista à cota do jardim, criando relações visuais com os páteos e espaços do percurso programático, especialmente com o foyer do auditório e respetivo pátio, com a medieística, salas de exposição e respetivo pátio. Neste percurso constitui-se a resolver ainda o nô que se cria em torno do edifício e seu pátio. À semelhança da praça expositiva, este espaço também se aproxima de algum modo de um claustro, vendo contemplado o horus aquí existente de vários ângulos, permitindo ainda, como referido, olhar sobre as salas de exposições.

À cota do jardim também a propa expositiva se revela como um grande acontecimento podendo ser contemplado em todo o seu perímetro tornando-o bastante adequado a peças de grande escala.

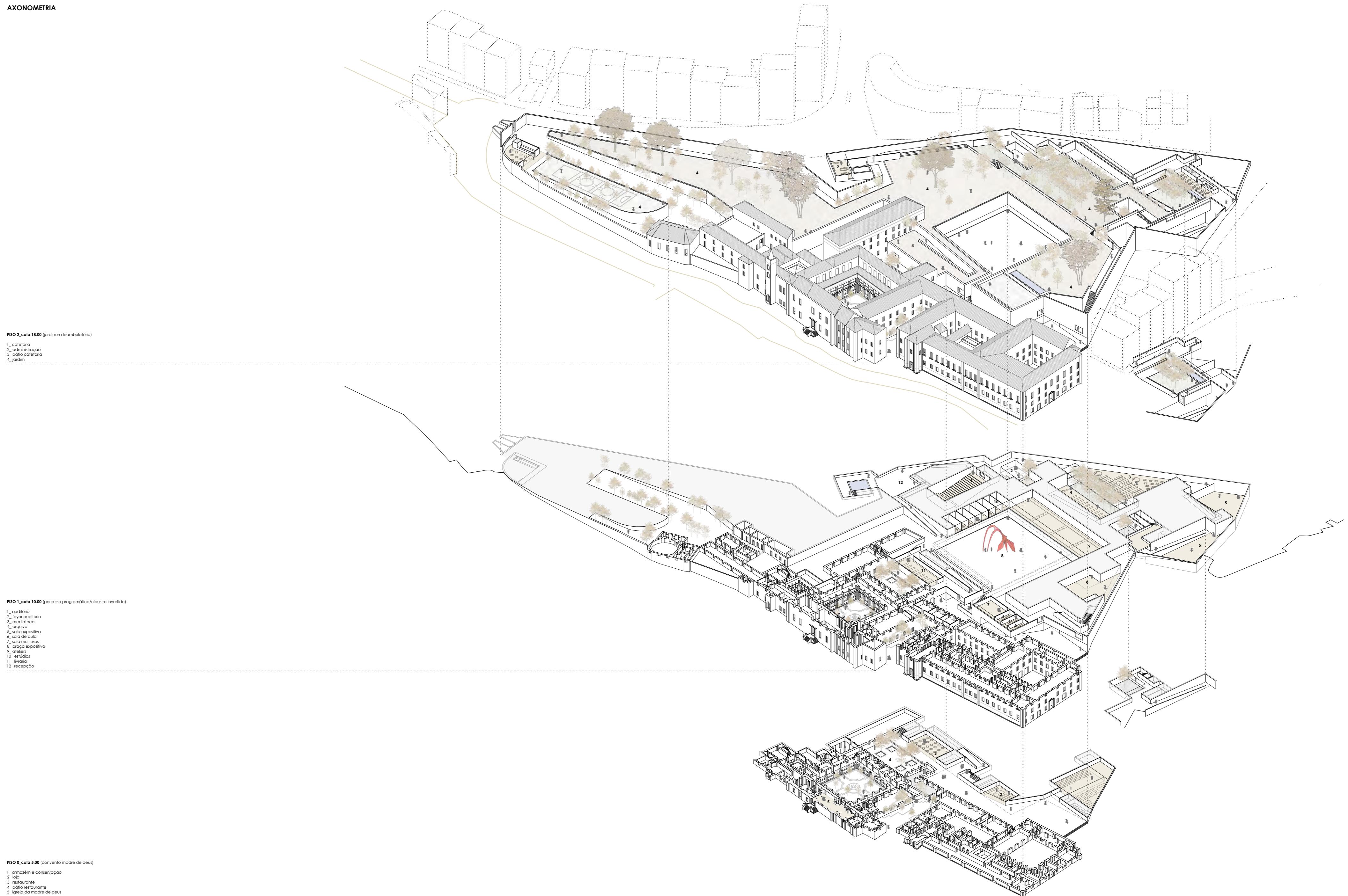
Ao chegar a junt do convento e palácio o jardim permite a partir de uma cota bastante elevada controlar as entradas e tudo o que decorre à cota do piso 0.

VISTAS PRINCIPAIS
VISTAS SECUNDÁRIAS

0m 10m 50m 100m



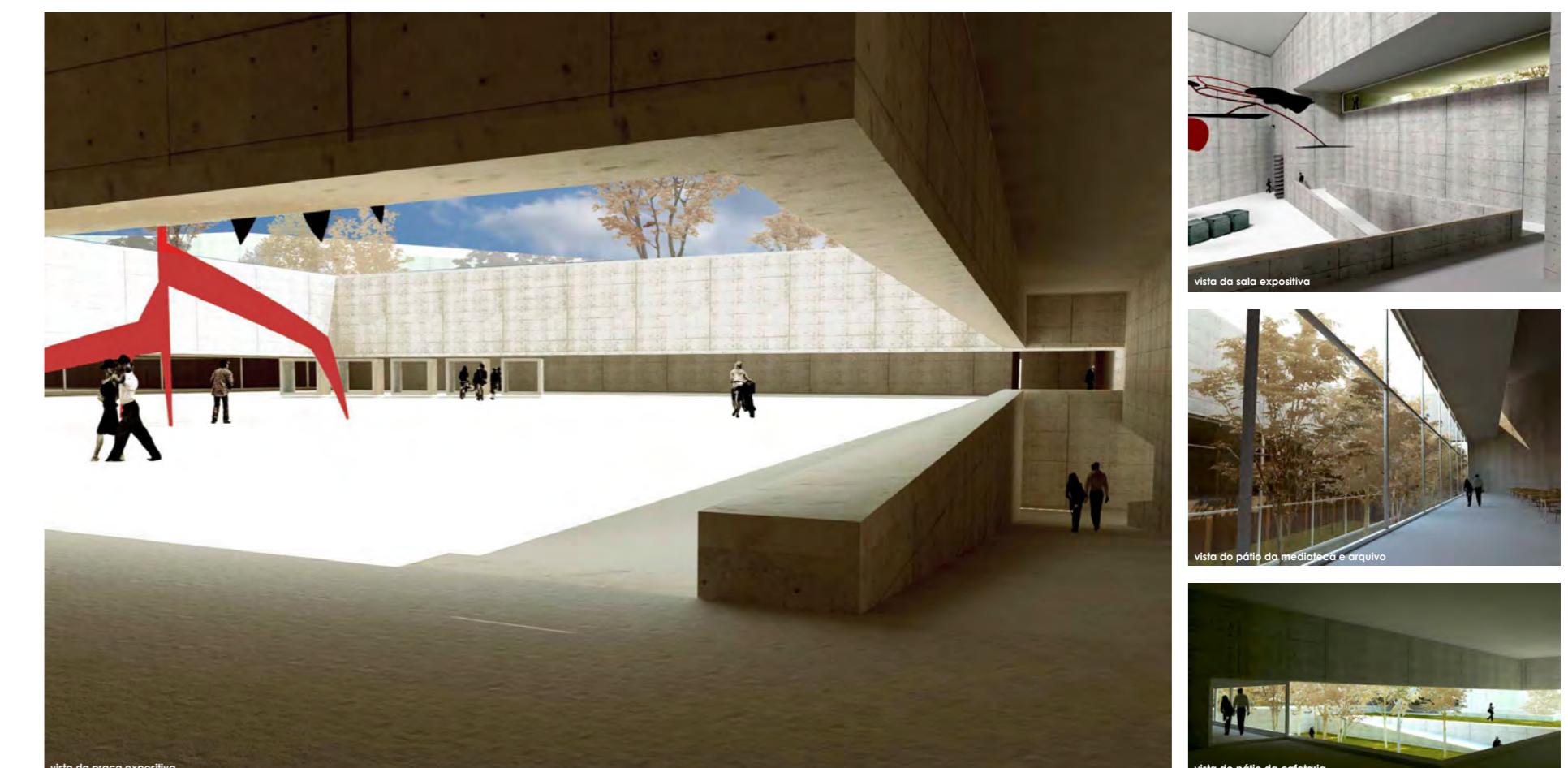
AXONOMETRIA



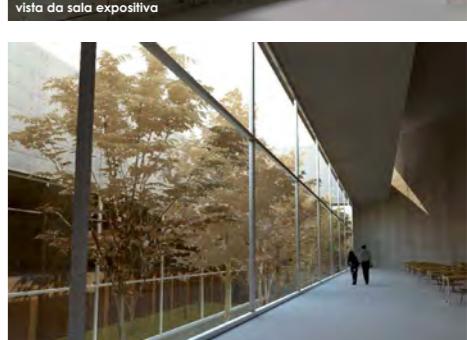
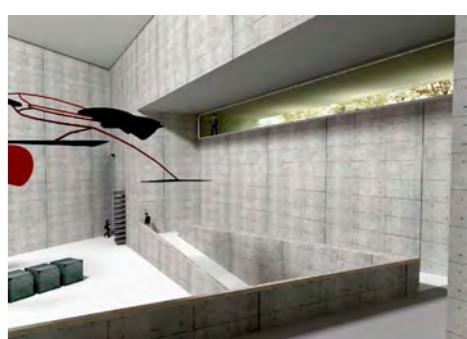
MODELOS TRIDIMENSIONAIS



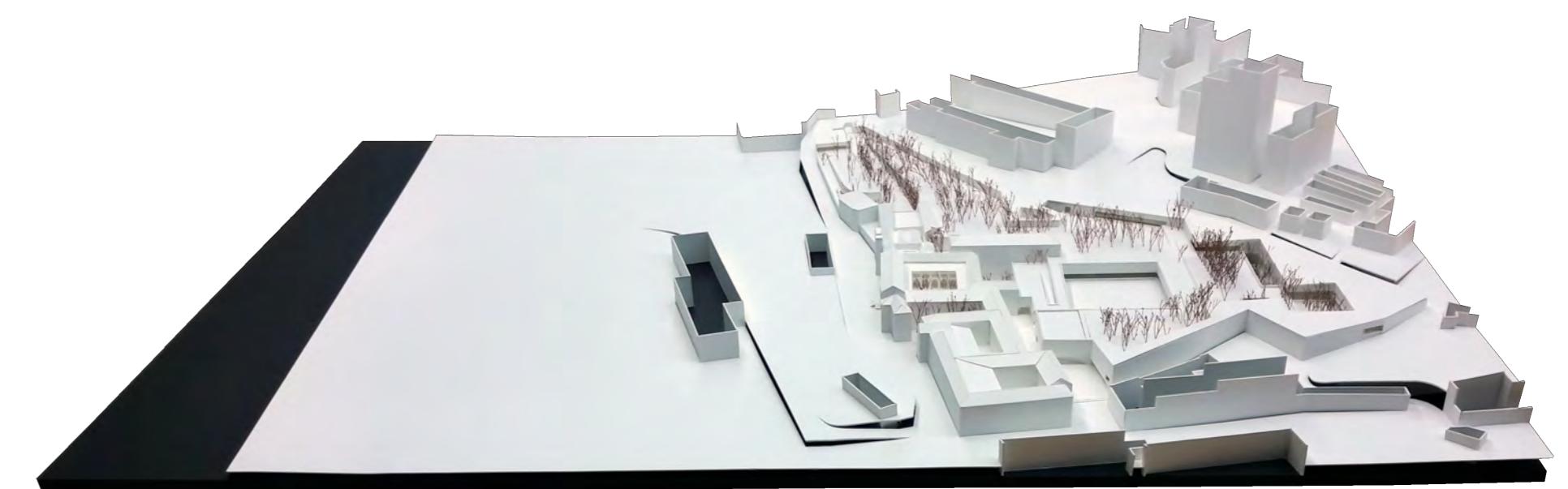
vista aérea do projeto

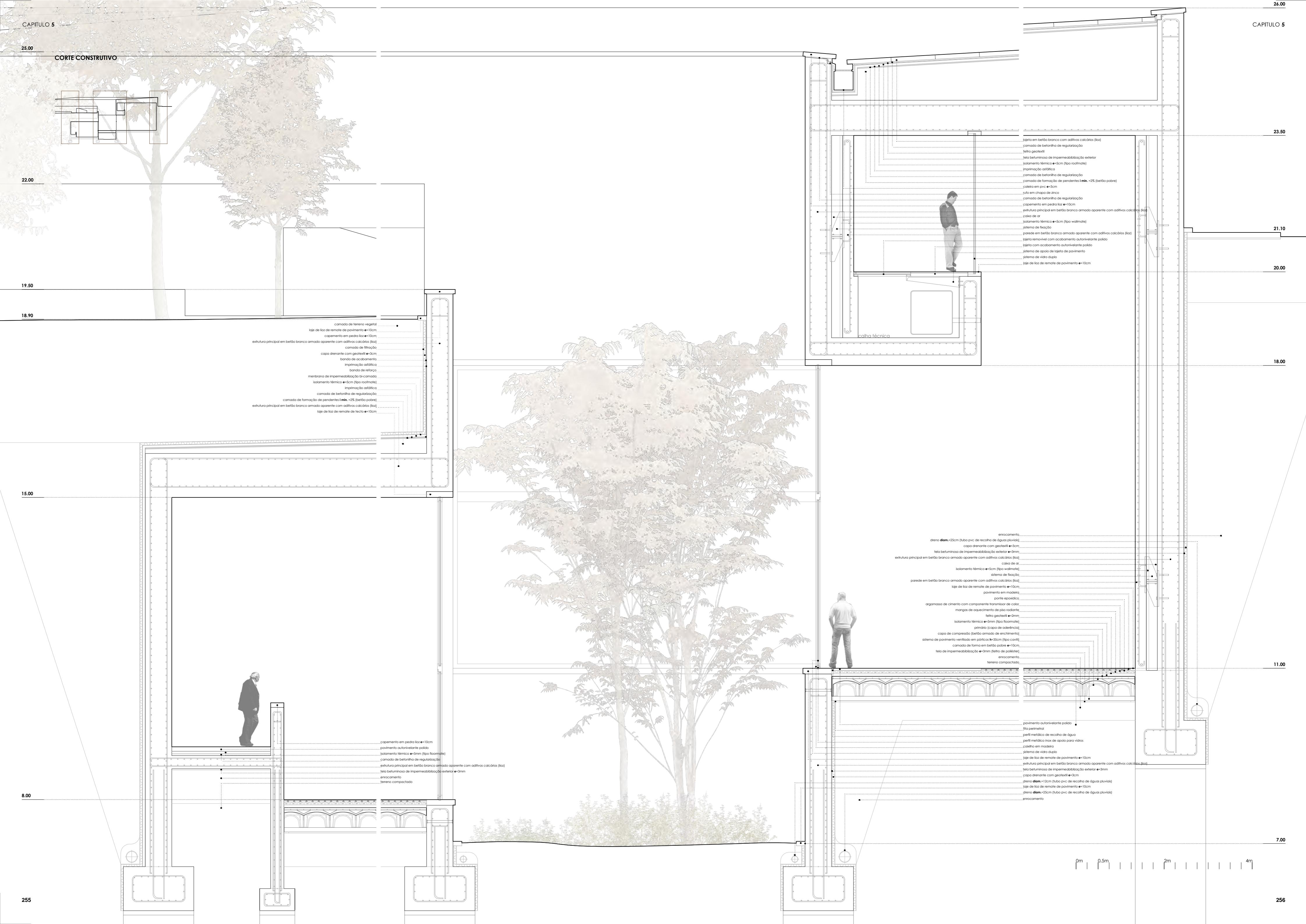


vista da praça expositiva



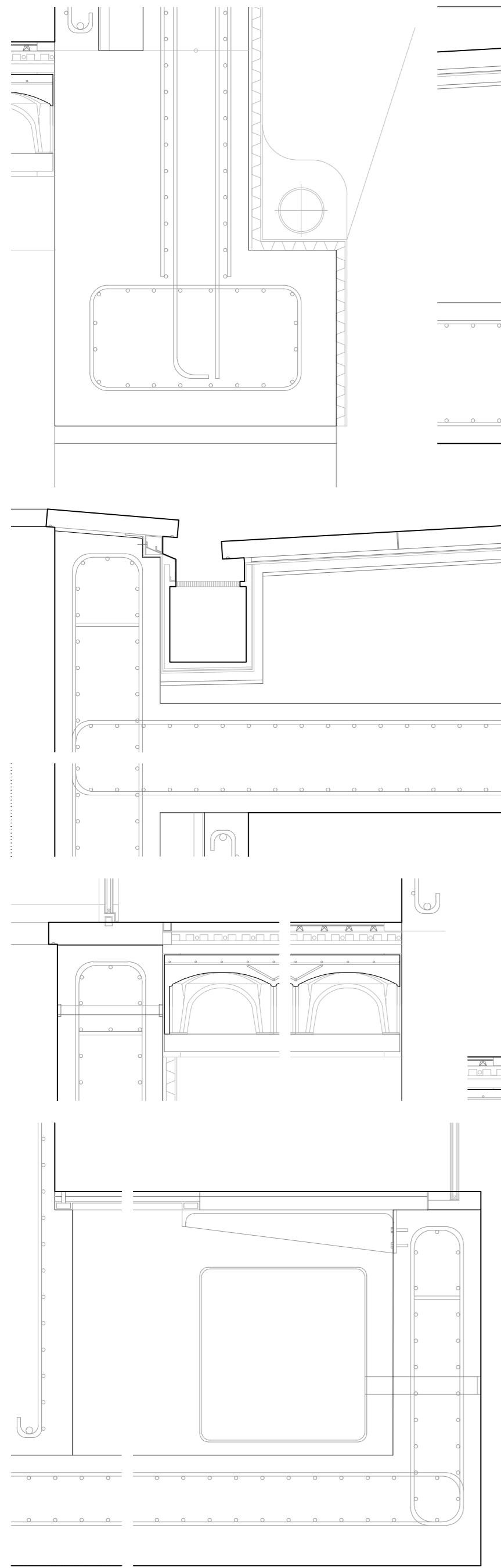
FOTOGRAFIAS DE MAQUETE





SISTEMAS CONSTRUTIVOS

AXONOMETRIA CONSTRUTIVA



ESTRUTURA

Sistema de paredes estruturais em betão com armadura de varões de aço de 20mm assentes em sapatas contínuas. Recorre-se ao betão armado também como solução estrutural para os tetos. Este sistema é aplicado em todo o edifício devido à sua integridade estrutural e à versatilidade sendo capaz de providenciar a solução adequada tanto ao nível de paredes portantes e de contenção de terreno, bem como ao nível das coberturas suportando todos os sistemas nela integrados.

COBERTURAS E TETOS

Cobertura plana com pendente de 5%. A recolha de água é feita através de uma coleira contínua que encaminha água para os tanques existentes no jardim. Esses tanques auxiliam o abastecimento de água de rega bem como do sistema de combate a incêndios.

Coleira contínua de perfil em pvc de 3cm de espessura para proporcionar a devida resistência e flexibilidade para lidar com grandes quantidades de água.

Acabamento superior da cobertura em lajetas pré-fabricadas em betão branco com aditivos de lioz, de 10cm de espessura, aproximando a cobertura, do ponto de vista estereofônico, dos acabamentos existentes no Convento da Madre de Deus, bem como os capaamentos do próprio Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa que são em pedra lioz de 10cm de espessura.

Acabamento dos tetos é feito em betão branco aparente com aditivos de lioz. Pretende-se que do ponto de vista dos acabamentos o projeto seja o mais elemental propondo a ideia de habitar o interior de um muro.

PAREDES

Sistema de parede dupla em betão armado branco aparente com aditivos de lioz. Como se pretende um acabamento semelhante no interior e exterior do projeto, opta-se por um sistema de parede dupla em betão onde a parede interior é fixada à parede exterior através de um sistema de fixação peças metálicas que que recebem os varões de aço presentes na estrutura. Esta solução permite que o isolamento térmico tipo Wallmate de 5cm de espessura possa estar na caixa-de-ar existente entre as duas paredes de betão, fazendo com que o acabamento possa ser contínuo entre interior e exterior.

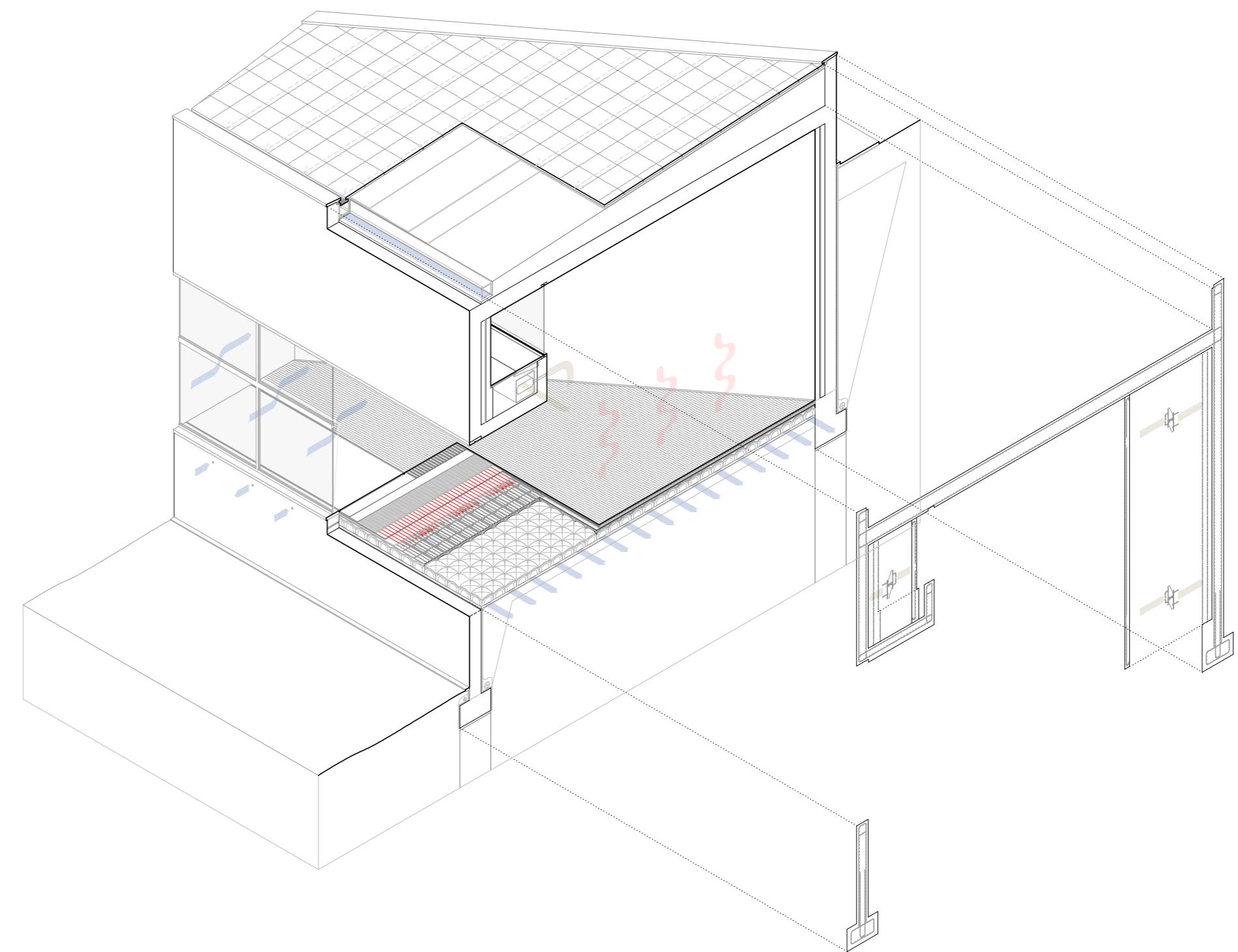
PAVIMENTOS

Pavimento suportado por sistema cupolex de abobadas de pvc de modo a garantir a sua ventilação bem como a possibilidade de fazer passar todo o sistema elétrico pelo seu interior. Integração de sistema de pavimento radiante através de mangueiras de água quente. Acabamentos em autorivelante polida nas áreas de percurso e em madeiras nos espaços de permanência.

SISTEMAS

Integração de máquinas de renovação de ar no interior através de calha técnica contínua que acompanha o deambulatório à cota do jardim. A circulação do ar é feita através de aberturas feitas no sistema de betão armado. A manutenção deste sistema é garantida através de lajetas removíveis existentes ao longo do deambulatório.

A luz natural é garantida através dos patios e vãos que acompanham os principais espaços do projeto. Através dos patios também é feita a ventilação natural dos espaços. A iluminação do período noturno é assegurada por lâmpadas fluorescentes.



FONTES DE ARQUIVO E BIBLIOTECAS

ARQUIVO DO MUSEU DA CIDADE - Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. (www.museudacidade.pt);
GEO - Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa, Palácio do Beau Séjour, Lisboa. (<http://geo.cm-lisboa.pt>);
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA - Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. (<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>);
ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO - Secretaria de Estado da Cultura, Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, Lisboa. (<http://antt.dglab.gov.pt>);
ARQUIVO FORTE DE SACAVÉM - IHRU, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Lisboa. (www.monumentos.pt)
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA - Secretaria de Estado da Cultura, Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, Lisboa. ([www.bnportugal.pt](http://bnportugal.pt));
ARQUIVO HISTÓRICO/BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES - Ministério das Obras Públicas, Lisboa.
BIBLIOTECA GULBENKIAN - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. (<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/>)
BIBLIOTECA UNIVERSIDADE DE ÉVORA - Universidade de Évora, Évora. (<http://www.bib.uevora.pt>)
BIBLIOTECA ISCTE IUL - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa. (<https://catalogo.biblioteca.iscte-iul.pt>)
BIBLIOTECA MUSEU NACIONAL DO AZULEJO - Museu Nacional do Azulejo, Lisboa. (<http://www.museudoazulejo.gov.pt/pt-PT/Coleccao/Biblioteca/ContentList.aspx>)
CENTRO CULTURAL CASAPIANO - Fundação Casa Pia de Lisboa, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

Aben, Rob - **The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape**; Roterdão; 010 Publishers; 1999
Andrade, Manuel Vaz Ferreira de - **Lisboa das sete Colinas**; 1957
Andrade; Maria Filomena; Gonçalves, Iria (orientador tese) - **A Ordem de Santa Clara em Portugal (séculos XIII-XIV) In Obedientia, Sine Próprio, et in Castitate, Sub Clausura**; Lisboa; Tese Doutoramento; História económica e social medieval; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Universidade Nova de Lisboa; 2011
Barbosa, Pedro - **Lisboa: o Tejo, a Terra e o Mar** (e outros estudos); Lisboa; Edições Colibri; 1995
Braunfels, Wolfgang; Laing; Alastair - **Monasteries of Western Europe**; Princeton; Princeton University Press; 1972
Caeiro, Baltasar Matos - **Os Conventos de Lisboa**; Sacavém; Distri. Cop.; 1989
Castel-Branco, Cristina, Oliveira, Sónia - **Necessidades, Jardins e Cerca**; Lisboa; Livros Horizonte; Jardim Botânico da Ajuda; 2001
Corte real, Manuel Henrique - **O Palácio das Necessidades**; Lisboa; Ministério dos Negócios Estrangeiros; 1983
Duarte, Teresa Cristina Pereira; Jorge, Virgulino (orientador tese) - **Mosteiro Medievais de Clarissas em Portugal [texto policopiado]: Contributos para a sua Caracterização Morfológica, Recuperação e Valorização**; Évora; Tese Mestrado; Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico; Universidade de Évora; 2006
El Croquis nº 145, Christian Kerez 2000-2009, Fundamentos Arquitectónicos; Madrid; El Croquis Editorial; 2009
Expo 98; Milheiro, Fernando; Figueira, Maria do Carmo; Amado, Margarida; Baptista, Luísa; Reis, A; Estácio dos - **Pavilhão do Conhecimento dos Mares: Exposição Mundial de Lisboa de 1998**; Lisboa; Expo 98; 1998
Ferreira, Vitor Matias - **Fascínio da Cidade: Memória e Projecto de Urbanidade**; Lisboa; Centro de Estudos Territoriais (ISCTE); Ler Devagar; 2004
Ferro, Luís; Sequeira, Marta (orientador tese) - **O espaço Eremitico de Santa Maria Scala Coeli, a Casa Cartusiana do Alentejo**; Évora; Tese Mestrado; Arquitectura; Universidade de Évora; 2009
Frampton, Kenneth - **Álvaro Siza: Profissão Poética**; Barcelona; Gustavo Gili; 1988
França, José Augusto - **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**; 2ª edição; Lisboa; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; 1989
Fróis, Virgínia - **Conversas à Volta dos Conventos**; Évora; Casa do Sul Editora; 2002
Góis, Damião de - **Descrição da Cidade de Lisboa**; Lisboa; Livros Horizonte; 1988
Koolhaas, Rem - **The Generic City**; 1994
Maiello, Vicenzo; Teixeira, Manuel C. (orientador tese) - **Do Território Monástico à Cidade Conventual [texto policopiado]: As Ordens Mendicantes e o Espaço Urbano no Século XIII. Uma Aproximação ao Caso Português**; Lisboa; Tese Mestrado; Desenho Urbano; Instituto Superior de Ciências do trabalho e da Empresa; 2005
Martins, Rocha - **Lisboa de Ontem e de Hoje: As Colinas da Cidade**; Lisboa; Tip. Emp. Nacional de Publicidade; 1996
Matela, Raquel Sofia de Pinto Lobo e; Tostões, Ana (orientador tese) - **O Papel dos Conventos no Crescimento Urbano, Reflexões sobre Monumentos e Salvaguarda do Património**; Lisboa; Tese Mestrado; Faculdade de Arquitectura; Instituto Superior Técnico; 2009
Mateus, Manuel Aires; Domingos, Pedro; Menezes, João Favila - **Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e a Matinha**; APL; 1ª Fase
Matias, Susana Gonçalves Cacela - **O espaço Conventual nas Ordens Mendicantes [texto policopiado]: O Convento de Nossa Senhora dos Mártires de Alvito**; Lisboa; tese de mestrado; Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos; Universidade Técnica de Lisboa; 2001
Matos, José Sarmento de; Paulo, Jorge Ferreira - **Caminho do Oriente: Guia Histórico II**; Lisboa; Livros Horizonte; 1999
Matos, José Sarmento de; Sacchetti, António - **Lisboa, Um Passeio a Oriente**; 2ª edição; Lisboa; Parque Expo 98; Metropolitano; 1994
McCarter, Robert - **Louis I. Kahn**; Londres; Phaidon Press; 2009
Molina, Santiago de - **Multiples, Estratégias de Arquitectura**; <http://www.santiagodemolina.com/>
Monumentos nº 15; Setembro 2001; Lisboa; Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais; 2001
Monumentos nº 2; Março 1995; Lisboa; Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais; 1995
Nir, Dov - **Man, a Geomorphological Agent: an Introduction to Anthropic Geomorphology**; Jerusalém; D. Reidel; 1983
Norberg-Schulz, Christian - **Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture**; Nova Iorque; Rizzoli New York; 1980
Pais, Alexandre; Campos, Alexandra; Matias, Francisco; Leitão, Alexandra Andresen - **Casa Perfeitíssima: 1509-2009, 500 Anos da Fundação do Mosteiro da Madre de Deus**; Lisboa; Museu Nacional do Azulejo; 2009

Picoito, Pedro - **A Trasladação de S. Vicente Consenso e Conflito na Lisboa do século XII**; Revista Medievalista Online; Ano 4; nº 4; 2008;
<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/middlevalista/MEDIEVALISTA4/meievalista-picoito.htm>

Ribeiro, Orlando; Lautensach, Hermann; Daveau, Suzanne - **Geografia de Portugal: I A Posição Geográfica e o Território**; 1ª edição; Lisboa; João Sá da Costa; 1987-1991

Rossi, Aldo; Monteiro, José Charters - **A Arquitectura da Cidade**; Lisboa; Cosmos; 2001

Saldanha, Sandra Costa; Salgueiro, Alexandra; Pereira, António Nunes - **Mosteiro de São Vicente de Fora: Arte e História**; Lisboa; Centro Cultural do Patriarcado; 2010

Silva, Carlos Guardado - **O Mosteiro de São Vicente de Fora: A Comunidade Regrante e o Património Rural** [séculos XII-XIII]; 1ª edição; Lisboa; Edições Colibri; 2002

Sousa, Bernardo de Vasconcelos - **Ordens Religiosas em Portugal, das Origens a Trento: Guia Histórico**, 1ª edição, Lisboa; Livros Horizonte; 2005

Távora, Fernando - **Da Organização do Espaço**; 2ª edição; Porto; Curso de Arquitectura; Escola Superior de Belas Artes do Porto; 1982

Telles, Gonçalo Ribeiro - **Plano Verde de Lisboa**; 1ª edição; Lisboa; Edições Colibri; 1997

Valente, Maria Teresa Graça; Correia, José Eduardo Horta (orientador tese) - **O Espaço das Igrejas dos Conventos de Clarissas da Província dos Algarves [texto policopiado]**; Faro; Tese Mestrado; História de Arte; Departamento de História, Arqueologia e Património; Faculdade de Ciências Humanas e Sociais; Universidade do Algarve; 2007

Vasconcelos, Luís Mendes de; Alves, José da Felicidade - **Do sítio de Lisboa: Diálogos**; Lisboa; Livros Horizonte; 1990

Vieira, Ana - **Muros de Abrigo**; Catálogo da Exposição; Presidência do Governo dos Açores; Direcção Regional da Cultura; Museu Carlos Machado, Fundação Calouste Gulbenkian; Ponta Delgada; Nova Gráfica; Junho 2010

Xavier, António Manuel Gaspar Mateus - **Das Cercas dos Conventos Capuchos (da Província da Piedade), Contributo para a Definição de uma Política de Recuperação**; Évora; Tese Mestrado; Departamento de Arquitectura Paisagista; Universidade de Évora; 2004

CAPÍTULO 1 – A CIDADE



Fig 1. Orthofotomap do Estuário do Tejo
Realizado pelo autor
Fonte: <http://www.bingmaps.com>



Fig 2. Plan de Lisbonne son port, ses rues et ses environs avec une petite carte routière du Portugal
Autor: Camel-Beauvois
Fonte: arquivo nacional forte do topo



Fig 3. OLISIPO. SIVE UT PERPETUATA LAPIDUM INSCRIPTIONES HABENT. ULYSPIO, VULGO LISBONA FLORENTISSIMUM PORTUGALIA EMPORIUM
Autor: Franz Hogenberg & Georg Braun
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lisbon_-_Lisboa_.1572.jpg



Fig 4. Desenho à pena feito pelo italiano Pier Maria Baldi quando este acompanhou o rei dom João III de Portugal numa viagem à Espanha e Portugal em 1568-69.
Autor: Pier Maria Baldi
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Lisboa_1669.jpg



Fig 5. Execução da gente ribeirinha de Lisboa. Combinção de Carta de Lisboa de 1854-58, da autoria de Felipe Folque, Carta de Lisboa de 1910, da autoria de Silva Pinto e ortofotomap de Lisboa actual
Realizado pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses, <http://www.bingmaps.com>



Fig 6. Vista aérea de Lisboa
Autor: desconhecido
Fonte: Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa. Na área entre Belém e a Matinha



Fig 9. A Cerca do Convento das Necessidades extraída da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca

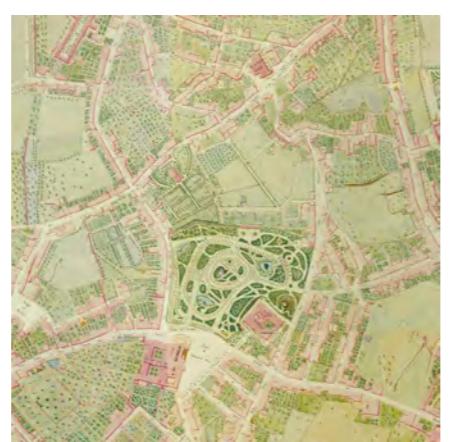


Fig 10. Modo de vida monástico. Cerca e mosteiro da Estrela.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 11. Modo de vida canónico. Cerca e convento da Graça.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 12. Modo de vida mendicante. Cerca e Convento do Coração de Jesus.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 13. Ordenes militares. Cerca e convento da Encarnação. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 14. Pintura do jardim da villa de Livia, Roma
Autor: desconhecido
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_di_Livia#/media/File:Roma-Villa-Livia.jpg

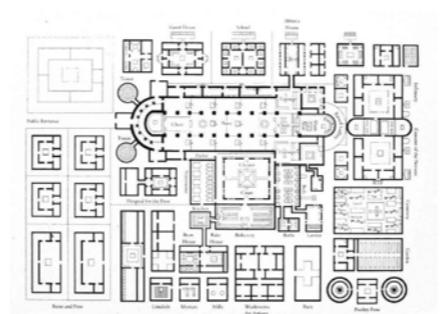


Fig 15. Planta do Mosteiro de Saint Gall na Suíça
Autor: Desconhecido
Fonte: <https://www.studyblue.com/notes/note/r/art-history-101-exam-3/deck/14348029>



Fig 16. Gravura da Abadia de Clairvaux
Autor: Desconhecido
Fonte: <http://www.mediatheque.grand-troyes.fr/webmat2/expos/clairvaux/en/page1.html>



Fig 17. The Garden of Eden. Städelsches Kunstinstitut, Frankfurt
Autor: Desconhecido
Fonte: <http://german.ts.wisc.edu/~smoecherheim/gr601/kunst/mittelalter/mittelalter.htm>



Fig 18. Título Desconhecido
Autor: Guillaume de Lorris et Jean de Meun
Fonte: <http://upictura18.univ-montp3.fr/GenerateurNotice.php?numNotice=A0392>



Fig 19. Título Desconhecido
Autor: Desconhecido
Fonte: Desconhecida

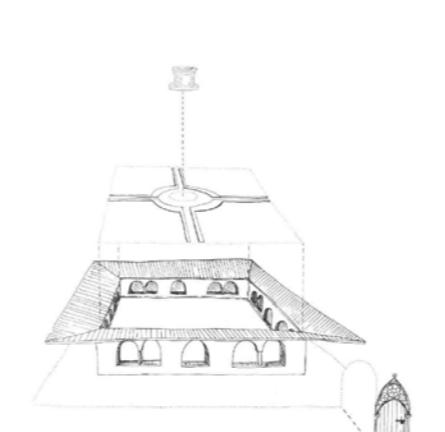


Fig 20. Modelo espacial de Hortus Contemplationis
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

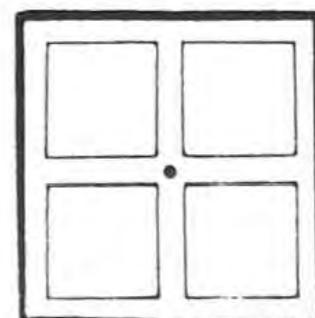


Fig 21. Esquema de Hortus Contemplationis
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

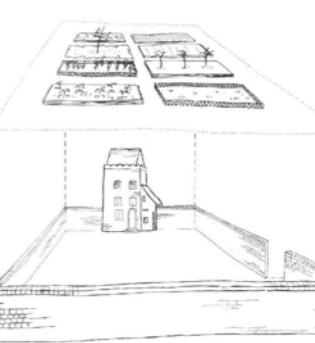


Fig 22. Modelo espacial de Hortus Catalogi
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

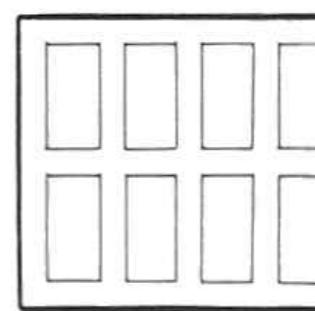


Fig 23. Esquema de Hortus Catalogi
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

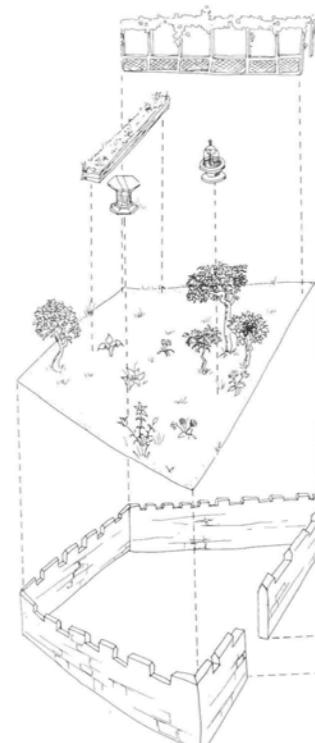


Fig 24. Modelo espacial de Hortus Ludi
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

CAPÍTULO 3 – AS CERCAS

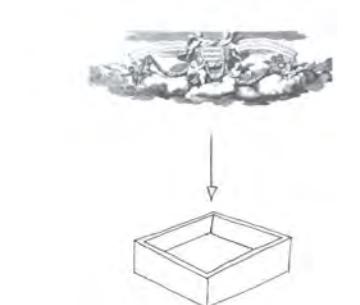


Fig 7. Modelo de Hortus Conclusus
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape

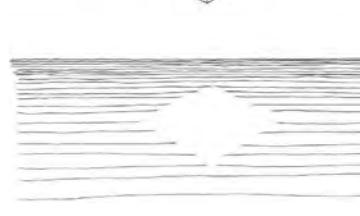


Fig 8. A Cerca do Convento dos Capuchos em Sintra
Autor: W. B. Brunett
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 9. A Cerca do Convento das Necessidades em Lisboa
Autor: desconhecido
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 10. Modo de vida monástico. Cerca e mosteiro da Estrela.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 11. Modo de vida canónico. Cerca e convento da Graça.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 12. Modo de vida mendicante. Cerca e Convento do Coração de Jesus.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 13. Ordenes militares. Cerca e convento da Encarnação. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 14. Pintura do jardim da villa de Livia, Roma
Autor: desconhecido
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_di_Livia#/media/File:Roma-Villa-Livia.jpg

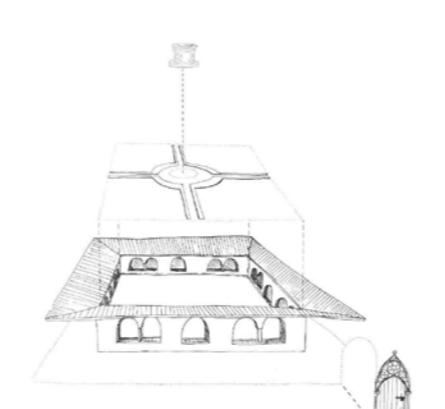


Fig 15. Planta do Mosteiro de Saint Gall na Suíça
Autor: Desconhecido
Fonte: <https://www.studyblue.com/notes/note/r/art-history-101-exam-3/deck/14348029>



Fig 16. Gravura da Abadia de Clairvaux
Autor: Desconhecido
Fonte: <http://www.mediatheque.grand-troyes.fr/webmat2/expos/clairvaux/en/page1.html>

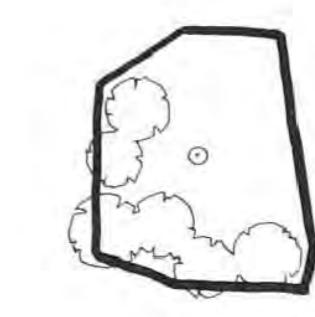


Fig 17. The Garden of Eden. Städelsches Kunstinstitut, Frankfurt
Autor: Desconhecido
Fonte: <http://german.ts.wisc.edu/~smoecherheim/gr601/kunst/mittelalter/mittelalter.htm>



Fig 18. Título Desconhecido
Autor: Desconhecido
Fonte: Desconhecida

Fig 19. Título Desconhecido
Autor: Desconhecido
Fonte: Desconhecida

Fig 20. Modelo espacial de Hortus Contemplationis
Autor: Rob Aben
Fonte: The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and its Reinroduction into the Present-day Urban Landscape



Fig 24. O Genius Loci
Autor: Desconhecido
Fonte: <https://betterarchitecture.files.wordpress.com/2015/03/p0004.jpg>



Fig 25. O Rossio antes do Terremoto de 1755
Autor: Zucarte
Fonte: publicação selecções 15 Anos, Biblioteca Nacional de Lisboa



Fig 26. O Convento das Necessidades visto de Alcântara, 1820
Autor: Desconhecido
Fonte: O Palácio das Necessidades



Fig 27. Grande panorama de Lisboa. Museu Nacional do Azulejo
Alterado pelo autor
Fonte: Casa Portugalmais: 1509-2009, 500 Anos da Fundação do Mosteiro da Madre de Deus



Fig 28. Cerca e convento da das Necessidades. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 29. Cerca e convento de São Bento. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 30. Cerca e convento da das Necessidades. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 31. Cerca e convento da Estrela. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 32. Cerca e convento das Mónicas. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 33. Cerca e convento da Graça. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 34. Cerca e convento da Madre de Deus. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 35. Cerca e convento dos Barbadinhos. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 36. Cerca e convento do Beato. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 37. Cerca e convento das Iglesinhas. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses

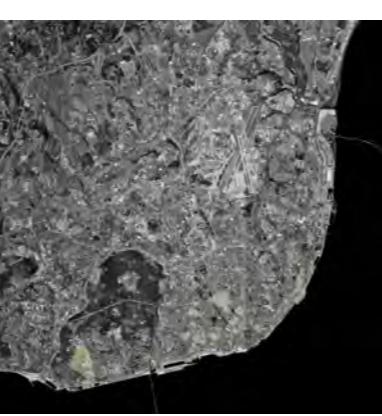


Fig 38. Cerca e convento da Estrela. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58
Autor: Felipe Folque
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 39. Universo relacionados. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58 de Felipe Folque
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 40. Inventário das cercas conventuais e monásticas de Lisboa.
Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58 de Felipe Folque
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 41. Inventário das cercas conventuais e monásticas de Lisboa.
Extraído da Carta de Lisboa de 1910 de Silva Pinto
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses

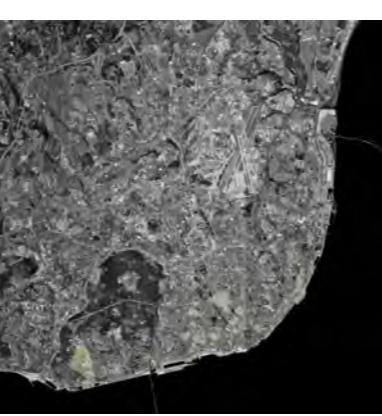


Fig 42. Inventário das cercas conventuais e monásticas de Lisboa a partir do ortofotógrafo da cidade actual
Realizada pelo autor
Fonte: <http://www.bingmaps.com>



Fig 43. Tomada de Lisboa aos mouros. Painel de azulejos existente no portão do Mosteiro de São Vicente de Fora
Autor desconhecido
Fonte: Mosteiro de São Vicente de Fora: Arte e História



Fig 44. Acampamentos de exército sitiador na conquista de Lisboa em 1147
Autor desconhecido
Fonte: Mosteiro de São Vicente de Fora: Arte e História



Fig 45. Somos depois levados ao templo de S. Vicente de Fora
Autor desconhecido
Fonte: Arquivo fotográfico da câmara municipal de Lisboa

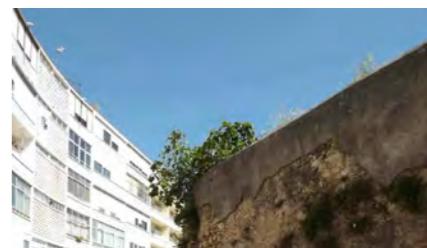


Fig 46. LISBONA PER PRAECLARA PORTUGALIAE METROPOLIS
Arquitecto Rombout van den Hoek
Fonte: Arquivo nacional forte do tomb



Fig 47. Muro da antiga cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora
Realizado pelo autor



Fig 48. Planta de implantação da cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora. Extraído da Carta de Lisboa de 1854-58 de Felipe Folque
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses

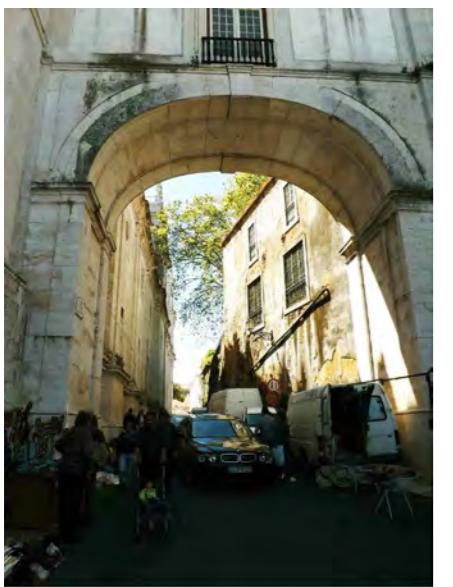


Fig 50. Arco que ligava o Mosteiro da São Vicente de Fora à antiga cerca
Realizada pelo autor



Fig 56. Muro que delimita o largo de São Vicente de Fora e desenha a entrada para o Mosteiro
Realizada pelo autor

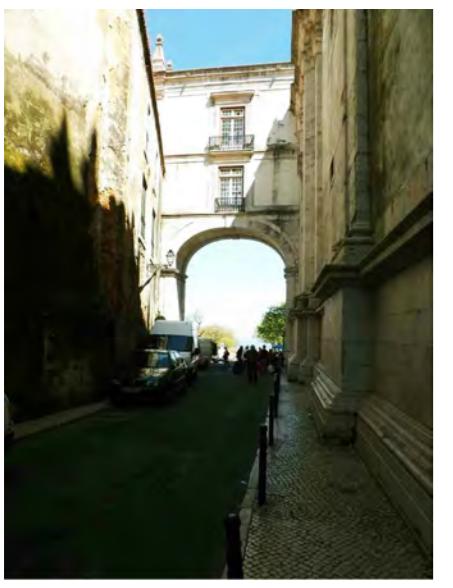


Fig 51. Arco que ligava o Mosteiro da São Vicente de Fora à antiga cerca
Realizada pelo autor



Fig 57. Muro da parte Sul da cerca de São Vicente de Fora, visto a partir do Campo de Santa Clara
Realizada pelo autor



Fig 52. Vista para o Telheiro de São Vicente de Fora a partir do Mosteiro de São Vicente de Fora
Realizada pelo autor



Fig 58. Vista do arco do Mosteiro de São Vicente de Fora com terraço adjacente
Realizada pelo autor



Fig 53. Entrada na cerca de São Vicente de Fora a partir do Telheiro de São Vicente de Fora
Realizada pelo autor



Fig 59. A beleza do Vale de Alcântara idealizada no séc. XIX
Autor: Noé
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 54. Entrada na cerca de São Vicente de Fora a partir do Telheiro de São Vicente de Fora. Vista da rua do arco grande de cima.
Realizada pelo autor



Fig 55. Muro que delimita o largo de São Vicente de Fora e desenha a entrada para o Mosteiro
Realizada pelo autor



Fig 62. Palácio e Convento das Necessidades e o cais de Alcântara, 1804
Autor: a confirmar
Fonte: O Palácio das Necessidades



Fig 43. Convento das Necessidades. Parte onde habitou D. Fernando após o casamento de D. João V.
Autor: a confirmar
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 44. Largo e o Palácio das Necessidades
Autor: a confirmar
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 65. O Palácio das Necessidades, aguarela
Autor: a confirmar
Fonte: Necessidades, Jardins e Cerca



Fig 66. Planta de implantação da cerca do Convento das Necessidades. Extrado da Carta de Lisboa de 1856-58 de Felipe Folch
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses



Fig 47. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do interior da cerca
Realizada pelo autor

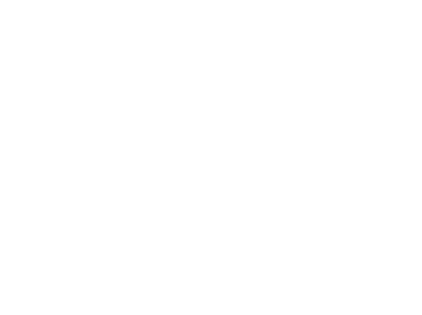


Fig 67. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto do exterior
Realizada pelo autor



Fig 68. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do exterior
Realizada pelo autor



Fig 69. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do exterior, junto ao Largo das Necessidades
Realizada pelo autor



Fig 70. Vista do arco que liga o Convento ao Palácio das Necessidades
Realizada pelo autor



Fig 71. Vista do muro exterior da Cerca das Necessidades visto do exterior
Realizada pelo autor



Fig 72. Vista do muro que define e conecta a Horta dos Frades (hortus catalogi) com o jardim do buxo (hortus contemplationis)
Realizada pelo autor



Fig 73. Vista do muro que define e conecta a Horta dos Frades (hortus catalogi) com o jardim do buxo (hortus contemplationis)
Realizada pelo autor



Fig 74. Vista do muro que define e conecta a Horta dos Frades (hortus catalogi) com o jardim do buxo (hortus contemplationis)
Realizada pelo autor



Fig 75. Vista do muro que define e conecta o jardim do buxo (hortus contemplationis) com a mata da cerca (hortus ludi)
Realizada pelo autor



Fig 76. Vista do muro que define e conecta o jardim do buxo (hortus contemplationis) com a mata da cerca (hortus ludi)
Realizada pelo autor



Fig 77+78. Vista do muro que define e conecta o jardim do buxo (hortus contemplationis) com a mata da cerca (hortus ludi)
Realizada pelo autor



Fig 79+80. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do interior e exterior da cerca
Realizada pelo autor



Fig 81. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do interior da cerca
Realizada pelo autor



Fig 82. Vista do muro exterior da cerca das necessidades visto a partir do exterior
Realizada pelo autor



Fig 83. Vista da casa de fresco da Cerca das Necessidades e muro de suporte adjacente
Realizada pelo autor



Fig 84. Vista do muro de suporte de terreno adjacente à casa de fresco da Cerca das Necessidades
Realizada pelo autor



Fig 85. Vista do muro de suporte de terreno adjacente à casa de fresco da Cerca das Necessidades
Realizada pelo autor



Fig 86. Vista do corpo de acesso ao convento
Realizada pelo autor



Fig 87. Vista do corpo de acesso ao convento
Realizada pelo autor



Fig 88. Vista do corpo de acesso ao convento
Realizada pelo autor



Fig 89+90. Vista do corpo de acesso ao convento
Realizada pelo autor



Fig 91. Vista da ruela existente entre o Convento e o Palácio das Necessidades
Realizada pelo autor



Fig 92. Vista do muro que define a Norte a hora das frades e o jardim do buxo.
Realizada pelo autor



Fig 93. Vista do muro que define a Norte a hora das frades e o jardim do buxo.
Realizada pelo autor



Fig 94. Vista do muro que define a Norte a hora das frades e o jardim do buxo.
Realizada pelo autor

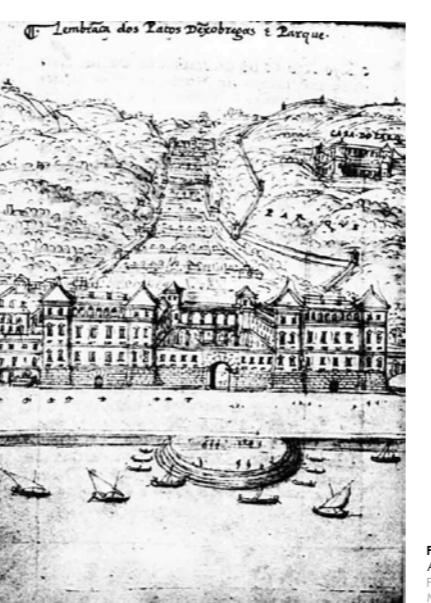


Fig 95. O antigo Poco de Xabregas
Fonte: desconhecido
Fonte: Casa Perfeitíssima: 1509-2009, 500 Anos da Fundação do Mosteiro da Madre de Deus



Fig 96. Vista do Convento da Madre de Deus, 1642
Autor: desconhecido
Fonte: Casa Perfeitíssima: 1509-2009, 500 Anos da Fundação do Mosteiro da Madre de Deus



Fig 97. Torre do Convento da Madre de Deus, ant. 1895
Autor: Augusto Babone
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 98. Palácio dos Marqueses de Nisa / Asilo D. Maria Pia, ant. 1895
Autor: Augusto Babone
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 99. Claustro do Convento da Madre de Deus, ant. 1895
Autor: Augusto Babone
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

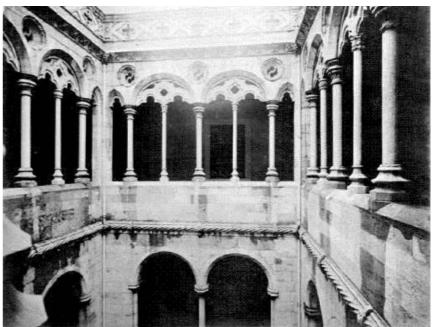


Fig 100. Claustro do Convento da Madre de Deus, ant. 1895
Autor: Augusto Babone
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

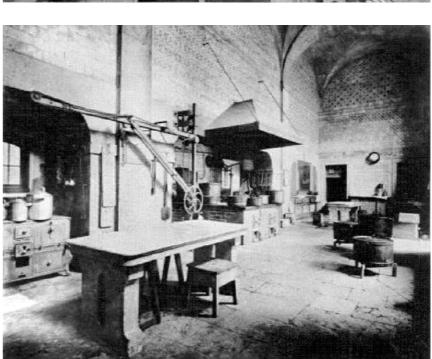


Fig 101. Cozinha do Asilo D. Maria Pia, ant. 1895
Autor: Augusto Babone
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 102. Antigo mercado de Xabregas depois de uma cheia, 1946
Autor: Ferreira da Cunha
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 103. Fábrica de tabaco de Xabregas (óleo sobre tela), 1859
Autor: J. Pedrozo
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 103. Rua de Xabregas, 1938
Autor: Eduardo Portugal
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 103. Antigo mercado de Xabregas, 1937
Autor: Eduardo Portugal
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fig 104. Planta de implantação da cerca do Convento da Madre de Deus. Extrado da Carta de Lisboa de 1854-58 de Felipe Folque
Alterada pelo autor
Fonte: Centro de Estudos Olisiponenses

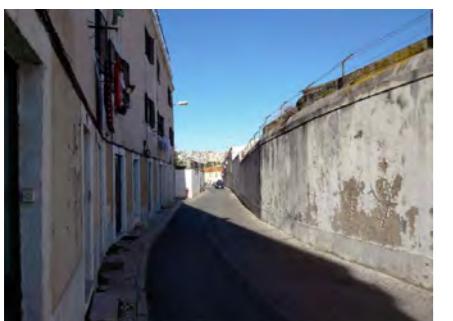


Fig 105. Vista do muro, a partir da Estrada de Chelas, que corresponderia à antiga cerca do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 106. Vista do muro de contenção que define o jardim do Muzeu do Atulejo
Realizada pelo autor



Fig 107. Vista do muro de contenção que define o jardim do Muzeu do Atulejo
Realizada pelo autor

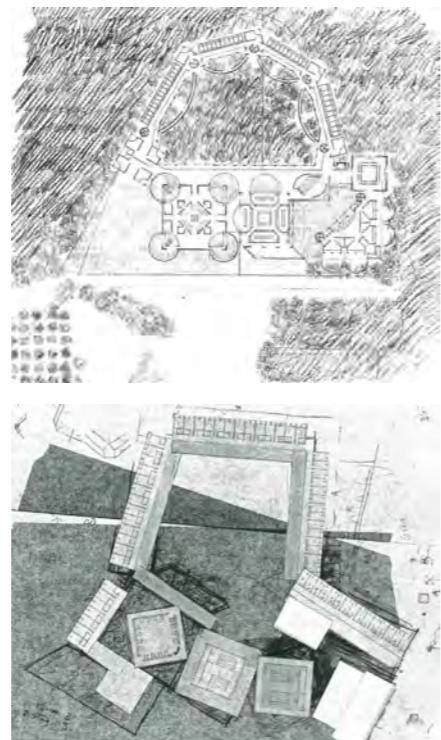


Fig 108. Estudo inicial de projecto para a Dominican Motherhouse
Autor: Louis I. Kahn
Fonte: Louis I. Kahn

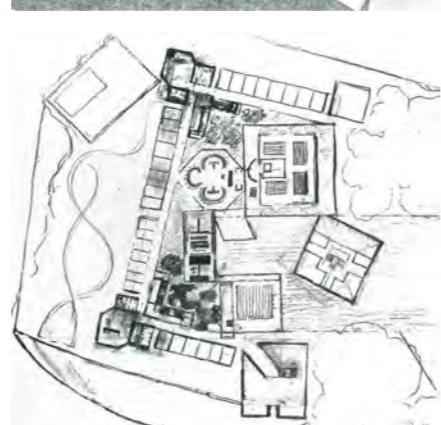


Fig 109. Estudo inicial de projecto para a Dominican Motherhouse
Autor: Louis I. Kahn
Fonte: Louis I. Kahn

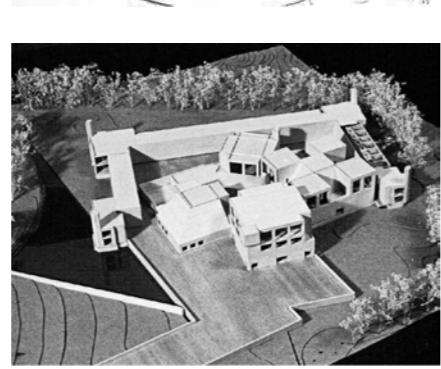


Fig 110. Estudo inicial de projecto para a Dominican Motherhouse
Autor: Louis I. Kahn
Fonte: Louis I. Kahn

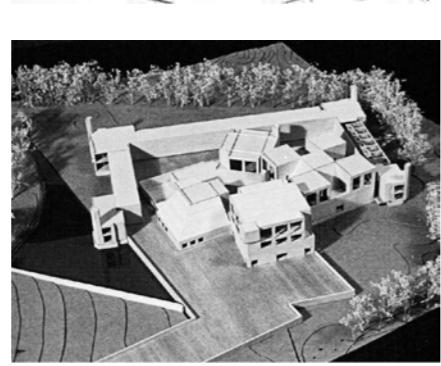


Fig 111. Maquete com a versão final da Dominican Motherhouse
Autor desconhecido
Fonte: Louis I. Kahn

CAPÍTULO 5 – PROJECTO

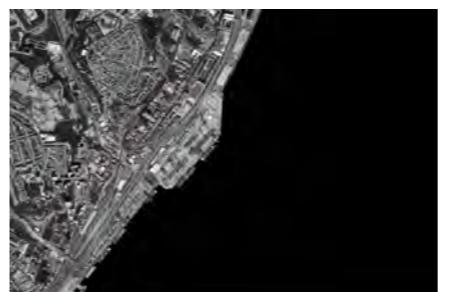


Fig 112. Ortofotomap da zona de Xabregas
Realizada pelo autor
Fonte: <http://www.bingmaps.com>

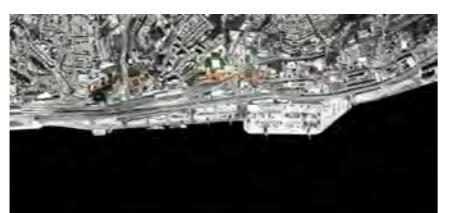


Fig 113. Ortofotomap da zona de Xabregas com a implantação do Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa
Realizada pelo autor
Fonte: <http://www.bingmaps.com>



Fig 114. Vista, a partir da Rua da Madre de Deus, da entrada Sul do recinto do Asilo D. Maria Pia
Realizada pelo autor



Fig 115. Vista do muro, a partir da Rua da Madre de Deus, do recinto do Asilo D. Maria Pia
Realizada pelo autor



Fig 116. Vista do Beco da Horta das Canas
Realizada pelo autor



Fig 117. Vista, a partir da Rua Guidilim Pais, do Palácio dos Marqueses de Nisa / Asilo D. Maria Pia
Realizada pelo autor



Fig 118. Vista da Travessa da Amorosa
Realizada pelo autor



Fig 119. Vista da Rua Guidilim Pais
Realizada pelo autor



Fig 120. Vista do muro, a partir da Estrada de Chelas, que corresponderia à antiga cerca do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 121. Vista do muro, a partir da Estrada de Chelas, que corresponderia à antiga cerca do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 122. Vista do muro, a partir da Rua Nelson Barros, que corresponderia à antiga cerca do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 123. Vista do muro, a partir da Rua Nelson Barros, que corresponderia à antiga cerca do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 124. Vista do claustro do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor

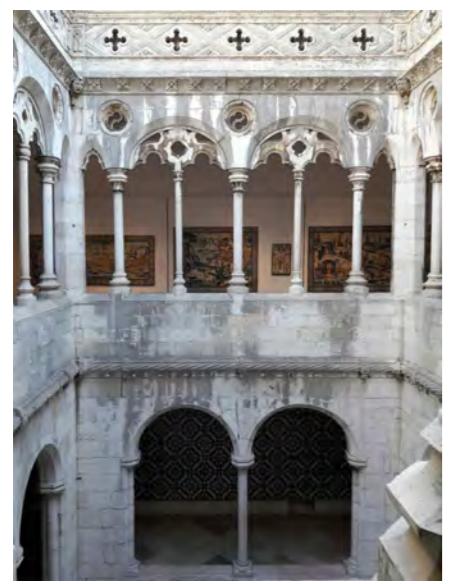


Fig 125. Vista do claustro do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 126. Vista da igreja do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor

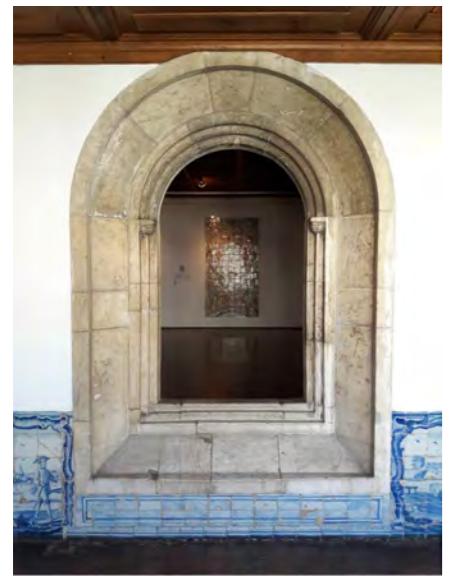


Fig 127. Vista de um vão do claustro do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 128. Vista, a partir da Rua da Madre de Deus, do Alçado do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 129. Vista da escadaria do claustro do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 130. Vista, a partir da Rua da Madre de Deus, do Alçado do Convento da Madre de deus, pormenor da entrada da igreja
Realizada pelo autor

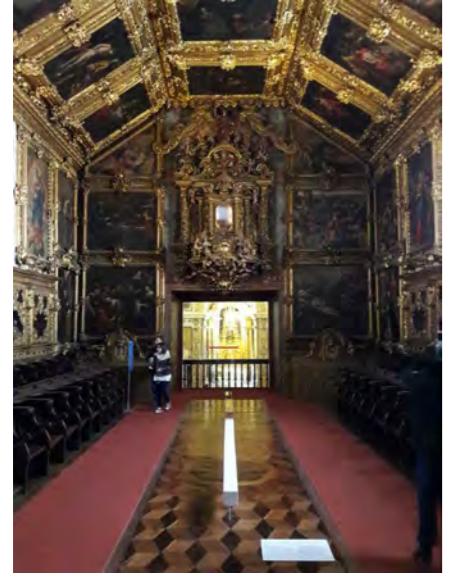


Fig 131. Vista do coro do Convento da Madre de deus
Realizada pelo autor



Fig 132. Vista, a partir da Rua da Madre de Deus, do pátio de entrada no Museu Nacional do Azulejo
Realizada pelo autor

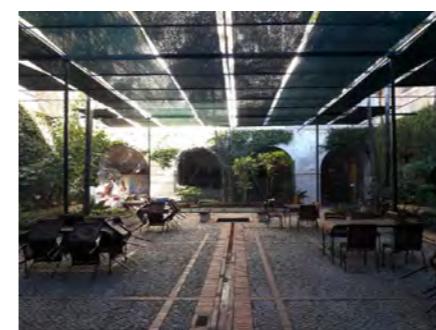


Fig 134. Vista do pátio do restaurante do Museu Nacional do Azulejo
Realizada pelo autor



Fig 135. Vista aérea do projecto do centro de cultura contemporânea. Modelo tridimensional
Realizada pelo autor



Fig 136. Vista da praça expositiva. Modelo tridimensional
Realizada pelo autor

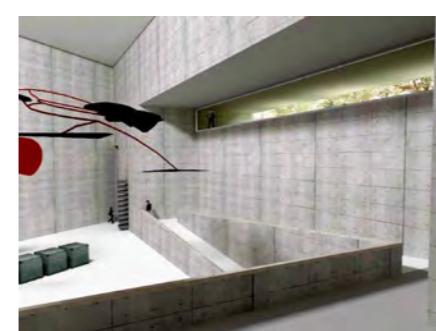


Fig 137. Vista do salão de exposições. Modelo tridimensional
Realizada pelo autor



Fig 138. Vista do pátio da mediateca e arquivo. Modelo tridimensional
Realizada pelo autor

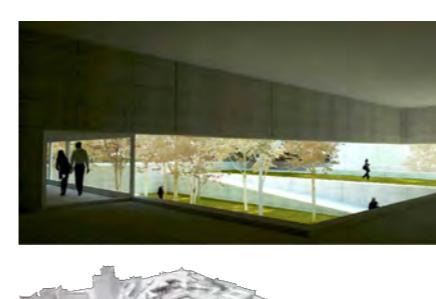


Fig 139. Vista do pátio da cafeteria. Modelo tridimensional
Realizada pelo autor



Fig 140. Fotografia da maquete do Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa
Realizada pelo autor

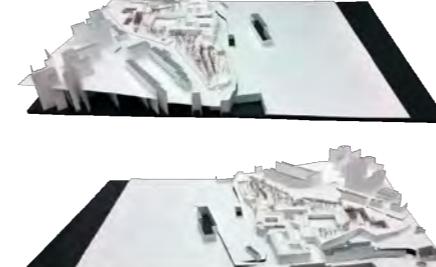


Fig 141. Fotografia da maquete do Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa
Realizada pelo autor



Fig 142. Fotografia da maquete do Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa
Realizada pelo autor